

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens

Cláudia Isabella Mourão

BOMBAR NAS REDES: A JORNADA DISCURSIVA ATÉ A VIRALIZAÇÃO

Belo Horizonte
2024

Cláudia Isabella Mourão

BOMBAR NAS REDES: A JORNADA DISCURSIVA ATÉ A VIRALIZAÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestra em Estudos de Linguagens.

Orientadora: Prof.^a Dra. Carla Barbosa Moreira

Área de concentração: Tecnologia e Processos Discursivos

Belo Horizonte
CEFET-MG
2024

Mourão, Cláudia Isabella.
M929b Bombar nas redes : a jornada discursiva até a viralização /
Cláudia Isabella Mourão. – 2024.
119 f. : il.
Orientadora: Carla Barbosa Moreira.

Dissertação (mestrado) – Centro Federal de Educação
Tecnológica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em
Estudos de Linguagens, Belo Horizonte, 2024.
Bibliografia.

1. Análise do discurso. 2. Jornalismo digital. 3. Discurso digital. 4.
Jornalismo - Discursos. 5. Mídia digital - Impactos sociais. I. Moreira,
Carla Barbosa. II. Título.

CDD: 401.41



CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM ESTUDOS DE LINGUAGENS

**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE APRESENTAÇÃO E DEFESA DE DISSERTAÇÃO PARA
OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRA EM ESTUDOS DE LINGUAGENS**

No dia 19 de setembro de 2024, às 10h, na sala 330 do Campus Nova Suíça do CEFET-MG, reuniu-se a Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do CEFET-MG, constituída pelos membros: Prof.^a Dr.^a Carla Barbosa Moreira (Orientadora) (CEFET-MG), Prof.^a Dr.^a Daniella Lopes Dias Ignácio Rodrigues (PUC Minas), Prof.^a Dr.^a Giani David Silva (CEFET-MG) e Prof.^a Dr.^a Leticia Santana Gomes (UFOP) para examinar o trabalho da mestranda **CLÁUDIA ISABELLA MOURÃO**, sob o título: *BOMBAR NAS REDES: A JORNADA DISCURSIVA ATÉ A VIRALIZAÇÃO*. A Prof.^a Dr.^a Carla Barbosa Moreira, Presidente da sessão pública de apresentação e defesa de dissertação de mestrado, declarou aberta a sessão, passando a palavra à mestranda **CLÁUDIA ISABELLA MOURÃO**, para que expusesse sua dissertação. Terminada a exposição, a Presidente passou a palavra para a Banca Examinadora, que iniciou a arguição. Em seguida, reuniu-se a Banca Examinadora para deliberação. Ao retornar, a Presidente deu conhecimento à candidata de que sua dissertação foi aprovada e que, no prazo de 60 dias, deverá incluir as sugestões da Banca. Nada mais havendo a tratar, a Presidente declarou encerrada a sessão. Para constar, foi lavrada esta ata, que será assinada pela Presidente e pelos demais membros da Banca Examinadora.

Prof.^a Dr.^a Carla Barbosa Moreira (Orientador)
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Prof.^a Dr.^a Daniella Lopes Dias Ignácio Rodrigues
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Prof.^a Dr.^a Giani David Silva
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Prof.^a Dr.^a Leticia Santana Gomes
Universidade Federal de Ouro Preto

“Estude...

O conhecimento é algo que ninguém vai tirar de você.”

Vó Sylvia Mourão.

AGRADECIMENTOS

Escrever este agradecimento é resgatar, na memória e no coração, uma fase de grandes transformações na minha vida. Do retorno às salas de aula, dos “recreios”, dos queridos colegas, dos professores maravilhosos e do acolhimento carinhoso que encontrei no CEFET-MG – instituição que me recebeu como aluna de disciplina isolada, e em 2022, como estudante regular do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens.

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, por ter me dado a oportunidade de estar aqui.

Ao longo do percurso que marcou o desenvolvimento deste trabalho, muitas pessoas foram importantes para que eu conseguisse chegar até aqui. Quero agradecer à minha querida orientadora, Carla Barbosa Moreira, pela compreensão, apoio incondicional e dedicação a este trabalho. Às professoras Giani David Silva e Daniella Lopes Dias Ignácio Rodrigues, pelas valiosas contribuições dadas no exame de qualificação, essenciais para que a pesquisa adquirisse mais consistência e maior profundidade. Aos docentes do Posling que, no decorrer das aulas (presenciais e remotas) de suas disciplinas, foram importantes no aprimoramento de minha formação acadêmica. Aos colegas que compartilharam comigo os desafios da pesquisa na Análise do Discurso. Aos colegas da TV Globo em Minas, que me apoiaram nesta caminhada. E à Letícia Santana, por cada “Respira... Vai dar certo!”... E deu!

Em especial, quero agradecer aos meus eternos amigos, Fernanda Nalon Sanglard e Joarle Magalhães, pelo incentivo, pelo apoio incondicional, pelas orientações e por serem minhas inspirações.

À minha família, por ser a minha base e por ter se esforçado muito para me proporcionar as melhores condições para que eu pudesse estudar, construir minha vida profissional e, agora, alcançar a tão esperada conclusão do mestrado. E, por fim, quero agradecer ao meu companheiro de vida e jornada, Helton Martins, que sempre esteve ao meu lado – compartilhando a felicidade de ter sido aprovada e me incentivando e apoiando nos dias e noites de estudos.

Essa conquista é nossa! Muito obrigada a todos!

RESUMO

Em um mundo cada vez mais digital, “viralizar nas redes” tornou-se um objetivo a ser alcançado por quem busca visibilidade, status e, conseqüentemente, aumento do faturamento. Estamos nos referindo a pessoas comuns, celebridades, empresas e, também, do telejornalismo. Quando um assunto, um vídeo, ou um meme ganha repercussão e chega a muitas pessoas rapidamente, na velocidade proporcionada no meio digital, fala-se que viralizou. Sendo assim, esta pesquisa se propõe a analisar, discursivamente, a construção dos efeitos de sentidos em situação de cobertura jornalística “ao vivo” quando algo inesperado acontece e viraliza. Nossa intenção é identificar os sentidos que são atribuídos a acontecimentos jornalísticos, veiculados em coberturas “ao vivo”, que viralizam na ordem do digital. O que buscamos, nesta pesquisa, é analisar a produção de imaginários no movimento discursivo a partir do imprevisto em relação à pauta de reportagem. Como se explica a viralização de algo que ocorre durante a cobertura ao vivo? Como podemos analisar, sob o prisma discursivo, os sentidos construídos por meio do equívoco, do inesperado, do inusitado, da surpresa? O que provoca tanta identificação entre os telespectadores que os motiva a replicar as cenas da televisão em suas redes sociais, grupos de mensagens e rodas de conversas? Essas são questões que buscamos responder nesta pesquisa, inscrita no quadro teórico-metodológico da Análise de Discurso (AD), de vertente francesa, fundamentada na determinação histórica dos processos de significação. Ao analisarmos trechos de coberturas jornalísticas ao vivo, focamos nosso trabalho na ordem e nos efeitos de sentidos produzidos pelos discursos dos conteúdos viralizados, por meio das práticas sócio-históricas materializadas na linguagem e na imagem. Dessa forma, esta pesquisa visa contribuir para expandir o entendimento da AD no contexto do telejornalismo digital, uma vez que a viralização de conteúdos abordados em telejornais não só amplia o alcance das notícias, como transforma as relações de poder entre mídia e público. Assumindo, assim, um papel ativo na construção da agenda mediática.

Palavras-chave: Viralização. Análise de Discurso. Discurso jornalístico. Discurso digital.

ABSTRACT

In an increasingly digital world, “going viral on social networks” has become a goal to be achieved by those seeking visibility, status and, consequently, increased revenue. We are referring to ordinary people, celebrities, companies and also television journalism. When a topic, a video, a meme gains repercussion and reaches many people quickly, at the speed provided by social networks, it is said to have gone viral. Therefore, this research proposes to analyze, discursively, the construction of the effects of meaning in a situation of live journalistic coverage when something unexpected happens and goes viral. Our intention is to investigate which discursive resources are used and which are silenced during this enunciation process, especially when an unforeseen event occurs and the scene itself receives more attention than the reported news itself. How do you explain something that happens during live coverage going viral? How can we analyze, from a discursive perspective, the meanings constructed through mistakes, the unexpected, the unusual, the surprise? What causes so much identification among viewers that motivates them to replicate television scenes on their social networks, message groups and chat circles? These are questions that we seek to answer in this research, within the theoretical-methodological framework of Discourse Analysis (DA), of French origin, based on the historical determination of meaning processes. When analyzing excerpts from live news coverage, we focus our work on the order and effects of meaning produced by the discourses of viral content, through socio-historical practices materialized in language and image. In this way, this research aims to contribute to expanding the understanding of AD in the context of digital television journalism, since the viralization of content covered in television news not only expands the reach of news, but also transforms power relations between the media and the public. Thus assuming an active role in building the media agenda.

Keywords: Viralization. Discourse Analysis. Journalistic discourse. Digital discourse.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – O meme <i>Dancing Baby</i>	29
Figura 2 – Meme Ruth Lemos	30
Figura 3 – Esquema da viralização	40
Figura 4 – Entrevista da passageira Leila de Oliveira no Bom Dia Minas 00'42'' a 01'13	66
Figura 5 – Apresentadores chamam a equipe de reportagem ao vivo 0'00 a 0'40.....	70
Figura 6 – Leila surge em cena 0'40 a 0'45	72
Figura 7 – Leila “rouba” a cena 0'42 a 0'49	72
Figura 8 – Repórter vai atrás da passageira 0'49 e 1'13	74
Figura 9 – Entrevista da Leila 0'50 a 1'12	76
Figura 10 – Passageiros reforçam o discurso da Leila 1'04 a 1'06.....	83
Figura 11 – “Leila de Oliveira”: a assinatura 1'01 a 1'02	83
Figura 12 – Leila aponta o dedo para a câmera 0'46 a 0'48	86
Figura 13 – Leila em posição de confronto 1'01 a 1'02.....	87
Figura 14 – Leila encara a câmera 1'01 a 1'02	87
Figura 15 – Leila sai de cena	88
Figura 16 – Repórter Júlia Guimarães sofre assédio na Copa do Mundo de 2018.....	92
Figura 17 – Apresentadores do Fantástico chamam reportagem sobre o assédio	95
Figura 18 – Júlia Guimarães posicionada para entrar ao vivo.....	97
Figura 19 – Júlia Guimarães observa homem se aproximando	98
Figura 20 – Homem se aproxima de Júlia Guimarães.....	98
Figura 21 – Júlia Guimarães se esquivava do homem	98
Figura 22 – Júlia Guimarães se afasta do homem	
Figura 23 – Júlia Guimarães repreende o homem	100
Figura 24 – Júlia Guimarães reforça a ordem.....	100
Figura 25 – Homem pede desculpas.....	104
Figura 26 – Júlia se posiciona 0'34 a 0'36.	105
Figura 27 – Júlia reforça a repreensão 0'37 a 0'39.	106
Figura 28 – Júlia Guimarães dá lição de moral 0'37 a 0'39.....	106
Figura 29 – Júlia Guimarães finaliza o sermão 0'39 a 0'41.....	107
Figura 30 – Júlia Guimarães no ar após o assédio 0'26 a 1'23.	108

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Análise do Discurso
CEFET-MG	Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
RNP	Rede Nacional de Ensino e Pesquisa
SD	Sequências Discursivas

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	12
1 DIÁLOGOS INICIAIS: O INÍCIO DE UMA JORNADA DISCURSIVA.....	14
1.1 INTRODUÇÃO	14
1.2 JUSTIFICATIVA	14
1.3 TEMA E OBJETIVOS.....	16
1.4 OS CAPÍTULOS	19
2. POR DENTRO DA PESQUISA.....	20
2.1 O <i>CORPUS</i>	20
3 DAS TELAS À VIRALIZAÇÃO: A REVOLUÇÃO DIGITAL E SEUS EFEITOS....	26
3.1 VIRALIZAÇÃO: UMA ANÁLISE DISCURSIVA.....	28
4 QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO	33
4.1 A TEORIA DA ANÁLISE DE DISCURSO.....	33
4.2 COMO COMPREENDER O DISCURSO DIGITAL?	38
5 INSTRUMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA ANÁLISE DE DISCURSO	44
6 O “AO VIVO” E SUAS NARRATIVAS	54
7 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DOS DISCURSOS E PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	59
8 LEILA, A LENDA.....	65
8.1 VOZES QUE ECOAM – A ANÁLISE DO CASO DA LEILA DE OLIVEIRA.....	67
9 O BEIJO NA REPÓRTER	91
9.1 A REVOLTA CONTRA O DESRESPEITO – A ANÁLISE DO CASO DA JÚLIA GUIMARÃES	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	110
REFERÊNCIAS	117

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Como repórter de televisão desde 2010, acompanho, de perto, algumas transformações pelas quais o telejornalismo vem passando nos últimos anos. E confesso que a “falta de rotina” de uma redação de Jornalismo é algo que sempre me atraiu bastante na profissão. Em 2007, quando conquistei o meu diploma na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, no dia seguinte já tinha à minha frente um grande desafio – um microfone de rádio – da extinta Rádio Panorama. Direto de um aquário, os ouvintes podiam ver aquela jovem jornalista, com apenas 23 anos, transmitindo notícias de hora em hora. Ali eu conheci, de perto, a magia do “ao vivo”. O rádio, que sempre foi sinônimo de instantaneidade, foi a minha primeira e grande escola da prática jornalística. Diante daquele microfone, comecei a aprender sobre como “ter jogo de cintura” para lidar com os inúmeros imprevistos que podem – e sempre acontecem – no dia a dia de um jornalista.

Desde então, continuo aprendendo e me surpreendendo com os desafios da minha profissão – de tentar seguir um roteiro jornalístico de uma pauta e me deparar, diariamente, com os factuais¹, as cenas inusitadas e os imprevistos que me fazem mudar não só a forma de contar uma história, como também me ajudam a enxergar os fatos de outras maneiras. É o movimento constante que altera a direção do meu olhar, muda os sentidos que eu esperava encontrar diante de uma notícia e cria muitos outros.

E se, por acaso, algum “deslize” ocorre durante uma cobertura “ao vivo” com a equipe de reportagem e o trecho do vídeo vai para a Internet, há uma possibilidade da cena se transformar em um meme² e viralizar. Foi por conta dessa situação específica que também motivou esta pesquisa. Nas próximas páginas, caro(a) leitor(a), serão colocados como objeto de estudo uma notícia que viralizou e que eu, enquanto repórter, estava inserida no contexto de produção e de veiculação. Dessa forma, o desafio foi ainda maior: tentar distanciar desses acontecimentos e trazer o meu olhar como pesquisadora.

¹ Notícias veiculadas pela mídia sobre acontecimentos inesperados. Acidentes, catástrofes, crimes etc. Assim, pode-se dizer que a notícia é um texto de caráter temporal, diretamente ligado aos fatos recentes e que traz um assunto relevante e atraente para o leitor. Disponível em: <https://descomplica.com.br/d/vs/aula/textos-jornalisticos-3-reportagem/>. Acesso em: 20 de ago. 2024.

² No contexto da Internet, meme é uma mensagem quase sempre de tom jocoso ou irônico que pode ou não ser acompanhada por uma imagem ou vídeo e que é intensamente compartilhada por usuários nas mídias sociais. Sua natureza estrutural, imagética, irônica e jocosa cria as condições necessárias para que seja replicado no espaço virtual. São cenas engraçadas que ironizam ou criticam situações do cotidiano. Nem tudo que viraliza é um meme. Mas todo meme passa pelo processo de viralização. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252016000300018#:~:text=No%20contexto%20da%20Internet%2C%20meme,por%20usu%C3%A1rios%20nas%20m%C3%ADdias%20sociais. Acesso em: 20 de ago. 2024.

Dessa forma, reitero o meu lugar dual, de jornalista e de investigadora, e de antemão peço licença por utilizar uma linguagem mais direta, que reflete, de certa forma, a minha função laboral cotidiana. Assim, diante de um cenário inédito e instigante pela qual a minha profissão coloca, sobre o da viralização, debruçaremos esta pesquisa. Entendo também que são os meus anseios que aqui se apresentam – ora tentando entender o meu próprio trabalho, ora buscando alternativas metodológicas que auxiliam na compreensão dos diferentes discursos aos quais temos acesso – seja pela televisão ou pela Internet.

Dito isso, coloco-me em cena neste trabalho de análise e assumo, nesta dissertação, algumas posições-sujeito que aprendi nessa jornada de conhecimento – jornalista e analista de discurso. E convido-lhe a desvendarmos, juntos, o caminho que percorremos até chegar a este trabalho de pesquisa: “Significar-se. Transformar-se. Desalienar-se”.

1 DIÁLOGOS INICIAIS: O INÍCIO DE UMA JORNADA DISCURSIVA

1.1 INTRODUÇÃO

No primeiro semestre de 2022, quando entrei para o Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do CEFET-MG, tive o meu primeiro contato com a Análise de Discurso. Devo reiterar que a cada dia aprendo um pouco mais sobre essa área de conhecimento e percebo como ela nos ajuda a não somente interpretar o mundo em que vivemos, mas a buscar compreender os infinitos sentidos que existem em cada piscar de olhos. Além disso, reforço que tudo depende das condições de produção para a construção de sentidos.

É preciso escolher uma posição e definir como fazer a sua leitura de um enunciado, de um movimento, de um acontecimento discursivo.

Com a Análise de Discurso, descobri que já nascemos analistas, porque estamos sempre em busca de interpretar o mundo em que vivemos. E, melhor ainda, aprofundar nas teorias da Análise de Discurso é conhecer ferramentas que nos ajudam a desvendar como esses objetos simbólicos produzem sentidos e são repletos de significados.

Pêcheux (2015), responsável por abrir as portas da Análise de Discurso materialista para o mundo e para mim como pesquisadora, ressaltou uma noção muito importante para começarmos a leitura deste trabalho: a de posição-sujeito. Ela refere-se ao lugar que o sujeito ocupa no discurso e que é determinado pelas formações discursivas e ideológicas. Para o pesquisador francês, os sujeitos não são autores autônomos de seus discursos, mas são posicionados dentro de formações discursivas que definem o que pode ser dito e como pode ser interpretado. “Sujeito é um efeito do discurso, ou seja, ele ocupa posições dentro de formações discursivas que são historicamente constituídas e ideologicamente determinadas” (Pêcheux, 2014, p. 145). Assim, a partir desse contexto, partiremos para os aspectos centrais desta pesquisa: compreender os sentidos que são atribuídos a acontecimentos jornalísticos “ao vivo” que viralizam nas redes.

1.2 JUSTIFICATIVA

De 500 a mais de 15 mil seguidores em apenas um dia. Os números marcam a trajetória efêmera de uma anônima vendedora de loja de Belo Horizonte que ganhou o título de “Leila, a Lenda” após a sua aparição ao vivo em um telejornal. Ela não precisou apenas de 15 minutos,

mas sim, de 30 segundos de fama, para amplificar a sua voz aos milhares de usuários de ônibus que se deslocam pela cidade, todos os dias, insatisfeitos com o serviço de transporte público prestado.

Pela postura de autoridade no assunto, pela coragem de interromper a fala da repórter para ser ouvida, pelo tom de cobrança ou pelos gestos de indignação, a passageira fez questão de marcar presença com nome e sobrenome: Leila de Oliveira. Ainda que, sem intenção, o discurso de Leila provocou tanta identificação entre as pessoas que, mesmo quem não anda de ônibus, sentiu-se representado por ela. Foi o que transformou uma mera entrevista em uma atitude política, em que uma passageira “rouba” não só a palavra, mas toda a cena, aumenta o tom de voz e se impõe como um instrumento de defesa dentro da sociedade.

E o que dizer de uma jovem repórter que, ao ser assediada durante o seu trabalho, em vez de medo e silêncio, demonstrou sua revolta com coragem: usou seu instrumento de trabalho, o microfone, como armamento de luta contra o desrespeito às mulheres. E a Júlia Guimarães, que tinha só 27 anos e estava estreando em uma cobertura internacional, não apenas repreendeu o “torcedor-agressor”, como deu uma lição de cidadania, ética e moral na frente de um mundo inteiro. E vamos combinar... Era uma Copa do Mundo! Com os holofotes todos virados para a maior competição do esporte mais “masculino” que existe... Aquela reação inesperada de uma repórter replicou milhares de vezes como símbolo de satisfação – no genuíno “bem-feito” – e apoio às muitas vozes femininas que são silenciadas diante de uma violência.

O que esses dois casos têm em comum? Ambos são fatos que aconteceram durante uma cobertura ao vivo na televisão e que viralizaram na Internet. Nos referindo ao meio digital, principalmente nas redes sociais, observa-se um grande estímulo à espetacularização, uma prática recorrente de manipulação discursiva, em que os conteúdos veiculados são estrategicamente reconfigurados para tornarem-se mais atraentes e emocionalmente impactantes. Esse processo visa potencializar o apelo dos conteúdos, facilitando sua disseminação e aumentando as chances de viralização. É uma forma de manipular os conteúdos para que fiquem mais atrativos para o público.

O termo “Showrnalismo”, segundo Arbex (2002), é uma referência à forma como a mídia, de certa maneira, atua para transformar as notícias em espetáculos com o objetivo de capturar a atenção do público e aumentar a audiência. O sensacionalismo e a dramatização dos eventos, muitas vezes, ganham mais espaço do que a informação objetiva e precisa.

Testemunhar um evento é também construí-lo segundo o ‘aparelho psíquico’ e a formação social e cultural da testemunha. Seria equivocado, por isso, opor radicalmente, de forma maniqueísta, uma suposta ‘neutralidade objetiva’ daquele que

presencia diretamente um acontecimento à “intencionalidade manipuladora” da câmera de televisão. (Arbex, 2002, p.35)

No ambiente digital, observa-se uma crescente atuação de influenciadores, artistas, indivíduos comuns e empresas na constante busca por estratégias que atraiam mais usuários para suas redes sociais. Essa movimentação visa aumentar o engajamento³, as visualizações, as curtidas e os compartilhamentos de suas postagens. Esse fenômeno é frequentemente resumido, no campo do Marketing Digital, pela expressão "usar o algoritmo a seu favor". Assim, a busca por viralizar, ou "bombar nas redes", tornou-se um objetivo central em diversas esferas sociais, seja para ampliar o alcance, a visibilidade, a fama ou os ganhos financeiros.

E os casos escolhidos para fazer parte do *corpus* desta pesquisa fazem o caminho inverso: neles, não houve manipulação de fatos, nem ações intencionais para que o conteúdo viralizasse. São exemplos de trechos de coberturas jornalísticas “ao vivo” que viralizaram, justamente, por serem reações naturais e autênticas, carregadas de efeitos de sentidos. O que, para nós, tornou-se um instigante objeto de pesquisa.

1.3 TEMA E OBJETIVOS

Para pensar algumas questões que tentaremos compreender neste trabalho, trazemos como tema de pesquisa a constituição de sentidos em cenas de coberturas “ao vivo” de telejornais que viralizaram na Internet, diante um de algo inesperado, um imprevisto.

Dessa forma, vamos buscar como **objetivo principal**:

– compreender o funcionamento discursivo do imprevisto, que se materializa pela imagem e pela voz dos interlocutores das duas cenas. Quais sentidos são atribuídos a acontecimentos jornalísticos, veiculados em coberturas ao vivo, que viralizam na ordem do digital? O que buscamos, nesta pesquisa, é analisar a produção de imaginários no movimento discursivo a partir do imprevisto em relação ao discurso-pauta.

³ Para o Marketing Digital, engajamento é o ocorre quando um usuário realiza ativamente uma ação com um determinado conteúdo em uma rede social. Essa ação pode ser um clique, um comentário e até uma curtida. Em geral, é metrificado em relação ao alcance do post ou ao número de seguidores, em uma taxa de engajamento. site. Disponível em: <https://posdigital.pucpr.br/blog/engajamento>. Acesso em: 20 ago. 2024.

Em um dos casos, vamos analisar o discurso de uma passageira de ônibus e, no outro, o de uma repórter, em que ambas tiveram uma reação inesperada ao vivo e, com isso, provocaram um deslocamento do fluxo do sentido que estava planejado para cada cobertura jornalística. O que nos permite interpretar que o imprevisto ocorrido em cada situação provocou um deslocamento na direção dos sentidos do discurso, rompendo com a regulação, com o padrão que era esperado para uma cobertura da equipe de reportagem no local.

O que pretendemos com este trabalho é analisar a discursividade existente no conjunto formado por um mesmo acontecimento discursivo: a materialidade linguístico-discursiva – os discursos compreendidos nos diálogos entre os interlocutores – e a materialidade audiovisual – as imagens e os sons, aqui sendo representados pelos movimentos gestuais, as expressões, as posturas e as entonações impostas pelos sujeitos do discurso.

Para esse entendimento, vamos recorrer ao conceito de Pêcheux (1999) sobre acontecimento discursivo. Dessa maneira, temos na AD o desenvolvimento do conceito de memória como modelo de trabalho do analista, que deve dar conta de que ela se reconstrói, portanto, pela construção do interdiscurso por meio dos já-ditos. Assim, temos em Pêcheux (1999, p. 50-57) a noção do acontecimento discursivo tomado enquanto ruptura da memória recorrente por meio do interdiscurso.

A certeza que aparece, em todo caso, no fim desse debate é que uma memória não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos. (Pêcheux, 2014, p. 56)

Conceito que também é detalhado por Indursky (2003) como:

O acontecimento discursivo trabalha, a um só tempo, com a ruptura do mesmo e com a instauração do novo, inscrevendo-se em uma outra espécie de tempo, de curta duração. Instituída a ruptura com o dizer memorial, abre-se um novo domínio de memória, em torno do qual novos dizeres irão inscrever-se, participando desta nova estrutura. Estamos diante do encontro entre sentidos já postos, presentes na estrutura, com novos sentidos que são produzidos a partir desse acontecimento histórico que reclama sentidos, que pede interpretações, os quais, ao serem discursivizados, o ressignificam. (INDURSKY, 2003, p.118).

O acontecimento discursivo, portanto, dos conceitos mais caros à Análise do Discurso, proposto por Pêcheux, vem deslocar, mexer nas redes de filiações históricas que afetam os processos de constituição dos sentidos dos sujeitos. Para ele, é necessário existir uma afetação do linguístico pelo histórico para que o acontecimento discursivo se produza. No caso do nosso trabalho, o acontecimento discursivo, especificamente como acontecimento jornalístico, não

está na natureza do linguístico, do já-dito, mas nos gestos simbólicos, em que ocorre o imprevisto.

Portanto, o acontecimento jornalístico ocorre não de uma quebra de enunciados, mas de ressignificar gestos, muito mais do que os ditos enquanto sujeitos do discurso. No caso do nosso *corpus* de análise, as entrevistadas não romperam um discurso, mas ressignificaram por meio de materialidades significantes a natureza do acontecimento. Esses gestos comparecem, discursivamente, enquanto equívoco, em que a prática discursiva jornalística se descola da repetição de sentidos cristalizados e se confronta com um elemento que desorganiza a rede de sentidos anterior. Trata-se, portanto, de um evento que redefine as condições de produção e reconfigura as posições ideológicas e as relações de poder no discurso jornalístico.

Assim, percebe-se que, no caso da Leila, analisamos que ela já vem buscando romper o previsto antes de entrevistá-la, vem com a máscara abaixada e fazendo gestos para chamar a atenção da câmera que se desloca para ela. No caso da Júlia, o gesto de reagir logo após ouvir o barulho de um beijo e repreender o assediador rompeu com o que era esperado, que geralmente acontece em casos de assédio. As reações inesperadas das duas foi o que provocou a alteração de sentidos, da ordem dos discursos – redirecionamento do olhar. O inesperado, que passou a chamar a atenção em ambos os acontecimentos jornalísticos, foi o que provocou a identificação com milhares de pessoas que passaram a compartilhar os discursos.

Dessa forma, aos “gestos simbólicos” e ao “imprevisto” estão alinhados a capacidade desses eventos de desestabilizar os sentidos pré-existentes e abrir espaço para novas configurações discursivas. A análise se torna um exercício de compreensão de como o inesperado se inscreve na rede de sentidos e como ele transforma as formas de dizer e de compreender o mundo, revelando o papel da historicidade na constituição dos discursos.

Diante do que foi exposto, **como objetivos específicos**, buscamos:

- analisar as formas modo como os discursos são construídos, organizados e manifestados nas coberturas televisivas ao vivo, considerando as materialidades linguístico-discursivas e audiovisuais;
- compreender como esses enunciados são regularizados na língua. Em quais condições de produção esses enunciados são produzidos? Como os efeitos de sentidos são produzidos? (acho que esse aqui a gente já responde nas conclusões e nas análises.

1.4 OS CAPÍTULOS

O trabalho está dividido em dez capítulos. No primeiro, apresentamos a motivação para este trabalho acadêmico, bem como o tema, a contextualização e o objeto de nossa pesquisa. No próximo capítulo, vamos abordar a dinâmica dos sentidos nos discursos na era digital.

No capítulo 3, apresentamos o quadro teórico-metodológico da Análise de Discurso pecheutiana. E, no capítulo seguinte, traremos outros conceitos que serão mobilizados durante a análise do *corpus*. No capítulo 5, traremos as noções de real e “ao vivo” na perspectiva da Análise de Discurso.

No capítulo 6, vamos nos concentrar no acontecimento discursivo da passageira Leila de Oliveira. Serão abordados os procedimentos teóricos metodológicos, as condições de produção do discurso e a construção do *corpus* com a justificativa para sua escolha. No capítulo seguinte, apresentamos as análises linguístico-discursivas e de outros objetos simbólicos constituídos por diferentes materialidades significantes.

Nos capítulos 8 e 9, seguiremos a mesma metodologia para analisar o acontecimento discursivo em que a repórter Júlia Guimarães foi beijada “ao vivo”. O trabalho finaliza-se com as considerações finais.

2 POR DENTRO DA PESQUISA

2.1 O *CORPUS*

Como *corpus* deste trabalho, teremos duas coberturas jornalísticas “ao vivo” em que ocorreram imprevistos em relação ao discurso-pauta e as cenas viralizaram na Internet. O primeiro caso a ser analisado será um trecho de uma cobertura “ao vivo”, no telejornal Bom dia Minas, da TV Globo, do dia 24 de março de 2022[1]. A equipe escalada para mostrar a situação do transporte coletivo nas estações de ônibus era composta por mim e pelo repórter cinematográfico, Fábio Venâncio. O planejamento da equipe de produção, que elaborou uma pauta sobre o tema, era de que a equipe fosse a algumas estações de ônibus para verificar como estava o movimento de uma maneira geral: se as plataformas estavam mais cheias que o de costume, se os ônibus estavam cumprindo o quadro de horários e se eles estavam partindo com mais passageiros do que o permitido por lei.

Tudo seguiu dentro do previsto no discurso-pauta, até que ocorreu um imprevisto durante uma entrada ao vivo: uma passageira passou e concedeu uma entrevista surpreendente. A fala dela, que durou apenas 30 segundos, teve muita repercussão e viralizou nas redes. Leila de Oliveira até ganhou até apelido: “Leila, a lenda”.

O segundo caso que vamos analisar nesta pesquisa ocorreu com uma repórter que foi assediada por um torcedor ao tentar beijá-la quando já estava “ao vivo” e se preparava para uma entrada para atualizar as informações sobre o jogo do Brasil contra o Senegal na Copa do Mundo de 2018, no programa *Esporte Espetacular* [2]. A repórter Júlia Guimarães, do Grupo Globo, já estava com o sinal de transmissão “ao vivo” no “Central da Copa”, o programa que atualizava todas as informações sobre a Copa do Mundo, direto da cidade de Ecaterimburgo, na Rússia. Enquanto ela estava posicionada para falar sobre o jogo entre Japão e Senegal, um homem que estava passando ao lado da equipe tentou beijá-la. A reação imediata da repórter foi se esquivar e, imediatamente, repreender a atitude do homem em inglês. O discurso dela também ganhou muita repercussão na Internet pela forma como aquela jovem repórter repreendeu um abuso por parte daquele torcedor que “quis aparecer” diante das câmeras.

No capítulo 5, faremos a de-superficialização do *corpus*, abordando as diferentes materialidades e as condições de produção de cada caso. Segundo Orlandi (2015), é o processo do analista de discurso durante a análise da materialidade linguística: o como se diz, o quem diz, em que circunstâncias etc. Consiste “naquilo que se mostra em sintaxe e enquanto processo de enunciação (em que o sujeito se marca no que diz), fornecendo-nos pistas para

compreendermos o modo como o discurso que pesquisamos se textualiza”. (Orlandi, 2015, p. 62).

Para entender como os diferentes recursos discursivos são empregados nas coberturas televisivas ao vivo diante de um imprevisto, iremos mobilizar os pressupostos epistemológicos da Análise de Discurso (AD) materialista de vertente francesa para o entendimento de como esses discursos são construídos, organizados e manifestados perante as condições de produção de cada um, considerando as relações de poder e as formas de produção de sentidos inerentes a essas práticas comunicativas. Vamos utilizar as teorias e suas aplicações reunidas por Michel Pêcheux (2014) e seus desdobramentos no Brasil, principalmente com Eni Orlandi (2015) e Cristiane Dias (2018), trazendo a Análise do Discurso Digital para este debate. No capítulo 4, vamos nos aprofundar em outras teorias da AD que embasam esta pesquisa.

Para apresentar o corpus da nossa pesquisa, vamos utilizar o conceito de acontecimento discursivo da Análise de Discurso materialista - que trataremos por AD - ao nos referir aos trechos das coberturas jornalísticas que vamos analisar. Segundo Pêcheux (2014), o acontecimento discursivo é o que tem o potencial de romper com a linearidade do discurso e introduzir novos sentidos ou reorganizar os existentes. E, ao abordarmos trechos de vídeos recortados de transmissões ao vivo que viralizaram, podemos afirmar que elas podem ser consideradas acontecimentos jornalísticos, uma vez que criam espaços onde o imprevisto, o erro, ou as reações espontâneas podem alterar o curso do discurso e produzir efeitos de sentido imprevistos. Rompendo, desta forma, o que Pêcheux (2014) denomina de “linearidade esperada do discurso”.

Nesse sentido, vamos definir alguns termos que utilizaremos ao longo da pesquisa para facilitar a compreensão dos acontecimentos discursivos diante da realidade jornalística. Geralmente, uma equipe de reportagem de televisão – composta por repórter e repórter cinematográfico - sai da emissora sabendo o assunto que vai abordar durante o trabalho de apuração da notícia no local onde o evento acontece - seja ele um acidente ou a posse do governador. A equipe de produção é a responsável por elaborar a pauta, o documento que contém todas as informações necessárias para que a equipe se desloque ao local onde um determinado fato acontece. Nessa pauta, estão especificados o assunto, o endereço e uma apuração prévia do que já se sabe sobre o fato, além de outras informações que podem auxiliar a equipe no trabalho em campo, inclusive o que se espera da cobertura, qual angulação será dada, quais pontos devem ser explorados e, também o que não precisa ser explorado, pode ser excluído. O termo *lead*, no Jornalismo, é designado para esse direcionamento da cobertura da equipe. Em posse dessa pauta, ela segue para o endereço determinado para apurar as

informações necessárias para noticiar o fato ao público no telejornal, seja em forma de reportagem⁶ ou uma transmissão “ao vivo”.

Para esta pesquisa, vamos utilizar, a partir de agora, a expressão “discurso-pauta” para nos referir aos aspectos discursivos existentes no direcionamento à equipe de reportagem, o discurso esperado, o discurso previsto para cada caso. Isso é importante, pois foi a partir dos imprevistos em relação ao discurso-pauta que os dois acontecimentos discursivos que vamos analisar viralizaram.

Vale ressaltar que os acontecimentos discursivos presentes nos trechos de vídeos recortados de telejornais tiveram grande repercussão na Internet, nas redes sociais e em sites de notícias não pelos assuntos que faziam parte dos objetivos iniciais das coberturas jornalísticas – no discurso-pauta – e sim, pelo que aconteceu diante de algo inesperado, envolvendo a equipe de reportagem, que alterou toda a ordem dos discursos, criando novos sentidos à cena midiática. Os dois casos a serem analisados são, portanto, exemplos de como o equívoco, ao escapar à ordem do dizer, é capaz modificar a ordem discursiva.

Foram duas reações surpreendentes que ganharam visibilidade e se multiplicaram no meio digital porque provocaram uma identificação com milhares de pessoas. Os discursos que foram criados construíram sentidos que vão muito além de meras entrevistas em telejornais. As falas das duas mulheres em questão – sujeitas dos discursos – têm significados sociais importantes: marcam a revolta, a insatisfação, a luta de classes, o desejo por justiça.

Para compreender a relevância do *corpus*, vamos recorrer ao conceito de condições de produção, que são fundamentais para definir os sentidos em cada discurso. Segundo Pêcheux (2014), são as condições de produção que fazem com que os enunciados se materializem, linguisticamente, de um jeito e não de outro, provocando diferentes efeitos de sentido. Ele enfatiza que os discursos não são produzidos em um vácuo, mas estão sempre enraizados em contextos históricos e sociais específicos que determinam o que pode ser dito e como pode ser interpretado. A saber, "as condições de produção dos discursos são constituídas pelas relações históricas e sociais que determinam o que pode e deve ser dito em um dado momento." (Pêcheux, 2014, p. 67).

É importante ressaltar que esses sentidos não estão somente na língua, mas nas condições entre ela, o sujeito e o contexto sócio-histórico. Esses efeitos de sentidos, conforme aponta Orlandi (20112), podem ser múltiplos e variados e, por isso, merecem destaque em nossas análises. “As condições de produção são fundamentais, pois revelam as relações entre o dizer e os contextos sócio-históricos que o possibilitam” (Orlandi, 2012, p. 54).

A partir do nosso problema de pesquisa, nossa intenção é investigar diante das condições de produção de cada caso que integra o *corpus* desta pesquisa, os efeitos de sentidos produzidos nos acontecimentos durante uma cena de cobertura jornalística ao vivo que viraliza após um imprevisto. Para além de interpretar, vamos buscar compreender os efeitos de sentidos existentes nos discursos construídos por meio do equívoco, do inesperado, do inusitado, da surpresa. Diante de quais circunstâncias eles são constituídos? Quais sentidos eles carregam? O que promove tanta identificação entre as pessoas que passam a compartilhar as cenas em suas redes sociais? E, ainda, por que os discursos produzidos se tornam temas de debates sociais relevantes?

Portanto, teremos o desafio de estabelecer o diálogo existente entre duas questões que englobam esse problema de pesquisa: de um lado, como o Jornalismo expõe seus valores do que pode e deve ser dito – como um planejamento prévio de um discurso jornalístico. E, de outro, do ponto de vista discursivo, quais são os contextos de produção desses discursos viralizados, as formações ideológicas e discursivas pelas quais estão imersos esses sujeitos e, principalmente, identificar os sentidos atribuídos às cenas que viralizaram.

Na relação entre discurso e texto, Orlandi (2012) baseia-se em três pressupostos:

a. não há sentido sem interpretação; b. a interpretação está presente em dois níveis: o de quem fala e o de quem analisa, e c. a finalidade de analista de discurso não é interpretar, mas compreender como um texto funciona, ou seja, como um texto produz sentidos. É preciso lembrar que nesta filiação teórica não há sentido em si, o sentido sendo definido como “relação a”. (Canguilhem, 1976 apud Orlandi, 2012, p.19)

Para a AD, a interpretação tem uma relação fundamental com a materialidade da linguagem, ou seja, as diferentes linguagens significam de formas diferentes e, por isso, propiciam distintos gestos de interpretação, que constituem a relação com o sentido nas diferentes linguagens. Para esta pesquisa, vamos nos ater às análises das materialidades linguístico-discursivas e audiovisuais.

É relevante deixar claro que não vamos analisar os efeitos de sentido construídos após a viralização, como os conteúdos de comentários e reportagens que foram feitos após as cenas viralizarem nas redes. Compreendemos que é um processo muito importante e significativo para a Análise de Discurso, mas vamos focar nas análises dos objetos discursivos selecionados para este *corpus* – os discursos previstos e os imprevistos dos acontecimentos discursivos em questão.

Para analisar os acontecimentos discursivos que viralizaram na Internet após um imprevisto, é preciso compreender, também, a noção de circulação como um dos momentos do

processo da produção dos discursos. Que relação teriam os trajetos dos dizeres e a circulação dos discursos pela mídia digital com a forma de vida que produzimos em sociedade? Para abordar essas questões, iremos nos debruçar sobre o contexto digital apresentado por Dias (2018). Segundo a pesquisadora, há uma certa emergência de vozes portadoras de mídias, em função da possibilidade de uma circulação descentralizada dos discursos, o que se dá pela reapropriação social dos dispositivos tecnológicos e das plataformas digitais. O que gera, necessariamente, uma deriva de seus usos - a metaforização do sujeito.

Metaforização do sujeito com a mídia e do sujeito com a linguagem. É desse modo que dizemos que a forma de circulação de um dizer tem efeitos sobre sua formulação e sobre a constituição dos sujeitos em sociedade. Uma das formas de circulação, comumente utilizadas por essas mídias, nos dias de hoje, é a da circulação “ao vivo”. (DIAS, 2018, p. 33).

Dessa forma, entende-se os dispositivos tecnológicos como instrumentos de mídia que integram esse percurso. Do ponto de vista da linguagem, o sentido não é indiferente ao meio (dispositivos) e, portanto, não é indiferente aos percursos que lhe dão “forma material”, isto é, a forma discursiva. Assim, é preciso que os sujeitos sejam sensíveis aos sentidos em circulação, aos seus trajetos, por certos meios, construindo uma possibilidade de relação com essas instâncias políticas do saber.

Sobre o processo de produção do discurso, Orlandi (2012) elaborou, teoricamente, três momentos:

- 1) Constituição – a partir da memória do dizer, fazendo intervir o contexto histórico-ideológico mais amplo;
- 2) Formulação – em condições de produção e circunstâncias de enunciação específicas;
- 3) Circulação – que se dá em certa conjuntura e segundo certas condições.

Ressaltamos que, para este trabalho, os processos que se tornam mais relevantes são os da formulação e da circulação, mesmo sabendo que, como reforça Orlandi (2012), eles são indissociáveis. Essa necessidade teórica se impõe por ser a instância da formulação, nas palavras da autora, que dá vida à linguagem, que a memória se atualiza, que os sentidos se decidem, que o sujeito se mostra ou se esconde. E é a circulação que nos permite observar os “trajetos dos dizeres”. E, além disso, focamos nos efeitos de sentido produzidos por esses trajetos na vida, na relação dos sujeitos com a memória, com os acontecimentos, com outros sujeitos na construção de uma sociedade. Que relação teriam os trajetos dos dizeres, a forma da circulação dos discursos pela mídia, com a forma de vida que produzimos em sociedade? Como afirma Orlandi:

A mídia, como prática discursiva, que está presente, continuamente, na relação dos sujeitos entre si e com a sociedade em que vivem, assim como na relação com o político, que constitui a vida social em suas divisões, relações de forças e estabelecimento de hierarquias e valores atribuídos às diferentes formas de significar, é parte importante no modo como esse sujeito se representa, no imaginário social, como sujeito de conhecimento. (Orlandi, 2017, p. 242)

Em resumo, o que nos interessa neste trabalho é analisar a produção de imaginários no movimento discursivo a partir do imprevisto em relação ao discurso-pauta. Orlandi (2015) conceitua o imaginário como uma construção que emerge dentro de um contexto discursivo específico, onde o discurso e a ideologia moldam as imagens e representações que os sujeitos têm de si e do mundo. Essas construções não são neutras; elas são produzidas e sustentadas por relações de poder e por formações ideológicas. A saber: "Os imaginários são produções simbólicas que se constroem no interior das formações discursivas, configurando as representações que os sujeitos têm de si e dos outros" (Orlandi, 2015, p.59).

Dessa forma, ao construir certas imagens e representações, os discursos ajudam a estabilizar relações de poder e a tornar "evidentes" ou "naturais" determinadas concepções do mundo, ocultando assim sua base ideológica. Para a AD, os imaginários estão intimamente ligados à ideologia. As formações ideológicas que permeiam uma sociedade determinam os tipos de imaginários que são possíveis ou legitimados dentro de um determinado discurso. Assim, os imaginários não são apenas produtos da mente individual, mas são coletivamente moldados e compartilhados. No nosso *corpus*, por exemplo, podemos citar alguns imaginários que respondem a questões sociais como a luta contra injustiças estruturais e violência de gênero, por exemplo.

3 DAS TELAS À VIRALIZAÇÃO: A REVOLUÇÃO DIGITAL E SEUS EFEITOS

O Jornalismo sempre exerceu um papel fundamental na mediação entre acontecimentos e público, moldando percepções e construindo realidades. Mas o surgimento da Internet, a emergência da digitalização e das redes sociais vêm transformando, ao longo dos anos, essa relação. Seja no rádio, na televisão e até mesmo nos sites de notícias, é notório que a mídia tradicional, de uma maneira geral, não é mais a única ou a principal fonte de informações para o público, que está cada vez mais conectado. Nas teorias de Jornalismo, esse movimento é uma consequência da transformação da relação entre emissores e receptores de notícias: a mudança de perfil do público impulsionada pela tecnologia. Em uma perspectiva pela qual adotamos, ao utilizarmos a Análise do Discurso, trataremos como é a relação existente entre os sujeitos do discurso.

No Brasil, a Internet surgiu no final da década de 1980, quando as universidades brasileiras começaram a compartilhar algumas informações com os Estados Unidos. A partir de 1989, com a fundação da Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP), a Internet ganhou força no meio acadêmico. No entanto, somente depois dos anos 2000 que ela expandiu de vez no país e as navegações na rede mundial ganharam os lares brasileiros. Em 2011, segundo dados do Ministério da Ciência e Tecnologia, aproximadamente 80% da população tinha acesso à Internet, correspondendo a 60 milhões de computadores em uso.

Por muitos anos, a televisão se manteve como um dos principais meios de comunicação de massa, sendo responsável por alavancar marcas e produtos em todo o mundo. No entanto, com o surgimento de novas tecnologias, como a Internet, os telespectadores passaram a utilizar outros veículos para consumir conteúdo. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) comprovam que a população brasileira está cada vez mais conectada. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), a proporção de pessoas com 10 anos ou mais de idade que utilizaram a Internet no país passou de 84,7% em 2021 para 87,2% em 2022. Desse público, 93,4% usavam a Internet todos os dias. Além disso, 94,4% dos usuários acessaram a Internet para conversar por chamadas de voz ou vídeo.

Está mais do que comprovado que a Internet tem um grande alcance em quase todas as esferas sociais e, portanto, influencia comportamentos. Olhando esse fenômeno sob a ótica da Análise de Discurso, podemos ressaltar que a investigação dos discursos construídos nas coberturas televisivas ao vivo que viralizam na esfera digital apresenta uma relevância acadêmica e social significativa, já que a AD, desde sua origem, procura interpretar os textos, na esfera semântica, e sustenta que o sentido é efeito decorrente da relação entre língua e sujeito.

Não se trata, portanto, de um tipo de interpretação que parte da questão *o que o texto significa?*, mas sim, *como o texto significa?*. Não se trata do que o autor do texto quis dizer, mas de uma outra questão: *quais são os saberes necessários para que se compreenda um texto?*

Eis a motivação da presente pesquisa: compreender como essas discursividades são regularizadas na língua, quais condições de produção dão espaço para que elas surjam, quais efeitos de sentidos são produzidos, como tais discursos são constituídos, os evidenciamentos e os silenciamentos inscritos no processo de produção discursiva e, ainda, como os sentidos são atualizados e marcados no imaginário histórico social.

Do ponto de vista acadêmico, a AD materialista proporciona uma compreensão crítica das práticas discursivas presentes na mídia. Nas coberturas “ao vivo”, sobretudo, ela nos auxilia na identificação das relações de poder, das formações ideológicas e na produção de sentidos. Por meio dessa abordagem, é possível analisar os recursos discursivos utilizados pelos meios de comunicação, revelando suas intencionalidades e os efeitos de sentido produzidos nas audiências que passam a viralizar os acontecimentos discursivos.

Em termos sociais, compreender a construção de sentidos em coberturas televisivas “ao vivo” é fundamental para uma leitura crítica das informações transmitidas pelos meios de comunicação. Essas coberturas têm o potencial de influenciar a opinião pública, moldar percepções e construir narrativas sobre eventos e acontecimentos.

Com o público cada vez mais conectado, as fontes de notícias se multiplicam a cada clique. A agilidade proporcionada pela Internet atrai cada vez mais interessados em saber o que está acontecendo ao seu redor e no mundo, no instante em que os fatos acontecem. São pessoas que passaram pela transição – de telespectadores para internautas – atraídas, cada vez mais, pela liberdade de poder escolher o assunto que querem ver, quando e da forma mais confortável de ter acesso a uma notícia; seja em texto, vídeo, *podcast*, ou mesmo nas redes sociais, utilizando, apenas, um aparelho celular. São internautas que não precisam mais correr para chegar em casa ou terminar os afazeres domésticos a tempo de assistir ao telejornal.

Trazendo essa realidade para uma reflexão com base na AD, é preciso compreender que, na era digital, a dinâmica dos sentidos assume novas formas e complexidades. A fluidez com que significados são produzidos, circulam e se transformam nas plataformas digitais exige uma compreensão aprofundada das condições materiais e ideológicas que estruturam esses processos.

Segundo Dias (2018), no ambiente digital, os sentidos não são fixos, eles são constantemente renegociados e recontextualizados por meio de interações contínuas entre diferentes sujeitos, plataformas e algoritmos. A produção de sentidos na era digital está

profundamente imbricada nas relações de poder que estruturam o ambiente online. As plataformas digitais, embora apresentadas como espaços abertos e democráticos, são moldadas por interesses corporativos e estatais que influenciam quais discursos são amplificados ou silenciados.

Os algoritmos⁴ que administram plataformas – redes sociais e mecanismos de busca – desempenham um papel crucial na determinação de quais sentidos circulam com mais intensidade. Esses algoritmos não são neutros; eles são projetados para maximizar o engajamento e, frequentemente, reforçam discursos que servem a interesses econômicos e ideológicos específicos.

3.1 VIRALIZAÇÃO: UMA ANÁLISE DISCURSIVA

Ao selecionarmos para o *corpus* desta pesquisa os acontecimentos discursivos que viralizaram na Internet após um imprevisto em relação ao discurso-pauta, é necessário apresentar o conceito de viralização para a AD.

No dicionário, a palavra “viralização” significa “espalhar-se de maneira a criar um efeito semelhante ao de um vírus”. Levando-a para o ambiente digital, podemos compreendê-la como um termo que surgiu com o crescimento do número de usuários das redes sociais e *blogs*. É utilizado para designar os conteúdos que acabam ganhando uma repercussão, muitas vezes inesperada, na Internet. Por isso, o termo também pode criar uma certa relação a uma “doença” no universo digital, já que as pessoas chegam a compartilhar o conteúdo, quase inconscientemente, criando uma “epidemia” de internautas falando sobre o mesmo assunto – o que, para o meio digital, não tem nada de negativo – muito pelo contrário.

Para a AD, a viralização emerge como um fenômeno discursivo complexo que transcende a mera circulação de conteúdo nas redes. A viralização, dentro dessa perspectiva, não pode ser reduzida ao simples compartilhamento massivo de informações; ela está enraizada

⁴ São compreendidos no meio digital como uma sequência de operações para se atingir um resultado. eles identificam quais publicações devem ser entregues para mais ou menos pessoas e decidem como ranquear os resultados de um feed, a partir do grau de relevância daquele conteúdo para cada usuário. O objetivo é melhorar a experiência do usuário, fazendo com que apareçam na linha do tempo somente os posts mais úteis e atrativos. Por isso, os algoritmos são tão importantes: eles impulsionam ou atrapalham o alcance do seu conteúdo. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/como-funcionam-os-algoritmos-das-redessociais,d747b240aba76810VgnVCM1000001b00320aRCRD#:~:text=Os%20algoritmos%20das%20redes%20sociais%20identificam%20quais%20publica%C3%A7%C3%B5es%20devem%20ser,daquele%20conte%C3%BAdo%20para%20cada%20usu%C3%A1rio.>

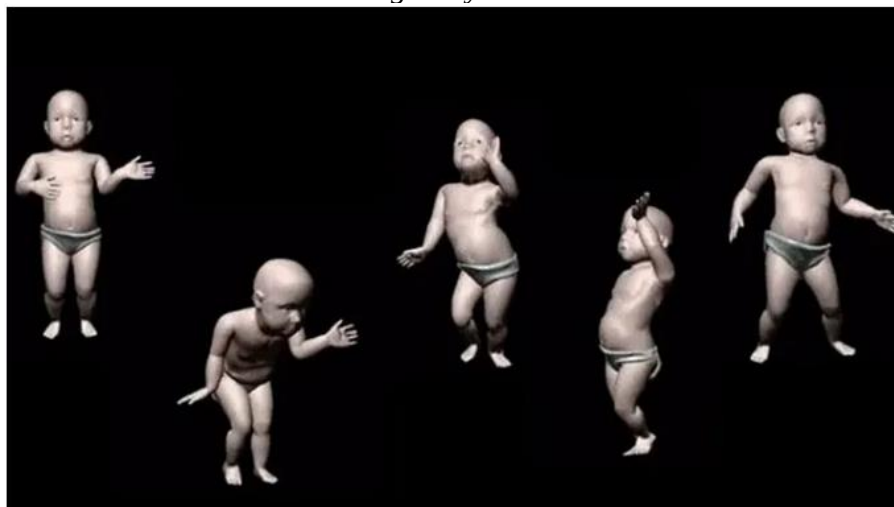
nas condições materiais de produção, nas relações de poder e nas ideologias subjacentes que permeiam o espaço digital.

Nesse sentido, essa postulação vai ao encontro de Pêcheux (2014), que entende o discurso como um espaço onde as ideologias se materializam, estruturando e sendo estruturadas pelas condições sociais e econômicas. Dessa forma, podemos compreender a viralização não reduzida a um fenômeno isolado ou espontâneo, mas sim um processo que reflete e reforça as lutas ideológicas dentro de um contexto histórico-social específico.

Assim, o conceito de viralização deve ser compreendido como um processo de reprodução e ampliação de discursos, que adquirem significância dentro de uma conjuntura particular, alimentando-se das contradições e tensões existentes no tecido social. A viralização de um meme, por exemplo, não ocorre apenas porque o conteúdo é humorístico ou envolvente, mas porque ele ressoa com determinadas formações discursivas que estão em disputa no espaço público.

Dentre os primeiros memes a viralizar no mundo e no Brasil, podemos citar:

FIGURA 1 – O meme *Dancing Baby*⁵



Fonte: TECHUNWRAPPED, 1996.

Um dos primeiros memes a viralizar no mundo foi o *Dancing Baby*, uma animação em 3D de um bebê dançando que se espalhou via *e-mails* e *sites* na década de 1990. Sua viralização pode ser analisada como um reflexo do fascínio pela nascente tecnologia da computação gráfica e pela Internet como um novo espaço de sociabilidade e consumo cultural. No contexto da AD,

⁵ TECHUNWRAPPED. *The Evolution of Memes: Endless Creativity of Internet Culture*. Disponível em: <https://long.sweet.pub/the-evolution-of-memes-endless-creativity-of-Internet-culture-47fff6029a77>. Acesso em: 19 ago. 2024.

a circulação do *Dancing Baby* revela as primeiras interações entre cultura digital emergente e as novas formas de subjetivação mediadas pela tecnologia.

FIGURA 2 – Meme Ruth Lemos⁶



Fonte: YOUTUBE, 2006.

O meme da nutricionista Ruth Lemos, que ficou conhecido como o “meme da sanduíche-iche”, é um exemplo emblemático de como um momento aparentemente trivial pode se tornar um fenômeno viral, ganhando proporções inesperadas na mídia e nas redes sociais. Em 2004, a nutricionista participou de uma entrevista ao vivo em uma emissora de televisão local, em que falou sobre a importância da alimentação saudável. Durante a entrevista, Ruth Lemos sofreu a influência do *delay*⁷, por isso, começou a falar pausadamente, resultando em uma fala fragmentada e repetitiva. Esse comportamento foi capturado, editado e transformado em um vídeo humorístico que rapidamente, por meio dos algoritmos⁸, e se espalhou pela Internet, resultando no meme conhecido como “sanduíche-iche”.

⁶ YOUTUBE. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pmn-dbBpglU>. Acesso: 19 de ago. 2024.

⁷ O delay em uma transmissão ao vivo de TV acontece quando há um atraso entre o tempo de fala real e o sinal que chega a casa dos espectadores. É bastante comum e fica evidente em programas jornalísticos quando o apresentador do estúdio faz uma pergunta ao repórter de rua e ele demora alguns segundos para responder. O tempo de espera depende do meio de transmissão do sinal, que pode variar entre rádio, cabo, analógico, satélite, entre outros. Disponível em: <https://www.digilab.com.br/blog/delay-em-transmissao-ao-vivo/>. Acesso em: 13 jan. 2023.

⁸ Algoritmos: compreendidos no meio digital como uma sequência de operações para se atingir um resultado. eles identificam quais publicações devem ser entregues para mais ou menos pessoas e decidem como ranquear os resultados de um feed, a partir do grau de relevância daquele conteúdo para cada usuário. O objetivo é melhorar a experiência do usuário, fazendo com que apareçam na linha do tempo somente os posts mais úteis e atrativos. Por isso, os algoritmos são tão importantes: eles impulsionam ou atrapalham o alcance do seu conteúdo.

É importante situarmos os conceitos de meme e de viralização para a AD, justificando a escolha do nosso *corpus*. Apesar dos trechos de coberturas “ao vivo” terem viralizado nas redes, escolhemos os dois casos que serão analisados porque eles foram além da instantaneidade e da suposta superficialidade de um meme. Eles promoveram debates e discussões mais aprofundadas sobre temas sociais relevantes, como o problema do transporte público – no caso da Leila de Oliveira – e o respeito às mulheres – no caso da repórter que foi assediada durante o trabalho.

Tomando como base o Banco de Dissertações e Teses da Capes, não encontramos pesquisas em relação à transmissão “ao vivo” no telejornalismo com o enfoque direcionado neste trabalho – a viralização da cena midiática, que ganha novos sentidos no mundo digital. Ao buscar pelos termos “ao vivo”, “viralização”, “espetacularização da notícia”, “sucesso do erro” e “erro ao vivo” nos últimos cinco anos, encontramos pouco mais de 600 resultados.

Um trabalho que se aproximou do meu objeto de estudo foi uma tese cujo título é: *“Estamos ao vivo”: estratégias discursivas em uma transmissão direta na televisão*, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Nela, Silva (2019) analisa os recursos discursivos em transmissões ao vivo, mas com o foco nas coberturas de grandes tragédias. O autor faz um estudo aprofundado dos elementos narrativos explorados na cobertura da *Globo News* durante o acidente aéreo envolvendo membros da Associação Chapecoense de Futebol, profissionais da imprensa e tripulantes da empresa *LaMia*, ocorrido em 29 de novembro de 2016, próximo a Medellín, na Colômbia.

Em *“Viralizou, “bombou”! Uma análise sobre o funcionamento discursivo e a produção de efeitos de sentido dos memes no ambiente digital”*, Dorow (2023) trabalha com o suporte teórico e metodológico da Análise de Discurso pecheuxiana para mostrar como se dá o funcionamento discursivo de memes que circulam na Internet, pertencentes às famílias mêmicas “Expectativa x Realidade” e “Willy Wonka Irônico”. A pesquisa parte para análise de efeitos de memes, com materialidades apoiadas pelo imbricamento entre textos verbais e não verbais e abrem o leque de possibilidades para instauração de diferentes efeitos utilizando o lado irônico da viralização nas redes. O que é diferente do nosso objetivo neste trabalho, já que

pretendemos analisar os diferentes sentidos construídos a partir de uma cena que viraliza na Internet, provocando discussões sobre temas sociais importantes, não levando para o lado irônico.

Nos demais trabalhos pesquisados, não encontramos a relação que pretendemos estabelecer e, por esse motivo, reiteramos a necessidade de mobilizar esta pesquisa, para que os conhecimentos sejam aprofundados nessa área.

4 QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO

4.1 A TEORIA DA ANÁLISE DE DISCURSO

A presente pesquisa será conduzida com base no aporte teórico e metodológico fundamentado na Análise de Discurso francesa ou materialista, por ser uma teoria dinâmica, que até hoje promove debates e reflexões acerca de suas bases epistemológicas e metodológicas. A motivação para a escolha desse campo teórico-epistemológico surgiu devido à grande contribuição que a teoria do discurso, fundada por Michel Pêcheux (2014), trouxe para o campo dos Estudos da Linguagem. Para compreendermos a sua importância ao presente estudo e a sua aplicabilidade, vamos apresentar um breve histórico sobre o surgimento da Análise de Discurso materialista no mundo.

Entre os anos 1960 e 1970, na França, a Análise de Discurso surgiu como um movimento de ousadia em um contexto em que os estudos estruturalistas dominavam os pensamentos da época e se constituiu em um espaço de questões criadas pela relação entre três domínios disciplinares que são, simultaneamente, uma ruptura com o século XIX: a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise.

No cenário pós-guerra da França, a efervescência política e cultural dos anos 1960, particularmente o Maio de 68⁹ provocou profundas reflexões e questionamentos nas Ciências Humanas e Sociais.

Maio de 1968, segundo Courtine (2006, p. 104), “marca a emergência repentina de novos valores: um desejo de liberdade individual, de expressão pessoal que refuta as hierarquias, as tutelas e as tradições”. É nessa época que começam a aparecer as primeiras fissuras na hegemonia do estruturalismo.

O movimento de Maio de 68 e as novas interrogações que surgiram de súbito no âmbito das ciências humanas foram decisivos para subverter o paradigma então reinante (FERREIRA, 2007, p. 14).

Na época, as referências teóricas giravam em torno, principalmente, do estruturalismo filosófico. Teóricos como Levi-Strauss, Foucault, Lacan, Althusser, Barthes e muitos outros buscavam desenvolver conhecimentos em torno da Linguística, da ideologia, do sujeito e do discurso. Entre eles, dois estudiosos se destacaram ao propor uma reflexão envolvendo o

⁹ Maio de 1968 foi um período de efervescência social desencadeado por mobilizações estudantis na França, especificamente em Nanterre, região metropolitana de Paris. O movimento, que inicialmente pleiteava melhores condições estudantis, ganhou grandes proporções, atingiu a classe trabalhadora e se tornou um movimento de relevância mundial.

contexto político: o linguista e lexicólogo Jean Dubois, que se ocupou, principalmente, das relações com a linguagem; e o filósofo que se situava no campo da História das Ciências, Michel Pêcheux (1975), já mencionado anteriormente. Apesar de ambos dialogarem com o Marxismo e a política, uma diferença determinante marcava essa relação.

Para Dubois, os trabalhos da Análise de Discurso se concentravam no estudo das palavras (Lexicologia) e do enunciado, e era percebido como um processo natural da Linguística.

Já para Pêcheux, não havia continuidade possível. A Análise de Discurso apresentava-se como um corte epistemológico necessário, pois relacionava o discurso ao sujeito e à ideologia. Nesse contexto, Pêcheux, influenciado por correntes teóricas como a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise, propõe a Análise de Discurso materialista, como uma disciplina de interpretação, como a ciência que reconhece a materialidade da linguagem (discurso) na sua dimensão sócio-histórico-político, a partir de um princípio fundamental, de que a linguagem não é transparente. Segundo Orlandi,

A Análise de Discurso trabalha com a materialidade da linguagem, considerando-a em seu duplo aspecto: o linguístico e o histórico, enquanto indissociáveis no processo de produção do sujeito do discurso e dos sentidos que (o) significam. O que me permite dizer que o sujeito é um lugar de significação historicamente constituído (Orlandi, 1996, p. 37).

Pêcheux estudou Filosofia na Escola Normal Superior de Paris com o filósofo Louis Althusser, que exerceu uma grande influência em seus estudos. Em 1966, começou suas atividades no Departamento de Psicologia do *Centre National de la Recherche Scientifique*, o maior órgão público de pesquisa científica da França e uma das mais importantes instituições do mundo, do qual chegou a ser diretor de pesquisas. Como precursor da Análise de Discurso francesa, juntamente com um coletivo de colaboradores, teorizou, sobretudo, acerca da materialidade do discurso. Por um lado, deu continuidade às elaborações teóricas de Althusser.

Influenciado por Dubois, Pêcheux (1975) conceituou o discurso enquanto uma determinada forma de materialidade (histórico e linguística) diretamente imbricada com a materialidade ideológica, propondo uma nova forma de analisar o que era dito, em um determinado tempo e espaço, a chamada “Semântica do Discurso”.

A necessidade de repensar as estruturas sociais, políticas e culturais deu origem a novas correntes de pensamento que buscavam entender os mecanismos através dos quais a sociedade e a linguagem se interconectam e se influenciam mutuamente. E foi assim que Pêcheux situou-se nesse contexto, como uma figura proeminente, desafiando a visão tradicional da linguagem como mero veículo de comunicação neutra. Influenciado pelo clima de inovação e contestação

da época, buscou nas teorias marxistas e psicanalíticas, além da linguística estrutural de Saussure, as bases para uma nova teoria que relacionasse a linguagem às dinâmicas sociais e ideológicas.

Para aprofundarmos na origem da Análise de Discurso materialista de Pêcheux, é preciso compreender os resultados do cruzamento entre os três principais domínios disciplinares. Primeiramente, a *Linguística*, que inspirado em Saussure, Pêcheux rejeitou a noção de linguagem como um sistema fechado, optando por uma visão mais dinâmica e interativa, em que o significado é construído social e historicamente. Constitui-se pela afirmação da não-transparência da linguagem: ela tem seu objeto próprio, a língua, e esta tem sua ordem própria. Podemos dizer que:

Esta afirmação é fundamental para a Análise de Discurso, que procura mostrar que a relação linguagem/pensamento/mundo não é unívoca, não é uma relação direta que se faz termo-a-termo, isto é, não se passa diretamente de um a outro. Cada um tem sua especificidade. (Orlandi, 2015, p.17).

Saussure estabeleceu as fundações da Linguística estrutural, propondo a língua como um sistema de signos que expressam ideias, fundamentais para a construção do significado. Ele diferenciou a *langue* (sistema linguístico) da *parole* (uso da linguagem), influenciando profundamente o pensamento de Pêcheux. No contexto pós-guerra, especialmente na França, a necessidade de compreender as transformações sociais e culturais levou a uma reavaliação crítica de Saussure, com Pêcheux enfatizando a natureza dinâmica e ideologicamente carregada da linguagem.

Por outro lado, a Análise de Discurso coloca em questão o legado do materialismo histórico, ou seja, o de que há uma realidade da história de tal forma que o homem participa da história, mas ela também não lhe é transparente. Desta forma, a língua e a história são levadas em consideração na produção de sentidos. São esses estudos do discurso que deram origem à forma material de análise, não mais a forma abstrata como era feito pela Linguística.

A segunda influência é do *Marxismo*, trazida pelo filósofo francês, Louis Althusser, que proporcionou a Pêcheux uma perspectiva materialista da história, em que a linguagem é vista como uma prática social que reflete e molda as relações de poder. Althusser renovou a interpretação do Marxismo, enfatizando a superestrutura ideológica nas relações de poder. Ele argumentava que as ideologias são materializadas nas práticas institucionais, o que influenciou Pêcheux a considerar a linguagem como uma forma de prática social, refletindo e perpetuando as relações de poder e ideologia.

Por fim, a influência da *Psicanálise*, a partir do psicanalista francês Jacques Lacan, dentre outros pensadores da época, e Pêcheux entendeu o sujeito como descentralizado, construído nas e pelas estruturas linguísticas, marcado pela inconsciência e pela ideologia. Lacan reinterpreta a obra de Freud, introduzindo o conceito do sujeito descentralizado, estruturado pela linguagem e pelo simbólico. Essa perspectiva influenciou Pêcheux a entender o sujeito do discurso não como uma entidade autônoma, mas como um ponto de interseção das forças ideológicas e discursivas. A *Psicanálise* desloca a noção de homem para a de sujeito. Este, por sua vez, se constitui na relação com o simbólico, na história.

Reunindo essas três regiões de conhecimento, Pêcheux sintetizou suas influências para a formulação da *Análise do Discurso* materialista, argumentando que o discurso é um processo de produção de sentido influenciado pelas condições históricas e ideológicas. Ele afastou-se da visão de linguagem como sendo transparente, um instrumento neutro e enfatizou seu papel como um “campo de luta ideológica”. Para ele, a língua não é apenas um veículo para a comunicação, mas um espaço onde o poder e a resistência são negociados. Isso comprova o fato de que as tumultuadas condições da França dos anos 60 e 70, em que as lutas sociais e políticas estavam em primeiro plano, influenciaram, diretamente, a teoria da *Análise de Discurso* materialista pecheutiana.

Para Pêcheux, a *Análise de Discurso* apresentava-se como um corte epistemológico necessário, pois relacionava o discurso ao sujeito e à ideologia.

A *Análise de Discurso* trabalha a noção de discurso que não se reduz ao objeto da Linguística, não se deixa absorver pela Teoria Marxista e tampouco teoriza a *Psicanálise*. Interroga a Linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da *Psicanálise* pelo modo como, considerando a historicidade trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele. (ORLANDI, 2015, P.18)

Na confluência desses campos de conhecimento, a *Análise de Discurso* surge, então, como um novo recorte de disciplinas constituído de um novo objeto – o discurso – que vai afetar as formas de conhecimento em seu conjunto. E, para Pêcheux, a noção de discurso é diferente do esquema tradicional da comunicação que se constitui por: emissor, receptor, código, referente e mensagem. Na concepção pecheutiana, não se trata apenas da transmissão de informação, nem há uma linearidade na disposição dos elementos da comunicação, como se a mensagem se enquadrasse em um mesmo padrão.

Para a AD, a língua não é só um código, não há uma separação entre emissor e receptor e nem existe uma sequência preestabelecida. Tudo acontece ao mesmo tempo. É o processo de significação – Ao invés de mensagem, fala-se em discurso.

Desse modo, diremos que não se trata de transmissão de informação apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação. (Orlandi, 2015, P.19).

Um outro ponto muito importante é que o discurso não é uma simples transmissão de mensagens, mas sim de efeitos de sentidos. Partindo dessa concepção discursiva, Pêcheux (1997, p.82) afirma que, “o discurso é efeitos de sentidos entre interlocutores”. Trata-se, portanto, de um processo de significação que é realizado pelos sujeitos do discurso. Logo, no funcionamento da linguagem, há uma relação entre sujeitos e sentidos que são afetados o tempo todo pela língua, pela história e pela ideologia. São processos complexos que constituem os sujeitos e os sentidos, por isso em um discurso trata-se de efeitos de sentidos, por comprometer-se com os processos de significação, que são múltiplos, e não transparentes. E o discurso é o espaço onde a língua e a ideologia trabalham., ou seja, a partir de Orlandi (2015) trazemos o conceito basilar da teoria pecheutiana: “As palavras simples do nosso cotidiano já chegam até nós carregadas de sentidos que não sabemos como se constituíram e que, no entanto, significam em nós e para nós.” (Orlandi, 2015, p.18).

No Brasil, os conhecimentos sobre a AD materialista foram aprofundados, no final dos anos 70, pela linguista e professora universitária, Eni Orlandi (2015), que foi pioneira nas pesquisas sobre Análise de Discurso, com base nos trabalhos de Pêcheux. Ela é uma das referências na área no país, com mais de 30 obras teóricas sobre o discurso aplicado ao ensino, à mídia, à história, à religião, entre outras. Com o passar do tempo e o desenvolvimento de pesquisas na AD, Orlandi (2015) se tornou uma voz significativa no estudo da linguagem e da Análise de Discurso, sobretudo no período de transição para a democracia, realçando a importância do contexto sócio-histórico na análise discursiva. Como uma importante referência na disseminação das teorias criadas por Pêcheux no país, suas obras serão amplamente exploradas nesta pesquisa.

Para Orlandi, entender a língua como estrutura implica aceitar a própria condição de existência do simbólico – que é a língua não enquanto um sistema abstrato, mas sim a língua no mundo, com maneiras de significar e produzir sentidos. Por outro lado, a falta de um padrão rígido para a língua também nos leva a aceitar a impossibilidade de ela permitir uma precisão lógica do mundo. Podemos afirmar:

Por esse tipo de estudo se pode conhecer melhor aquilo que faz do homem um ser especial com sua capacidade de significar e significar-se. A Análise de Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a

continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana. (Orlandi, 2015, p.13)

Dessa forma, a noção de realidade se baseia nas práticas sociais do sujeito, nas suas percepções de mundo, que se significam pelo seu dizer, assim como o próprio sujeito se significa no dizer, sempre em processo de ressignificação.

Como uma importante analista de discurso brasileira, Orlandi contribui para uma abordagem rigorosa e reflexiva sobre como a linguagem é utilizada para perpetuar ou subverter as relações de poder, promovendo uma compreensão mais ampla dos processos discursivos e da influência da ideologia na sociedade.

Assim, Orlandi (2015) reúne os três pontos fundamentais da Análise de Discurso pecheutiana que são relevantes para a nossa pesquisa: i) A língua tem sua ordem própria, mas é relativamente autônoma (diferente da Linguística, ela reintroduz a noção de sujeito e de situação na análise da linguagem; ii) A história tem seu real afetado pelo simbólico (os fatos reclamam sentidos); ii) O sujeito de linguagem é descentrado, pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam, ou seja, o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia.

Diante dessas postulações que são centrais para o entendimento da Análise do Discurso de cunho materialista, seguiremos nossas proposições teóricas que sustentam e fundamentam o discurso digital, em que estão imersos os nossos *corpora*.

4.2 COMO COMPREENDER O DISCURSO DIGITAL?

Quando tomamos como *corpus* para esta pesquisa entradas ao vivo em que imprevistos acontecem e as cenas viralizam nas redes, estamos enfatizando, aqui, a influência direta da Internet, da tecnologia e da formação de um discurso digital, questões pertinentes na atualidade. No Brasil, a pesquisadora Cristiane Dias (2018) é uma das referências que utiliza a Análise de Discurso pecheutiana para compreender as relações presentes no discurso digital. Dessa forma, ela nos reitera o fato de que:

É justamente a política do significante “tecnologia digital” que busco compreender: seu funcionamento na sociedade contemporânea, no que diz respeito à língua, ao sujeito e à história. Nesse sentido, interessa-me mostrar a não homogeneidade do sentido de tecnologia. Mostrar que muitas vezes é pelo equívoco que seu sentido funciona. E essa equivocidade é parte do processo de historicização de tecnologia. (Dias, 2018, p.26)

Reiteramos, também, Orlandi (2012), ao afirmar “a Análise de Discurso não é uma disciplina sedentária, isso não significa, no entanto, que ela não trabalhe sobre princípios teóricos incontornáveis”. Por isso, a imbricação de diferentes perspectivas fornecerá um entendimento profundo das interações entre discurso, poder e mídia, fundamentais para analisar o telejornalismo na era digital.

Ao tratar a ordem do discurso digital, Dias (2018) busca o entendimento de como o simbólico, na relação com o político, determina os sentidos e os sujeitos do discurso. Mas o digital produz um novo tipo de relação entre o sujeito e o social.

É nesse sentido que tomo o digital para além de uma mera forma de produção da tecnologia, mas como uma condição de produção político-ideológica do discurso, como uma condição e meio de produção e reprodução das formas de existência capitalistas. (Dias, 2018. p.28).

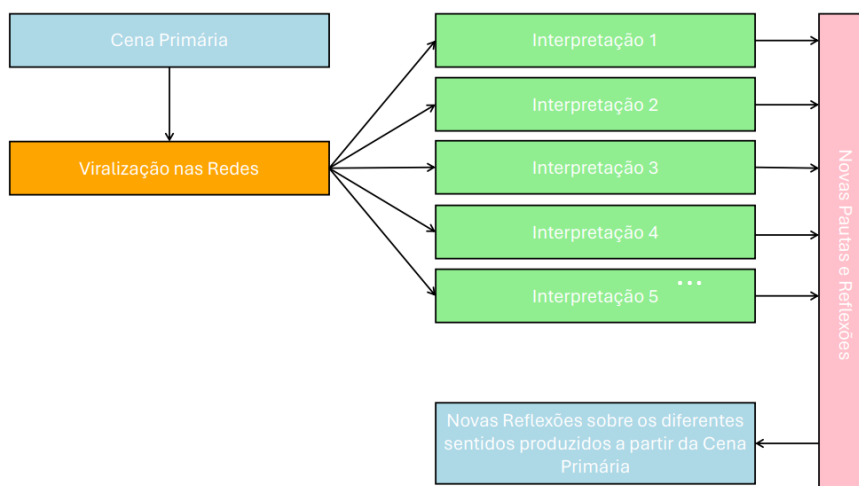
Sabe-se que a tecnologia, particularmente nas plataformas digitais, transformou a maneira como os discursos são produzidos, disseminados e recebidos, desafiando os modelos tradicionais de análise discursiva. Por isso, ao tomar o telejornalismo e, portanto, a televisão como um objeto discursivo, este trabalho, filiando-se aos pressupostos teóricos da Análise de Discurso, entende que o discurso televisivo, como todo o discurso, pode ser compreendido como um “efeito de sentidos entre locutores” (Pêcheux, 1997), determinados pelas condições de produção em que são constituídos, formulados e postos em circulação.

Para Dias (2018), o que diferencia um discurso digital em relação aos outros tipos na produção de sentidos é que ele se formula ao circular. Essa mudança na ordem não quer estabelecer uma relação de anterioridade de um momento em relação ao outro, mas de perspectiva. Olhar o processo de produção dos discursos pela via da circulação tem a ver com um sentido que se produz no efêmero, no agora, na circulação “ao vivo”, por exemplo. Dessa forma, reitera:

É nessa medida, no que se refere ao digital, que tenho trabalhado a circulação como o “ângulo de entrada” para compreender os processos de produção do discurso, pois entendo que é pela circulação (compartilhamento, viralização, comentários, postagens, hashtags, memes, links...) que o discurso digital se formula e se constitui. (Dias. 2018, p.3).

Observando o esquema a seguir, compreende-se o processo de produção de sentidos que pretendemos analisar nesta pesquisa, a partir da viralização.

FIGURA 3 – Esquema da viralização



Fonte: Ilustração elaborada pela autora, 2024.

Entendemos que, a partir do momento em que há um primeiro discurso, isto é, a cena de uma determinada entrada ao vivo e que ocorre um imprevisto, denominamos de “Cena Primária”, que passa a viralizar na Internet. No entanto, é preciso reconhecer e identificar a formação de um ou mais sentidos sobre o ocorrido, já que são milhares de pessoas que são afetadas por aquela mensagem, que passam a interpretá-la e produzir seus próprios sentidos e replicam em suas redes sociais e aplicativos de mensagens. Diante de tanta repercussão, as mídias – TV, rádio e Internet – passam a repercutir o assunto utilizando a mesma “Cena Primária” como pano de fundo, como um contexto para produzir novas pautas, reflexões e reportagens sobre o tema em questão. É o que, no Jornalismo, constitui o processo das chamadas *suítes*¹⁰.

Por meio dessas perspectivas teóricas, mobilizamos essas reflexões para este estudo para buscar interpretar os recursos utilizados nas coberturas televisivas ao vivo, compreendendo como os discursos se constroem, se organizam e funcionam nesse contexto específico. Não perdemos de vista, no entanto, as relações de poder e as formas de produção de sentidos inerentes a essas práticas discursivas quando ocorre a viralização de um imprevisto durante uma cobertura ao vivo. Isso nos confirma a relevância da AD para compreender alguns fenômenos atuais do telejornalismo e a importância de se trazer à tona a presente pesquisa.

¹⁰ Do francês *suite*, isto é, série, sequência. Em jornalismo, designa a reportagem que explora os desdobramentos de um fato que foi notícia na edição anterior. A *suíte* deve rememorar os fatos anteriormente divulgados. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_producao_s.htm. Acesso: 19 de ago. 2024

Dessa forma, reiteramos como o discurso digital “está sujeito ao equívoco da língua, com a possibilidade de desconstrução e a atribuição de novos sentidos ao já dito”, como afirma Abreu (2016). O estudo desse tipo específico de discurso ganha ainda mais relevância quando consideramos os avanços tecnológicos no mundo digital, sobretudo o impacto das redes sociais, que passam a atuar como mediadoras das relações interpessoais. Essa mudança na discursividade, na qual o digital muda comportamentos e abre espaço para que outros tipos de materialidades discursivas sejam analisados, Dias (2016) denomina como a “digitalização do mundo”.

Práticas de linguagem que tendem à metaforização das relações sociais e das práticas dos sujeitos que, por meio do acesso, deslocam o campo da “luta” para uma inscrição na forma digital. Em outros termos, a digitalização do mundo é um processo de historicização dos sentidos que desloca o modo de significação, produzindo uma forma material outra, porque inscreve o dizer, o fazer, as práticas dos sujeitos, em outras condições de produção, afetada por outras instituições, como as corporações do tipo Google ou Microsoft, garantindo o funcionamento da máquina ideológica por meio das relações de poder e de produção-reprodução do trabalho. (Dias, 2016, p.10-11).

Nessa perspectiva, trazemos Dorow (2023), trazendo a noção de inscrição no digital, que leva em consideração um outro conceito de memória, a memória metálica, diferente da memória discursiva e do interdiscurso. Para esse conceito, Orlandi (2010) afirma que:

A memória metálica é aquela produzida no mundo digital, por meio das mídias e novas tecnologias de linguagem. Difere da memória discursiva pelo fato de não ser produzida pela historicidade, e sim por adicionar um construto técnico, como televisão, computador, por exemplo. É caracterizada pela massificação, típica do ambiente digital, onde se destaca a quantidade e a repetição, e não a historicidade. (Orlandi, 2010, p.67)

Sobre a sua forma de distribuição, devemos ressaltar que a memória metálica é considerada horizontal (e não vertical, como a define Courtine), não havendo, assim, estratificação em seu processo, mas distribuição em série, na forma de adição, acúmulo. O que foi dito aqui e ali e mais além vai se juntando como se formasse uma rede de filiação e não apenas uma soma, como realmente é, em sua estrutura e funcionamento. Esse é um efeito – uma simulação – produzido pela memória metálica, memória técnica. Quantidade e não historicidade. Produtividade na repetição, variedade sem ruptura. (Orlandi, 2010, p.4).

Como vimos anteriormente, a memória discursiva é marcada pela historicidade. É nela que estão os saberes discursivos ligados a uma determinada formação discursiva que retornam na formulação e afetam o modo como o sujeito significa em uma determinada situação discursiva. Contudo, no discurso digital, embora as memórias discursiva e metálica apresentem diferenças significativas, elas não estão separadas e atuam, ao mesmo tempo, no processo de

produção de sentidos. Essa relação funciona na tensão entre os processos parafrásticos e polissêmicos. Ou seja, ao mesmo tempo em que a memória metálica promove a repetição de forma quantitativa, a memória discursiva/interdiscurso intervém no acontecimento discursivo, podendo modificar a rede de sentidos e promover o diferente, a ressignificação. Daí, é cunhado um outro conceito de memória, a memória digital, definida assim por Dias (2016):

A memória digital é esse resíduo que escapa à estrutura totalizante da máquina e se inscreve já no funcionamento digital pelo trabalho do interdiscurso. Portanto, a memória digital não é uma reatualização técnica da memória, ou seja, uma expansão horizontal dos enunciados, mas uma atualização discursiva pelo trabalho do interdiscurso, considerando o acontecimento do digital. (Dias, 2016, p.12).

Dessa forma, é preciso ressaltar que o discurso digital, como qualquer outro discurso, é lugar onde a língua se inscreve na história e está sujeita ao equívoco e a falhas. Nas redes sociais, por exemplo, ao curtir, compartilhar determinada postagem, há um movimento de identificação ou não identificação, confirmando o trabalho da memória discursiva a partir da filiação do sujeito discursivo a uma determinada formação discursiva. Mesmo sendo marcado pela repetição, o discurso digital é o lugar de encontro das memórias metálica, digital e discursiva, o que afeta o “circuito constituição, formulação e circulação”. Isto porque qualquer forma de memória tem uma relação necessária com a interpretação e, conseqüentemente, com a ideologia.

Os gestos de interpretação, enquanto prática simbólica, estão diretamente associados aos efeitos de sentidos produzidos na relação entre sujeito, língua e história. Esses gestos devem ser pensados como práticas simbólicas, considerando as posições ocupadas pelo sujeito no discurso e as respectivas significações que derivam dessas posições, de compromissos com determinadas formações discursivas, das circunstâncias de enunciação e da memória. (Dorow, 2023, p.64)

Assim, “o espaço digital – ainda que seja virtual – tem sua materialidade e produz efeitos” (Orlandi, 2010, p.9). Dessa forma, analisar no *corpus* desta pesquisa o fenômeno da viralização passa a ser um terreno fértil para pesquisadores quando falamos em práticas simbólicas.

Quando um determinado acontecimento discursivo passa a circular rapidamente, a ser replicado nas redes no mundo digital, mais especificamente na Internet, podemos perceber como esse movimento tem um certo potencial discursivo, ao aglutinar conteúdo, forma e posição/posicionamento sobre um determinado tema. Conforme analisa Dorow (2023) sobre os memes, podemos fazer uma ligação com a viralização de conteúdos na Internet. O sucesso de um determinado assunto que viraliza não está relacionado à sua autoria, mas à sua capacidade de multiplicação, replicação na Internet. É esse o movimento proporcionado pelas facilidades

oferecidas pela Internet quando ocorre a identificação de internautas com determinada temática e, consecutivamente, o compartilhamento em série.

5 INSTRUMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA ANÁLISE DE DISCURSO

Neste capítulo, buscamos aprofundar os conhecimentos acerca de alguns conceitos que serão mobilizados como instrumentos teóricos-metodológicos nas análises que serão feitas. Nessa etapa da pesquisa, reforçamos que a AD trabalha “com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas” (ORLANDI, 2015, p. 13-14). Nessa perspectiva, é importante ressaltar como a AD compreende o papel da língua, para além da estrutura formal defendida pelo viés estruturalista. Ela é tomada pelos atravessamentos exteriores que a constitui enquanto tal, considerando o processo e as condições de produção (ORLANDI, 2015).

Conforme já dito, tendo como *corpus* duas coberturas jornalísticas transmitidas na televisão que viralizam na Internet, pretendemos analisar a constituição do sentido no conjunto formado por uma mesma cena: a materialidade textual, imagética e a sua transposição para o discurso digital. Por isso, mobilizamos Orlandi (2010a), que chamou atenção para a forma de significação desses objetos simbólicos:

Habitualmente, o que acontece é que há uma determinação ideológica do verbal sobre o não-verbal, achatando as especificidades. Como se fossem meras adições, soma. No entanto, uma imagem posta junto ao verbal, no digital, não deve ser simples exercício de ilustração, mas significação atestando a abertura para o simbólico, dispersão de sentidos. (Orlandi, 2010a, p. 12).

Logo, essa perspectiva também trata da história, mas se debruça na materialidade discursiva, uma vez que, conforme Orlandi (2015) afirma, a AD estuda a língua em uso, em prática; a própria etimologia da palavra já significa o seu objetivo – estamos tratando da língua em movimento. Portanto, ao realizar essa pesquisa nesse campo teórico, parte-se da noção de que “a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua” (Orlandi, 2015, p.15). Assim, a relação fundamental estabelecida pela AD entre discurso, língua, história e ideologia nos permite aprofundar sobre o *corpus* da pesquisa com um olhar atento e analítico, considerando-o não só na sua materialidade, mas, principalmente, na sua relação com o mundo e com a história, produzindo diferentes sentidos.

Nesse sentido, é importante compreender o papel da ideologia para a AD. De acordo com Pêcheux (2014), não há discurso sem sujeito e sujeito sem ideologia. Isso quer dizer que o sujeito da AD não é percebido como um ser natural, na perspectiva biológica, nem como sujeito empírico que exerce suas atividades no mundo, mas como o sujeito do discurso, que é constituído pela ideologia, mas também pelo inconsciente. Dessa maneira, é a ideologia que

transforma o homem em sujeito. O sujeito discursivo é, portanto, uma posição que ele assume para se tornar sujeito do que diz. Para que essa construção produza sentidos, o sujeito não se submete apenas à língua, mas também à história.

A Análise de Discurso trabalha com o discurso materializado na língua em sua relação com a história e a ideologia na produção dos sentidos: o conceito fundamental para a compreensão dos diferentes posicionamentos dos sujeitos. Ela evidencia a ideologia como a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos.

Para esta parte da análise, vamos recorrer ao conceito de ideologia para a AD como sendo a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. Sobre o funcionamento da ideologia, Pêcheux (2014) afirma que o sujeito já nasce ocupando uma condição estabelecida pela ideologia que o influencia em várias situações, as quais o fazem tomar uma posição enquanto sujeito, atravessado pelo social, dentro de condições de produção específicas. E Orlandi (2015) complementa esse pensamento ao afirmar que “o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer. (...) O trabalho da ideologia é produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência. (Orlandi, 2015, p.44).

Partindo do *corpus* desta pesquisa, de coberturas “ao vivo” em telejornais em que imprevistos acontecem e as cenas viralizam nas redes, é preciso compreender, também, o conceito de condições de produção. Segundo Pêcheux (2019), “um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas”. Isso significa dizer que, quando o sujeito se posiciona em relação a algum objeto/discurso, ele se posiciona conforme a condição em que ele se situa, a partir de “relações de forças”. Soma-se a isso o fato de que, ao se falar em telejornalismo, a ideologia não é apenas um pano de fundo para a produção de notícias, mas uma força ativa que modela o discurso. Por isso, Pêcheux enfatizou como os discursos são sempre situados e carregados de significado ideológico, o que no telejornalismo se traduz em escolhas editoriais, linguagem e enquadramentos que refletem e reforçam perspectivas e valores específicos. Nesse aspecto, abordaremos mais detalhadamente esse importante conceito da AD no capítulo 7, quando apresentaremos o nosso *corpus*.

Para o nosso objeto discursivo, é importante abordar os discursos que são formados durante entradas “ao vivo” e, para isso, recorreremos aos conceitos de Pêcheux (1969) sobre as formações ideológicas e as formações imaginárias.

As formações ideológicas referem-se aos sistemas de ideias que permeiam uma sociedade e que estruturam o modo como os sentidos são produzidos, circulados e estabilizados dentro dos discursos. Elas são as bases a partir das quais os sujeitos interpretam o mundo e

constroem seus discursos. Elas determinam o que pode ser dito, como pode ser dito e por quem, sendo, portanto, um elemento essencial na constituição dos discursos. Conforme Pêcheux (2014) conceitua "as formações ideológicas são o substrato das formações discursivas, configurando o campo de possibilidades de enunciação e de interpretação dos sentidos que circulam na sociedade" (Pêcheux, 2014, p.46).

Dessa forma, para a AD, as formações ideológicas influenciam diretamente as formações imaginárias, uma vez que as ideologias em que um sujeito está inserido moldam as representações imaginárias que ele constrói. Ou seja, sobre as posições que o sujeito do discurso ocupa em relação ao outro durante o processo discursivo. Para apresentar essas posições, Pêcheux (2019, p. 40) desenvolve um quadro da seguinte forma:

- 1) a imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A, com a pergunta "Quem sou eu para lhe falar assim?";
- 2) a imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A, com a pergunta "Quem é ele para que eu lhe fale assim?";
- 3) a imagem do lugar de B para o sujeito colocado em B, com a pergunta "Quem sou eu para que ele me fale assim?";
- 4) a imagem do lugar de A para o sujeito colocado em B, com a pergunta "Quem é ele para que me fale assim?".

Essas formações imaginárias esboçam a posição dos protagonistas do discurso (A e B) em relação a eles mesmos e ao outro e que são determinadas pela estrutura social. São elas que influenciam, direta e indiretamente, nas condições de produção do discurso (PÊCHEUX, 1969). Conhecimentos que vamos aprofundar durante a análise do *corpus* para estabelecer as relações entre os interlocutores do discurso – jornalistas e público.

Nesse sentido, trazemos o conceito de "lugar de enunciação" como uma dimensão das posições-sujeito, uma forma de legitimar os discursos e discutir os efeitos de legitimidade produzidos a partir de um discurso em relação ao lugar ocupado pelo sujeito que o anuncia. O que é diferente do termo popularmente conhecido por "lugar de fala", já que faz parte do processo de constituição do sujeito do discurso, relacionado às demandas políticas que envolvem a prática discursiva. Conforme propõe Zoppi-Fontana (1999), "a divisão social do direito de enunciar e a eficácia dessa divisão e da linguagem em termos de produção de efeitos de legitimidade, verdade, credibilidade, autoria, circulação, identificação na sociedade" (p.16).

Para a AD, a política do acontecimento refere-se à maneira como certos eventos são destacados, interpretados e construídos discursivamente para servir a interesses ideológicos específicos. Portanto, ele não é compreendido como algo natural ou dado, mas como uma construção discursiva que envolve escolhas sobre o que deve ser visibilizado ou silenciado.

Analisando por essa linha teórica, vamos recorrer ao conceito de acontecimento jornalístico de Dela-Silva (2015), ao dizer que o acontecimento jornalístico é uma noção que, no quadro teórico metodológico da AD, se constitui a partir do discurso tomado como acontecimento que, por sua vez, se dá em um certo momento da atualidade e depende da memória. Conforme apontam os estudos de Dela-Silva (2015), as práticas jornalísticas são práticas discursivas, já que trabalham com base em um acontecimento, inscrevendo um fato em um determinado contexto de atualidade e num espaço de memória que ele convoca e que já começa a reorganizar.

Para a Análise de Discurso, as práticas jornalísticas são práticas discursivas midiáticas com especificidades pautadas por técnicas que regulam o fazer jornalístico em nossa sociedade. Essa técnica do Jornalismo permite editar, manipular, cortar um determinado ponto do fato a ser noticiado e, conseqüentemente, promove o direcionamento do olhar, da compreensão do público sobre o assunto. Conforme Moreira (2024) conceitua o Gesto de Edição enquanto ato que intervém nos processos de significação, atualizando outros modos de produção-circulação dos discursos e outros modos de leitura".

Discursivamente, buscamos mostrar como a análise dos gestos de edição trabalha seus efeitos em sua deriva significativa. Ou seja, o modo como esse gesto de edição 'corte' é, em certas condições históricas de produção-circulação do discurso, materialmente significado, também pode corresponder, entre outras possibilidades, a um gesto censório (Moreira, p.13, 2024).

Para Dela-Silva (2015), existe um modo específico de funcionamento do discurso relacionado à imprensa como instituição e à posição-sujeito do jornalista. Ambos promovem direcionamentos de compreensão, ou seja, criam novos discursos a partir de um mesmo fato a ser noticiado. Para a pesquisadora, o acontecimento jornalístico é uma construção do jornalismo enquanto prática discursiva na mídia, que não se confunde com a existência empírica dos acontecimentos quaisquer que sejam eles. Desse modo, o que se propõe com a noção é um certo distanciamento em relação a uma missão comunicacional do jornalismo, que considera as notícias e os relatos que circulam na mídia decorrentes somente de um fato com interesse jornalístico e que, por isso, receberiam espaço na mídia. Essa visão pressupõe que o fato preexiste à narrativa jornalística sobre ele.

Esse entendimento se aproxima da reflexão de Guimarães (2001) sobre a prática de enunciar na mídia, ao dizer que, o acontecimento para o jornal, aquilo que é enunciado como notícia, não se dá apenas como evidência, mas é constituído pela própria prática do discurso jornalístico. Para ele, divulgar um fato na mídia necessita de uma certa referência de memória

da mídia pela própria mídia. O que só reforça a ideia de que o acontecimento jornalístico é, também, uma prática sócio-histórica.

Compreende-se, assim, que antes mesmo de compreender o resultado do trabalho de um analista de discurso, é preciso abranger a posição dele perante o discurso a ser interpretado. Diante da seleção do *corpus* em que as sequências discursivas serão analisadas, é importante considerar as sequências discursivas (SD) organizadas a partir de um recorte realizado pelo analista dentro do *corpus*. É com base nessa seleção que o analista consegue analisar as características do processo de significação do discurso. Ao selecionar o recorte que será realizado, é preciso levar em consideração “as posições do sujeito, a regionalização dos sentidos, a projeção histórica, política, sobre a linearidade (textualidade) em que funciona abundantemente a ideologia (e o inconsciente).” (Orlandi, 2012, p. 89). Esses pontos serão fundamentais para compreendermos como o sentido é mobilizado nas posições discursivas dos sujeitos da enunciação.

Em um primeiro momento, serão considerados todos esses aspectos para que a análise não seja descritiva, mas realizada numa posição de deslocamento entre o analista e o objeto. Assim, pretendemos compreender o processo de produção de sentidos em suas condições de produção.

É importante salientar que o trabalho de um analista é fundamentado na busca de sentido em uma determinada materialidade linguística e histórica. Assim como reforça Orlandi (2015, p.57), “a ideologia não se aprende, o inconsciente não se controla com o saber. A própria língua funciona ideologicamente, tendo em sua materialidade esse jogo”. Ao dizer que todo enunciado é linguisticamente descritível, como uma série de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação, Pêcheux reforça a teoria de que, diante de um mesmo discurso, sempre há espaço para inúmeras interpretações. Essa interpretação de cada um que promove espaço para um outro enunciado, por meio da manifestação do inconsciente e da ideologia na produção dos sentidos e na constituição dos sujeitos, como afirma Orlandi (2015).

Ainda na perspectiva apresentada por Orlandi (2017, p. 56), “a Análise de Discurso, sem adjetivo, tem instrumentos teóricos e metodológicos para trabalhar com objetos de análise, materiais de análise, corpora, textos de qualquer natureza material significativa.” Em se tratando da AD, não se busca, aqui, procurar um sentido estável, fechado e verdadeiro na análise do *corpus* desta pesquisa, mas compreender como os efeitos de sentido são mobilizados pelos sujeitos do discurso, levando-se em consideração as condições de produção, a formulação e a circulação dos sentidos. Assim, “a análise é um processo que começa pelo próprio

estabelecimento do *corpus* e que se organiza face à natureza do material e à pergunta (ponto de vista) que o organiza”. (2015, p.61).

Como para a AD não há sujeito sem ideologia, pois ele é um “efeito ideológico”, o trabalho da ideologia consiste, portanto, em “produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência.” (Orlandi, 2005, p. 46). E o modo como a ideologia funciona é pelo apagamento ou pelo esquecimento. A AD estabelece dois tipos de esquecimentos que o sujeito realiza durante o discurso: o primeiro diz respeito ao esquecimento de que o sentido não se inicia com o falante, ele já está lá; o segundo diz respeito ao fato de que ele interpreta, se posiciona em relação a uma memória do dizer (Pêcheux, 1988).

Pêcheux denomina esses esquecimentos como esquecimento nº1 e esquecimento nº2. Quanto ao esquecimento nº1 Pêcheux (1988, p. 173) compreende “que o sujeito-falante não pode, por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina.”, em outras palavras, trata-se do esquecimento ideológico, da ordem do inconsciente. Nessa concepção, Pêcheux diz que o sujeito não é a origem do sentido e do dizer, reafirma que os sentidos não são criados do nada, eles partem de outros dizeres, de formações discursivas.

O esquecimento nº2 refere-se ao “esquecimento”, como nos coloca Pêcheux. Dessa forma, entende-se que todo sujeito-falante “seleciona” no interior da formação discursiva que o domina, ou seja, esse é o esquecimento da ordem da enunciação. Assim, o que interessa para a Análise de Discurso são os posicionamentos discursivos do sujeito, inscritos em condições sócio-histórico-políticas e ideológicas.

Dessa forma, quando se percebe um certo domínio da enunciação, a impressão é de que o que está dito só poderia ser dito daquela maneira. Mas, a partir dos pressupostos metodológicos mobilizados na AD, conseguimos identificar, também, os processos de silenciamento, levando em consideração o contexto, a ideologia da época em que o discurso foi produzido, em quais condições e de que forma ele pode ser afetado por diferentes memórias discursivas.

A escuta discursiva deve explicitar os gestos de interpretação que promovem a identificação dos sujeitos, ou seja, descrevendo sua relação com a memória. E a interpretação, segundo Orlandi, vai aparecer em dois momentos na análise.

1. Interpretação como objeto de análise: o sujeito que fala, interpreta. E o analista deve descrever esse gesto de interpretação.
2. Não há descrição sem interpretação: o próprio analista está envolvido na interpretação. (Orlandi, 2015, p. 59)

Dito isso, ressaltamos o pensamento de Pêcheux sobre a necessidade de um dispositivo teórico que possa intervir na relação do analista com os objetos simbólicos que analisa, produzindo, assim, um deslocamento de sua posição de sujeito com a interpretação: “esse deslocamento vai permitir que ele trabalhe no entremeio da descrição com a interpretação”. (Orlandi, 2015, p.58). O que se espera do analista é que ele trabalhe em uma posição neutra, para que consiga investir na opacidade da linguagem, no descentramento do sujeito e no efeito metafórico, no equívoco, na falha e na materialidade, contemplando o processo de produção de sentidos em suas condições. É o que Orlandi (2015, p. 59) conceitua como mediação teórica:

O dispositivo teórico produzido pelo analista que permite que, durante o funcionamento do discurso, na produção de efeitos, ele não reflita apenas no sentido do reflexo, da imagem, da ideologia, mas reflita no sentido de pensar. Isto significa colocar em suspenso a interpretação. Contemplar. Que, na sua origem grega, tem a ver com Deus, com o momento em que o herói contempla antes da luta: Ele encara sua tarefa. Ele a pensa. (Orlandi, 2015, p. 59 e 60).

Reafirmando esse posicionamento da opacidade da língua, Orlandi (2012, p. 9-10) destaca que “o corpo do sujeito e o corpo da linguagem não são transparentes. São atravessados de discursividade, isto é, de efeitos desse confronto, em processos de memória que tem sua forma e funciona ideologicamente.” Logo, nem a língua, nem os sentidos, nem o sujeito são transparentes, mas antes, atravessados pelo social, pelo histórico e pelo ideológico.

Assim, compreendemos, também, a noção de exterioridade para a AD. Conforme Orlandi afirma, ela não é tratada no sentido concreto da palavra, “não tem a objetividade empírica do “fora” da linguagem, pois na AD, a exterioridade é suprimida para intervir como tal na textualidade.” (Orlandi, 1996, p. 38). Nesse sentido, encontra-se o entremeio da discursividade, pois a textualidade ou o modo como o discurso se textualiza é constituído pelas interações que o próprio sujeito realiza. Dessa maneira, é por meio das relações, das interações, do contato com o outro da linguagem que o sujeito se constitui no real da língua, o qual é exteriorizado pelo discurso, e nessa perspectiva temos uma exterioridade discursiva. Destaca-se, portanto, a textualização do político, entendido discursivamente como a simbolização das relações de poder presentes em um texto.

Nesse contexto, é preciso compreender, também, como a AD trabalha a noção de interdiscurso. De acordo com Orlandi (1996), a exterioridade discursiva é trabalhada pelo interdiscurso no sentido de compreender que o discurso não é independente, mas ligado a outras filiações discursivas que são movimentadas na memória dos sujeitos.

Conforme Pêcheux (1990) afirma, todo discurso é um índice potencial nas filiações sócio-históricas de identificação, o discurso não é independente das redes de memória, ele constitui, assim, ao mesmo tempo, um efeito nessas redes de filiações e um deslocamento no seu espaço-tempo. Logo, ao mesmo tempo em que ele desestrutura essa rede, ele a reestrutura, uma vez que foi afetado por outro objeto de identificação. Ou seja, o discurso não é independente, ele é sempre interligado a uma rede de memórias, é atravessado por outros dizeres, já ditos.

Elucidar esse funcionamento da língua sendo atravessada pela exterioridade é essencial para compreender a constituição do discurso na perspectiva da AD. Essa relação de um dizer com outros dizeres, que estão na memória social, definem o que compreendemos por interdiscurso. Por meio de Orlandi, temos como definição:

O conjunto de dizeres já ditos e esquecidos que determinam o que dizemos, sustentando a possibilidade mesma do dizer. Para que nossas palavras tenham sentido é preciso que já tenham sentido. Esse efeito é produzido pela relação com o interdiscurso, a memória discursiva: algo fala antes, em outro lugar, independentemente. Tenho definido o interdiscurso como a memória que se estrutura pelo esquecimento (Orlandi, 2012, p. 59).

É preciso, no entanto, elucidar o que seria a memória discursiva, e nesse sentido, é o conjunto de discursos passados que retornam como já-ditos e estruturam os sentidos atuais. É através da memória discursiva que o interdiscurso opera, trazendo para o presente as significações do passado. Assim, compreender um discurso é interpretar o interdiscurso existente ou a memória discursiva. Ainda segundo Orlandi (2009, p.31), “é o saber discursivo que torna possível todo o dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra”.

Portanto, é por meio da memória discursiva que surgem saberes influenciadores da forma como o sujeito vai significar em uma determinada condição de produção. Courtine (1982) demonstra essa relação a partir de dois eixos: vertical e horizontal. O conceito de intradiscurso, que é a formulação propriamente dita do fio do discurso, encontra-se no eixo horizontal. Já no vertical está o interdiscurso, enquanto nível de constituição do sentido. Portanto, “as relações de sentido são determinadas justamente no jogo entre esses dois eixos”. (Abreu, 2016, p.19).

Entender as funções do esquecimento também é fundamental para a AD. Pêcheux (2014) diz que é por meio do esquecimento que o sujeito discursivo esquece que é interpelado pela ideologia e faz a retomada de pré-construídos, dos já-ditos, em sua formulação. Dessa maneira, o sujeito passa a ter a ilusão de que controla os sentidos daquilo que diz. Essa é uma

ilusão necessária, pois é preciso que o sujeito “esqueça” que os sentidos preexistem e já estão constituídos historicamente.

Por sua vez, Pêcheux ainda aborda dois tipos de esquecimentos que atuam no discurso: i) esquecimento número um, conhecido também por esquecimento ideológico e refere-se à forma como somos afetados pela ideologia, criando a ilusão de que somos a origem daquilo que dizemos, mas que, na verdade, o que ocorre é apenas a retomada de sentidos preexistentes. ii) Já o esquecimento número dois está relacionado à enunciação, o que permite ao sujeito a ilusão (referencial) de que existe uma relação direta entre pensamento, linguagem e o mundo. É pelo esquecimento número dois que “[...] pensamos que o que dizemos só pode ser dito com aquelas palavras e não outras, que só pode ser assim” (Orlandi, 2009, p.35).

Para a AD, o sujeito, constituído pela linguagem, não controla a produção de sentidos, pois a linguagem é marcada pela incompletude, e o real da língua é sujeito a falha. Por isso, ao pensar discursivamente a linguagem, Orlandi (2009, p.37) afirma que “os sentidos e os sujeitos sempre podem ser outros. [...] Isso Depende de como são afetados pela língua, de como se inscrevem na história. Dependem de como trabalham e são trabalhados pelo jogo entre paráfrase e polissemia, que debruçaremos mais adiante.

Retomando o *corpus* da nossa pesquisa, em que vamos analisar o acontecimento jornalístico diante de um imprevisto em relação ao discurso-pauta, acionamos Michel Pêcheux (1997), pois ele afirma que a irrupção pode ocorrer em diferentes níveis e manifestar-se de diversas maneiras no discurso. Pode ser por meio de uma interjeição, um gesto, uma formulação surpreendente, um evento ou uma ruptura discursiva que desestabiliza as estruturas linguísticas e simbólicas preexistentes. Para Pêcheux (2014), o acontecimento discursivo engloba o embate entre a atualidade e a memória que não estabelece uma recorrência repetível, mas, sim, uma resignificação. Enquanto a memória procura estabelecer uma regularidade enunciativa, o acontecimento discursivo caracteriza-se, contrariamente, como sua irrupção.

Nesse sentido, é preciso compreender, também, o funcionamento da metáfora nas análises discursivas. Na AD, ela não é vista apenas como uma figura de linguagem, mas como um mecanismo que permite o deslizamento de sentidos entre diferentes campos semânticos. A metáfora funciona, portanto, como um operador discursivo que possibilita a criação de novos significados ao deslocar um termo de seu uso habitual para outro contexto, gerando um efeito de sentido.

Essa transferência não é arbitrária, mas está ancorada nas formações discursivas e ideológicas que moldam o discurso. Assim, a metáfora torna-se um dispositivo central para a

produção de sentido, evidenciando a relação intrínseca entre linguagem, ideologia e subjetividade.

Dessa forma, compreendemos como os discursos apresentam polissemia, ou seja, durante a análise discursiva, é preciso interpretar a multiplicidade de significados que um único termo ou expressão pode ter dentro de diferentes contextos discursivos. A polissemia é vista como um reflexo da heterogeneidade dos discursos, em que os sentidos são plurais e disputados. Já a polissemia nos auxilia a compreender que o sentido nunca é fixo ou estável, mas sempre depende das condições de produção e das relações de poder que atravessam o discurso. Assim, a análise da polissemia permite compreender como os sentidos são negociados e disputados em diferentes contextos sociais e históricos.

6 O “AO VIVO” E SUAS NARRATIVAS

Diante do aporte teórico-metodológico da AD materialista, uma transmissão “ao vivo” – seja ela na televisão ou na Internet – não é considerada um reflexo do real, nem a representação da realidade que está sendo transmitida, com autenticidade e imediatismo. Para a AD, a busca pelo real, pela verdade, pelo único ponto de vista sobre um assunto é impossível. O “ao vivo” é, portanto, uma prática discursiva complexa, amparada por efeitos de sentido que transcendem a simples transmissão de eventos em tempo real.

Segundo Pêcheux (2014), o real não existe, pois você se depara com ele de maneira que todo ponto de vista é o ponto de vista de um sujeito. A crítica de Pêcheux (2014) a essa necessidade da sociedade na busca pela regularidade, homogeneidade, permanência, por um sistema sem falhas, também se aplica a diversas formas de conhecimento. Teixeira (2020) reforça os discursos jornalísticos e científicos para exemplificar essa impossibilidade de real, essa ilusão de neutralidade, considerando aspectos linguísticos e históricos, compreendendo que existe um confronto entre a permanência e o diverso. Por isso, entendemos que pesquisar os sentidos produzidos no discurso em suas diferentes dimensões e possibilidades, nos dias de hoje, é importante porque ainda há a ilusão da neutralidade da ciência, assim como existe um idealismo em torno de um discurso jornalístico imparcial.

Da mesma forma como o jornalista é afetado pelas condições de produção de seu discurso, o cientista e o divulgador também o são, impossibilitando um discurso indiferente a essas condições. Na academia, na mídia e na sociedade em geral ainda são frequentes os discursos positivistas, que asseguram que o método científico é o único válido para se chegar ao conhecimento “real”. Assim, certos enunciados são classificados como “ciência” e outros como “ideologia”. (Teixeira, 2020, p.49)

Tomando como base as materialidades que compõem um acontecimento discursivo “ao vivo”, Moreira (2024) aponta os gestos de edição que revelam a opacidade do discurso e a relação entre a materialidade do texto e os efeitos de sentido que ele produz. Eles são fundamentais para a compreensão de como o discurso é manipulado para atender a certos interesses, seja através da censura, seja pela reformulação do conteúdo para resistir a uma ideologia dominante.

Apesar de se ter a ilusão de que no “ao vivo” não há possibilidade de edição, podemos comprovar, nesta pesquisa, que os diferentes gestos de edição no “ao vivo” têm uma grande influência na produção de efeitos de sentidos nos discursos. Conforme abordaremos no capítulo 8, durante a análise linguístico-discursiva do acontecimento jornalístico em que uma passageira viralizou a conceder uma entrevista ao vivo, podemos observar que, dentre os diferentes gestos

de edição ocorridos, o movimento de câmera feito pelo repórter cinematográfico representou um importante viés de edição que alterou o trajeto de leitura do discurso que foi construído.

Nessa esteira, Dias (2018) complementa esse conceito ao afirmar que o “ao vivo” não é completo, é um olhar, um ângulo, um recorte, um enquadramento caracterizado pela equivocidade, por um “desregramento” e, para a AD, é compreendido como uma possibilidade de polissemia, de ruptura. Assim, reside-se a equivocidade daquilo que deriva para significar a partir de outras relações.

Desse modo, é ilusão pensar que uma transmissão “ao vivo” é garantia da atestação do real. Pensar que um *live* colocaria o sujeito numa relação direta com o sentido é se enveredar por uma perspectiva de linguagem como mero instrumento, apagando a opacidade da própria mídia, e com isso, sua possibilidade de ruptura, de deslocamento dos sentidos. (Dias, 2018, p.1)

De maneira geral, a mídia sempre buscou promover uma interação com seu público, seja nas cartas eram enviadas às rádios, às redações de jornais ou o *QR code*¹¹ que, nos dias atuais, se transformou em um espaço de comunicação em que os telespectadores enviam fotos, vídeos e sugestões de reportagens para as emissoras.

É nesse contexto que as transmissões “ao vivo” se tornam muito importantes, uma vez que são oportunidades em que a mídia tenta mostrar uma versão do fato que parece ser uma opção mais fiel à realidade, já que, diferentemente de uma reportagem editada, por exemplo, ali, no acontecimento discursivo “ao vivo”, a imagem transmitida ao telespectador é uma versão do que a equipe de reportagem quer mostrar naquele momento.

Um exemplo é a seguinte situação: uma equipe de reportagem vai até o local onde houve um acidente entre uma carreta e um ônibus que caiu de uma ribanceira. Se a equipe entra “ao vivo” perto do ônibus, ela tem uma intenção para tal. Ela está mostrando o que está acontecendo naquele momento, daquele ponto de vista, para os telespectadores. Mas é importante refletir que, por outro lado, a equipe está deixando de mostrar o que está acontecendo, também naquele mesmo momento, em outro ponto, na rodovia, com a carreta.

É o que Moreira (2024) conceitua como gestos de edição, que são compreendidos como atos simbólicos que operam no real dos sentidos, alterando o modo como os discursos são interpretados e disseminados. Esses gestos podem assumir várias formas, desde a censura explícita até intervenções mais sutis que visam regular o que é evidenciado e o que é silenciado dentro de um discurso. E, ainda, revelam a opacidade do discurso e a relação entre a

¹¹ Quick Response Code (código de resposta rápida) ou QR Code é uma versão bidimensional do código de barras capaz de transmitir uma grande variedade de informações através de um scan. Disponível em: <https://br.qr-code-generator.com/qr-code-marketing/qr-codes-basics/>. Acesso: 19 de ago. 2024.

materialidade do texto e os efeitos de sentido que ele produz. Eles são fundamentais para a compreensão de como o discurso é manipulado para atender a certos interesses, seja através da censura, seja pela reformulação do conteúdo para resistir a uma ideologia dominante.

Discursivamente, buscamos mostrar como a análise dos gestos de edição trabalha seus efeitos em sua deriva significativa. Ou seja, o modo como esse gesto de edição ‘corte’ é, em certas condições históricas de produção-circulação do discurso, materialmente significado, também pode corresponder, entre outras possibilidades, a um gesto censório (Moreira, 2024, p. 13).

Recorremos, portanto, ao conceito de silenciamento para a AD, como um processo discursivo em que certos sentidos são ocultos ou reprimidos, permitindo que apenas determinados significados possam emergir no discurso. Esse conceito é crucial para entender como o poder e a ideologia operam para controlar a circulação dos sentidos. "O silenciamento no discurso é a operação que oculta certos sentidos em benefício de outros, revelando a dimensão ideológica da linguagem" (Orlandi, 1998, p. 62)

Dito isso, os cortes ou edições no Jornalismo podem ser compreendidos, segundo Moreira (2009), como processos de silenciamentos, em que um determinado no processo de produção do discurso jornalístico, considerando a dimensão política do silêncio (Orlandi, 1995 [1992]). A autora refere-se ao período da Ditadura Militar no Brasil como “um movimento censório e político que pretendia mesmo silenciar, apagar, evidenciar, produzir a informação e, sobretudo, controlar os efeitos de sentidos com o fim de fabricar um imaginário social” (Moreira, 2009 p.119). Além disso, estabelece uma relação com a atuação da imprensa e reforça que “(...) as relações advindas do vínculo entre imprensa e censura são: onde há discurso há relações de poder; onde há relações de poder há censura” (Moreira, 2009 p.23).

Nesse sentido, o "ao vivo" não é apenas uma ferramenta de transmissão, mas um ato político. As decisões editoriais que moldam uma transmissão ao vivo – como enquadramentos de câmera, a escolha de quem tem voz e o que é dito – são gestos de edição que configuram o acontecimento e determinam quais sentidos serão circulados e quais serão silenciados.

Essa ilusão de transparência é alimentada pela performatividade que o "ao vivo" demanda dos sujeitos envolvidos. Os apresentadores, repórteres e participantes são colocados em uma posição de enunciadores cujas reações e palavras são vistas como autênticas e espontâneas. Contudo, essa espontaneidade é em si uma construção, resultado de uma série de condicionamentos discursivos e ideológicos que moldam o que pode e o que deve ser dito, como o roteiro a ser seguido pela equipe de reportagem no discurso-pauta.

Nesse sentido, podemos compreender as transmissões “ao vivo” por meio dos silenciamentos que elas apresentam. Conforme Dias (2018) afirma,

Um outro aspecto relevante do funcionamento do “ao vivo” é sua relação com a memória. Circulação e memória, uma relação que vem colocar o problema do não aleatório das circulações discursivas, a saber, a questão das filiações, o que tenho chamado de “dimensão técnica do silêncio” (Dias, 2018, p.3).

Cabe dizer que a transmissão “ao vivo” de um acontecimento, por meio de um dispositivo tecnológico, faz traço das dimensões simbólica e política da linguagem, daí a dimensão técnica do silêncio, uma vez que o recorta por dispositivo tecnológico.

Recorrendo à obra de Orlandi (1995, p. 54-55) sobre as formas do silêncio, a autora aponta duas de suas formas:

1. O silêncio fundante – “indica que todo processo de significação traz uma relação necessária ao silêncio”;
2. A política do silêncio (o silenciamento) – “como o sentido é sempre produzido de um lugar, a partir de uma posição do sujeito, ao dizer, ele estará necessariamente não dizendo “outros” sentidos.

Isso produz um recorte necessário no sentido, pois dizer e silenciar andam juntos. Para a autora, o recorte do silêncio pelo dizer é sua dimensão política. Assim, há uma dimensão política do silêncio e há uma dimensão fundante do silêncio.

Dito isso, podemos concluir que, mesmo diante de uma transmissão “ao vivo”, precisamos compreender que existe uma dimensão técnica do silêncio, que funciona à margem do enquadramento, da nitidez ou mesmo da coerência do dizer, mediado por dispositivos técnicos. Um exemplo é o ângulo que uma equipe de reportagem escolhe para noticiar um determinado acontecimento jornalístico. Um simples movimento de câmera é capaz de excluir uma parte do fato e evidenciar outras. Dias (2018) exemplifica esse tipo de silenciamento com do trabalho de fotógrafos e cineastas que “angulam o dizer, desfocam o texto para que ele produza certos sentidos. Essa dimensão é uma forma de silenciamento afetada pela ideologia, mas também pelos recursos de dispositivos tecnológicos.

Conforme Silva (2019) exemplifica essa questão do gesto de edição em transmissões ao vivo,

Dessa maneira, câmeras, repórteres, apresentadores, operadores de VT estão à mercê da natureza acontecimental e de todas as suas possibilidades (in)certas. E, embora o operador de VT (cujo trabalho é escolher, dentre as imagens dispostas nos monitores, aquela mais representativa para dado instante) queira dar uma coerência sintática e, sobretudo, semântica ao acontecimento do direto, a própria natureza de devir desse acontecimento o impede de realizar a edição desse “real” em trânsito. (Silva, 2019, p.34).

Um outro ponto relevante do “ao vivo” para a AD é a capacidade que ele tem de gerar acontecimentos discursivos. Para Pêcheux (1988), o acontecimento discursivo pode ocorrer diante de uma ruptura no fluxo normal dos sentidos, dando abertura para a construção de novos efeitos de sentidos, rompendo com a linearidade esperada do discurso.

Desta forma, a transmissão “ao vivo” é propícia para esses momentos de ruptura, em que o imprevisto, o erro ou a reação inesperada podem transformar o curso do discurso - o ponto principal do objeto discursivo que vamos analisar nesta pesquisa, tendo o entendimento do “ao vivo” como um fenômeno discursivo complexo, carregado de significados e implicações ideológicas.

Com o aparato teórico-metodológico da AD, podemos desconstruir a aparente transparência e autenticidade desse formato, revelando como ele é moldado por interesses ideológicos, como ele gera acontecimentos discursivos e como ele envolve gestos de edição e silenciamento que influenciam a produção de sentidos. Em última análise, o “ao vivo” é um campo fértil para a investigação das relações entre discurso, poder e ideologia na sociedade.

Dessa forma, compreendemos que a noção do real para a AD é bastante relevante para a análise discursiva do nosso objeto discursivo, já que os acontecimentos jornalísticos que fazem parte do nosso *corpus* ocorreram durante transmissões ao vivo que viralizaram após um imprevisto. Por isso, essa noção será fundamental para responder aos nossos objetivos.

7 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DOS DISCURSOS E PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Para a AD materialista, o que importa não é o que se diz, e sim, o como se diz e o que produz sentidos. Na prática, significa dizer que as mesmas palavras ditas por pessoas diferentes em situações diferentes geram significados totalmente diferentes. E é justamente esse princípio da AD que nos motiva a ir além da interpretação para buscar compreender os sentidos que existem em um discurso.

Basta você falar português e eu também e o que eu estou dizendo fica absolutamente inteligível. Já compreender um discurso é conseguir explicitar a maneira como ele está produzindo sentido. E para chegar à compreensão, o analista não pode ficar só no que é inteligível, e nem mesmo no interpretável. Ele precisa entender como a interpretação está funcionando em você, em mim, pois, de uma certa maneira, eu posso, inclusive, estar produzindo sentidos que vão em uma outra direção, que você nem percebeu, não conseguiu interpretar, dadas as condições em que estão sendo produzidos. (Orlandi, 2012, p.35).

É por isso que entender como a AD conceitua a materialidade discursiva nos ajuda a compreender os processos de produção de sentidos em diferentes situações. A saber:

A língua tem uma ordem nela mesma, que você não a atravessa assim. Não se pode considerar que o sentido é um conteúdo depositado em algum lugar e que você vai procurar. O sentido está na materialidade discursiva, no fato de que a língua para significar tem que se inscrever na história. (Orlandi, 2012, p.78)

Sobre a materialidade discursiva, Orlandi (2015) afirma que é preciso considerar os processos ideológicos que moldam a produção e a circulação dos sentidos e reforça que “os discursos são constituídos materialmente, ou seja, são produtos de práticas discursivas que estão enraizadas nas condições históricas e sociais específicas.” (Orlandi, 2015, p.45). E a importância da compreensão da materialidade dos discursos envolve a consideração das condições materiais de produção, a circulação e a recepção dos discursos, incluindo aspectos linguísticos, históricos, sociais e ideológicos que influenciam a construção dos sentidos.

Trazendo esse conceito de materialidade para análise do *corpus* da pesquisa, estamos nos referindo aos elementos concretos e tangíveis que compõem os discursos. Isso inclui não apenas o texto verbal, mas também os contextos sociais, históricos e ideológicos que influenciam a produção dos sentidos que serão levados em consideração durante o trabalho de análise de cada caso.

Pêcheux (1997), introduziu a noção de materialidade como parte essencial da análise discursiva, reforçando que os discursos não existem de forma abstrata, mas estão sempre

ancorados em práticas sociais e condições materiais específicas que determinam sua produção e circulação.

Segundo Orlandi, “a materialidade do discurso não se limita ao texto escrito, mas inclui as práticas sociais, as instituições e as tecnologias que mediam a comunicação.” (2015, p.58). Ela dialoga com a concepção de ideologia, como “[...] o processo de produção de um imaginário, isto é, produção de uma interpretação particular que apareceria, no entanto, como a interpretação necessária e que atribui sentidos fixos às palavras, em um contexto histórico dado” (p. 65). A partir dessa compreensão da língua e da história, pensaremos os objetos simbólicos constituídos por diferentes materialidades significantes.

Este conceito é central na AD para entender como o sentido é produzido e circulado em diferentes contextos sociais e históricos. Orlandi (2015) examina a materialidade do discurso como um aspecto que não se limita apenas ao texto escrito ou falado, mas que envolve também o contexto, a ideologia, e as condições de produção que influenciam a construção do sentido. “A materialidade do discurso não está só na letra, na escrita ou no som, mas no modo como o sentido se faz através das relações entre sujeito, linguagem e história.” (Orlandi, 2015, p. 45).

Dessa forma, é importante ressaltar que a materialidade discursiva abrange as condições de produção do discurso, incluindo os aspectos sociais, históricos e ideológicos que moldam a linguagem. Assim, o sentido é produzido na relação entre o sujeito e as condições materiais de enunciação. “A materialidade discursiva se constitui na articulação entre o que se diz e as condições de produção desse dizer.” (Orlandi, 2001, p. 27).

Contudo, compreendemos que analisar as diferentes materialidades significantes – análise linguístico-discursiva e audiovisual – é uma maneira de tentar entender como elas dialogam com o simbólico e como elas funcionam a partir de diferentes tipos de memórias.

Para esse entendimento, vamos recorrer, também, à noção de acontecimento jornalístico de Dela-Silva (2012), que o conceitua como “uma construção discursiva que envolve escolhas sobre o que relatar, como relatar e qual ênfase dar aos aspectos do evento.” (Silva, 2012, p. 34). Dessa forma, ela ressalta que o fato mostrado pela mídia não é um reflexo direto da realidade, uma vez que o jornalismo atua como mediador entre o acontecimento e o público, interpretando e estruturando o evento de acordo com normas jornalísticas, valores ideológicos e expectativas do público.

Para Dela-Silva (2013), a ideologia também tem um papel fundamental na formação do acontecimento jornalístico, pois influencia quais aspectos do evento são destacados e quais são omitidos. Ou seja, para a autora, as notícias são produtos ideológicos que podem reforçar ou desafiar estruturas de poder existentes. “O acontecimento jornalístico é um espaço de disputa

ideológica, onde se articulam diferentes vozes e interesses, frequentemente legitimando certas perspectivas em detrimento de outras." (Silva, 2013, p. 28).

Tendo os pressupostos teóricos e metodológicos anteriormente definidos, partiremos, agora, para as reflexões sobre as questões levantadas nesta pesquisa: quais sentidos são atribuídos a acontecimentos jornalísticos, veiculados em coberturas ao vivo, que viralizam na ordem do digital? Reforçamos a nossa busca nesta pesquisa: analisar a produção de imaginários no movimento discursivo a partir do imprevisto em relação ao discurso-pauta.

Conforme comparado por Teixeira (2020), já que o nosso trabalho tem como base uma teoria materialista, a noção de materialidade significativa (Lagazzi, 2009; 2011a; 2011b) deve ser levada em consideração associada ao trabalho simbólico sobre o significativo, como propôs Lagazzi (2011):

[...] ao mesmo tempo a perspectiva materialista e o trabalho simbólico sobre o significativo. Dois conceitos fortes para a Análise Materialista do Discurso, que em sua composição me permitiram referir o discurso como a relação entre a materialidade significativa e a história, deriva com a qual pode concernir o trabalho com as diferentes materialidades e reiterar a importância de tomarmos o sentido como efeito de um trabalho simbólico sobre a cadeia significativa, na história, compreendendo a materialidade como o modo pelo qual o sentido se formula. (Lagazzi, 2011, p. 311).

Dito isso, antes de começarmos o processo de dessuperficialização do nosso *corpus*, reiteramos nosso objetivo de analisar a discursividade existente no conjunto formado por um mesmo acontecimento jornalístico: a materialidade linguístico-discursiva – o discurso oral compreendido nos diálogos entre os interlocutores – e a materialidade audiovisual – as imagens e os sons, aqui sendo representados pelos movimentos gestuais, as posturas e as entonações impostas pelos sujeitos do discurso.

Compreendemos que o texto – escrito ou oral – como unidade de análise, já é repleto de sentidos. Como afirma Orlandi, “O texto é texto porque significa” (2015, p.67). Independentemente da organização linguística, o que importa para a AD é como o texto organiza a relação dos interlocutores com o mundo, e por isso é dessa natureza sua unidade: linguístico-histórica.

Assim, compreendemos que analisar as diferentes materialidades significantes é uma maneira de tentar entender como elas dialogam com o simbólico e como elas funcionam a partir de diferentes tipos de memórias. Quais sentidos são atribuídos a cada cena que viraliza na Internet? Portanto, entender como as diferentes materialidades significantes funcionam na produção de sentidos é o que nos interessa neste trabalho.

Nesse aspecto, para compreender a dimensão das análises que faremos, recorreremos aos estudos de Lagazzi (2009), ao distinguir os termos composição e complementaridade:

Não temos materialidades que se complementam, mas que se relacionam pela contradição, cada uma fazendo trabalhar a incompletude na outra. Ou seja, a imbricação material se dá pela incompletude constitutiva da linguagem, em suas diferentes formas materiais. Na remissão de uma materialidade a outra, a não-saturação funcionando na interpretação permite que novos sentidos sejam reclamados, num movimento de constante demanda. (Lagazzi, 2009, p. 3).

Segundo Teixeira (2020), uma forma de compreender esse diálogo entre as diferentes materialidades significantes é como tentar explicar a Teoria do Big Bang de diferentes formas:

Ver uma fotografia relativa à Teoria do Big Bang, ler um texto sobre ela, assistir a um filme que a repercute ou consultar um painel digital sobre ela produz sentidos diferentes sobre a mesma teoria. Cada uma funciona com materiais simbólicos específicos, recorre a memórias variadas e afetam o indivíduo de forma diferente. (Teixeira, 2020, p.60)

Orlandi (2017) complementa esse pensamento ao afirmar que a teoria e o dispositivo analítico da AD permitem interrogar a interpretação e compreender como um discurso, independentemente de sua forma material, produz sentidos. Dessa forma: “Propicia o entendimento de como se materializam, na textualização, os gestos de interpretação.” (Orlandi, 2017, p. 318).

Trajano (2015) se utiliza do conceito de materialidade significativa de Lagazzi (2009) para questionar os limites impostos pela materialidade da linguagem, já que língua e sujeito são incompletos. E diante da opacidade da linguagem, a consequência é a possibilidade de deslizamento dos sentidos e de deslocamento dos sujeitos de sua posição (Orlandi, 2012).

Esta abordagem discursiva compreende que não há estabilidade que não possa ser quebrada, produzindo-se o inesperado, a resistência, os desvios de sentidos historicamente dominantes, instaurando-se relações imprevistas que produzem com novos efeitos de sentido nas interligações entre a materialidade discursiva e a exterioridade que a atravessa e a constitui. (Trajano, 2015, p. 5)

Durante o processo analítico de um discurso, é preciso compreender as condições de produção de cada objeto discursivo. Segundo Courtine (2016, p. 20), são as condições de produção as responsáveis por regular, na AD, a relação entre a materialidade linguística de uma Sequência Discursiva (SD)¹² e as condições históricas que determinam sua produção; ela funda, assim, os procedimentos de constituição de *corpus* discursivos (Courtine, 2016, p. 20).

¹² Vamos utilizar “SD” para nos referir a Sequências Discursivas.

O gesto de investigação das filiações dos sentidos no discurso em questão só é possível pela relação do discurso com a exterioridade, com as condições de produção específicas e com um conjunto de sequências discursivas selecionadas para a análise. Utilizaremos a tradução apresentada por Moreira (2009, p. 47) sobre a noção de sequências discursivas de Courtine (1981, p. 25), para demonstrar como o autor a define:

Definiremos sequências discursivas como `sequências orais ou escritas de dimensão superior a frase`: é necessário indicar que a própria natureza das formas materiais é iminentemente variável e que a noção de sequência discursiva é fluida. Ela depende, com efeito, dos objetivos destinados a um tratamento particular: a forma das sequências discursivas reunidas em corpus não será a mesma, trata-se de uma análise do processo de enunciação ou de uma “análise automática do discurso” realizada sobre a base de sequências produzidas em situação experimental: os procedimentos de segmentação, que tornam a atribuir uma forma determinada a uma sequência, são eles também variáveis (Moreira apud Courtine, 2009, p. 47, tradução da autora).

Dito isso, a partir do próximo capítulo, vamos nos aprofundar no *corpus* escolhido para esta pesquisa. Primeiramente, vamos apresentar as condições de produção de cada caso a ser analisado, em seguida, realizar as análises linguístico-discursivas propostas nos objetivos, considerando as sequências discursivas (SD) que serão analisadas diante das diferentes materialidades existentes em cada uma.

Para este trabalho de pesquisa, é preciso compreender o conceito de gesto de análise para a AD como o movimento pelo qual o analista se posiciona diante do discurso, realizando uma leitura que é sempre situada e parcial, ou seja, influenciada por suas próprias formações discursivas e ideológicas. Dessa forma, o gesto de análise também envolve a produção de sentidos, já que, ao interpretar o discurso, o analista não apenas descobre significados ocultos, mas também contribui para a produção de novos sentidos, que são resultado do encontro entre o discurso analisado e as condições interpretativas do analista.

Conforme Orlandi (1999) conceitua,

O gesto de análise não é neutro; ele é marcado pelas posições ideológicas do analista e pelas condições de produção do próprio discurso. Analisar é, portanto, operar um recorte no discurso, que revela tanto o objeto de análise quanto as posições do próprio analista." (Orlandi, 1999, p. 48).

Nesse sentido, na posição de pesquisadora e jornalista, nesse gesto de análise, farei a descrição parcial dos acontecimentos jornalísticos originados diante de um imprevisto perante um discurso-pauta. Durante a minha descrição de cada acontecimento discursivo, vou evidenciar alguns pontos que observei e que são relevantes para a construção de efeitos de sentidos de cada caso. Trabalho que julgo ser importante para ajudar na compreensão do modo

como eu tomo o objeto em análise – a descrição. Esse processo descritivo será relevante para a interpretação diante dos meus objetivos específicos.

8 LEILA, A LENDA

Para este trabalho, vamos utilizar o conceito de *acontecimento jornalístico*, a partir de Lagazzi (2009), para nos referir aos trechos recortados de coberturas ao vivo que viralizaram e são os nossos *corpora*. Nessa perspectiva, a autora compreende o acontecimento como uma construção discursiva, em que a mídia seleciona, organiza e apresenta fatos de uma maneira que não apenas informa, mas também interpreta e orienta o sentido desses fatos. Em suas palavras: O acontecimento jornalístico é uma construção que resulta da articulação de discursos e práticas midiáticas, onde o que é noticiado é selecionado e configurado de maneira a produzir determinados efeitos de sentido" (Lagazzi, 2009, p. 112).

Dito isso e nos respaldando a esses pressupostos teórico-metodológicos da AD materialista, partimos para a dessuperficialização do *corpus*. O primeiro caso¹³ a ser analisado ocorreu diante das seguintes condições de produção: no 24 de março de 2022, às sete horas da manhã, em Belo Horizonte, uma equipe de reportagem da TV Globo, da qual também integro, sai para fazer uma cobertura jornalística sobre a movimentação na estação de ônibus da regional Venda Nova, que estava mais cheia que o costume, pois era o quarto dia de greve dos metroviários. Estávamos na pandemia de Covid-19, e o sistema de transporte público da capital mineira, sempre alvo de reclamações dos usuários, enfrentava um caos ainda pior, já que os milhares de passageiros que utilizavam o metrô, diariamente, foram obrigados, em sua maioria, a optar pelo único método de transporte público disponível na cidade.

¹³ REPRODUÇÃO TV GLOBO. Entrada ao vivo no Bom Dia Minas (24/03/2022). Passageira Leila viraliza ao reclamar de ônibus em BH. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10419323/>. Acesso em: 25 ago. 2024.

FIGURA 4 – Entrevista da passageira Leila de Oliveira no Bom Dia Minas 00'42'' a 01'13



Fonte: BOM DIA MINAS, 24 mar. 2022.

É importante ressaltar que a pandemia agravou esse cenário, já que as empresas de ônibus diminuíram o número de veículos circulando na cidade, alegando que, devido às restrições impostas pela Covid-19, muitos serviços deixaram de ser prestados presencialmente e os estabelecimentos ficaram fechados. Por essa razão, disseram que foi preciso readequar o quadro de horário dos ônibus para atender à demanda de passageiros que estava menor.

No entanto, nós da imprensa que estávamos acompanhando a movimentação nas estações diariamente, comprovamos que a redução da quantidade de ônibus provocou uma lotação ainda maior nas estações e aumentou a revolta dos passageiros, que estavam sendo obrigados a esperar um tempo maior pelos ônibus que passaram a circular ainda mais cheios, principalmente nos horários de pico – de 6h às 9h30 e de 16h30 às 19h. Para piorar, uma das principais recomendações das autoridades de Saúde – o distanciamento como forma de prevenção à doença – estava sendo desrespeitada o tempo todo. Além de revoltados por andarem apertados nos ônibus, muitos passageiros chegavam atrasados nos compromissos e, ainda, conviviam com o medo de se expor a um vírus que, naquela época, provocava a morte de milhares de pessoas em todo o mundo, todos os dias.

Por se tratar de um problema não só de saúde pública, como também de mobilidade na capital mineira, a situação transporte público era pauta constante na imprensa de uma maneira geral. Ainda mais com o agravante de uma greve no metrô, os reflexos do movimento geraram

um impacto significativo no sistema de transporte e a imprensa estava acompanhando cada atualização do serviço para informar aos usuários do transporte público.

No dia 24 de março, a missão que foi designada à equipe composta por mim e pelo repórter cinematográfico Fábio Venâncio foi a de percorrer as estações de ônibus para mostrar, ao vivo, como estava a situação. Em nossa pauta – ou discurso-pauta – o roteiro da equipe era apenas a Estação Vilarinho. O nosso objetivo, primeiramente, era mostrar como estava o movimento nas plataformas e se os ônibus estavam cumprindo o quadro de horários.

O proposto pela equipe de produção do telejornal foi que a equipe de reportagem permanecesse, durante o telejornal, com duas horas e meia de duração, das 6h às 8h30, na mesma estação, para fazer entradas “ao vivo”. Já na primeira entrada ao vivo, a equipe entrevistou um passageiro, informando que a situação na Estação Venda Nova pior em relação à superlotação. Por isso, imediatamente, a equipe resolveu conferir a denúncia do usuário de transporte público e foi até a estação sugerida por ele.

O telejornal “Bom Dia Minas”, da TV Globo em Minas, propõe-se a ser um tipo de “guia matinal”, que auxilia os telespectadores na questão da mobilidade, informando, “ao vivo”, como está o trânsito na capital e na região metropolitana, além de mostrar como está a situação do transporte público para os usuários – serviços de ônibus e metrô. Assim, a reclamação do passageiro acabou se transformando em uma sugestão de pauta, que mudou o roteiro da equipe que, até então, não iria para a Estação Venda Nova.

8.1 VOZES QUE ECOAM – A ANÁLISE DO CASO DA LEILA DE OLIVEIRA

Para dar início às análises linguístico-discursivas, transcrevemos o trecho que compreende o período em que os apresentadores introduzem o assunto para os telespectadores, direto do estúdio, até o fim da entrevista com a passageira Leila de Oliveira. A descrição linguística do trecho do vídeo compreende o período de 00’00 a 01’13”. Mas o período em que a passageira aparece dura apenas 30 segundos – de 00’42” a 01’13.

É importante lembrar que também assumo o lugar de repórter nesse acontecimento discursivo. No entanto, para esta investigação, assumo uma outra posição-sujeito no discurso, agora como pesquisadora. Por isso, trago para a análise o meu gesto de descrição de quem estava no local e participou de momentos que não são facilmente compreendidos por quem apenas assistiu ao vídeo.

Apresentadores no estúdio:

Iana Coimbra: *Transporte coletivo em Belo Horizonte tem tido cada vez mais reclamações nesta semana por causa da greve do metrô. Aumentou aí a demanda pelos ônibus. Quem usa o transporte diz que está ainda mais evidente que o sistema não dá conta de toda essa demanda.*

Carlos Eduardo Alvim: *A gente está desde cedo conversando com os passageiros. E a pedido de um deles que a gente conversou, a Cláudia Mourão entrevistou na Estação Vilarinho, e ele pediu que a nossa equipe fosse conferir a situação na Estação Venda Nova. Como aqui, telespectador, passageiro tem vez, ó: Cláudia Mourão já “tá lá” e mostra ao vivo. Ô Cláudia, realmente “tá” complicado para quem passa pela Estação Venda Nova?*

Aqui, inicia-se a descrição linguística do nosso objeto discursivo a ser analisado, que compreende, no vídeo, o intervalo de 00’42’’ a 01’13:

Cláudia Mourão: *Sim, Cadu! Tá complicado, mas a gente sabe, né? O Luiz Alberto mandou a gente vir pra cá e a gente veio “pra” mostrar essa situação porque o que que acontece... Aqui tá sss... Pe...*

Gesto de descrição-interpretação da pesquisadora:

Nesse momento, a repórter é interrompida por uma passageira que se encontra na fila caminhando em direção à porta do ônibus e acaba se perdendo no que estava falando. A mulher aparece falando em voz alta algo que não é possível compreender pela captação do microfone. A passageira passa pela repórter, o cinegrafista se movimenta com a câmera para mostrar a passageira e a repórter vai atrás dela e diz:

Cláudia Mourão: *Como é que é?*

Passageira: *No dia que ‘cês’ for fazer entrevista, ‘ocês’ não avisa não que eles ‘coloca’ mais ônibus, viu? ‘Cês’ tinha que ter vindo era ontem e antes de ontem ‘procês’ ‘vê’ a zona que ‘tava’ isso aqui!”*

Gesto de descrição-interpretação da pesquisadora:

Como a fila de passageiros estava avançando e a passageira já estava na porta do ônibus, ela teve que terminar a entrevista porque precisava entrar para não atrasar a saída do coletivo. A repórter quis identificá-la, perguntando seu nome, no entanto, não foi possível direcionar o microfone e, por isso, ouvimos a pergunta no ar, com a resposta da passageira.

Passageira: *Leila de Oliveira!*

Repórter: *Dona Leila, obrigada!*

Gesto de descrição-interpretação da pesquisadora:

Mas, não satisfeita com a fala, a passageira, já na porta do ônibus, se virou para falar mais uma vez com a repórter:

Passageira: *E outra coisa: Os ônibus 'tava tudo demorando'. Hoje parece eles 'sabia' que 'cês ia fazê' entrevista.*

Gesto de descrição-interpretação da pesquisadora:

Depois disso, finalmente, a passageira entrou no ônibus e nem olhou para trás.

Aqui, termina o período que constitui o objeto discursivo 1 deste trabalho, o acontecimento jornalístico que alterou o percurso previsto no discurso-pauta. A partir desta parte da pesquisa, iniciaremos as análises linguístico-discursivas que nos permitirão alcançar alguns dos objetivos desta pesquisa, quais sejam: analisar a produção de imaginários no movimento discursivo a partir do imprevisto em relação ao discurso-pauta; identificar e interpretar as formas como os discursos são construídos, organizados e manifestados nas coberturas televisivas ao vivo, considerando as materialidades linguístico-discursivas e audiovisuais.

Apresentamos, a seguir, as sequências discursivas (SD) que serão analisadas nesta etapa do trabalho, bem como os *prints* de alguns trechos do vídeo que julgamos ser importantes para a interpretação dos sentidos do discurso criado a partir de um imprevisto em relação ao discurso-pauta, que constituem os imaginários do discurso. Reforçamos que os *prints* são apenas referências para as imagens. Para compreensão da nossa análise, é preciso recorrer ao *link* com o trecho do vídeo, que está na legenda de cada foto, com a apresentação do intervalo do período analisado. Faremos, também, os recortes discursivos apresentados pelas sequências discursivas (SD) que constituem os imaginários que estavam sendo produzidos.

Dessa forma, expomos o nosso percurso analítico (imagético, linguístico e discursivo), o contexto de produção desses discursos e os efeitos de sentidos, decorrentes dos nossos gestos interpretativos de análise a partir das categorias teórico-metodológicas já mencionadas.

Figura 5: Apresentadores chamam a equipe de reportagem ao vivo 0'00 a 0'40



Fonte: BOM DIA MINAS, 24 mar. 2022.

SD 1: A gente está desde cedo conversando com os passageiros. E a pedido de um deles que a gente conversou, a Cláudia Mourão entrevistou na Estação Vilarinho, e ele pediu que a nossa equipe fosse conferir a situação na Estação Venda Nova. Como aqui, telespectador, passageiro tem vez, ó: Cláudia Mourão já “tá lá” e mostra ao vivo. Ô Cláudia, realmente “tá” complicado para quem passa pela Estação Venda Nova?

Tomando como base a **SD1**, já podemos compreender que o discurso do apresentador está inserido em um contexto de produção jornalística em que a mídia busca se conectar com a audiência, destacando a importância de ouvir e atender às demandas dos telespectadores. A situação socioeconômica do transporte público e a insatisfação dos usuários são fatores históricos e sociais que influenciam essa produção.

Para esta análise linguístico-discursiva, vamos recorrer ao conceito de formação discursiva para a AD, que é a responsável por organizar a produção de sentidos dentro de um campo discursivo, definindo as regras de enunciação e as possibilidades de interpretação. Para isso, voltamos a Orlandi (2015), quando afirma que "as formações discursivas organizam a produção e circulação dos sentidos, estabelecendo os limites do que é possível ser dito e compreendido em um determinado contexto histórico e social".

Dito isso, podemos interpretar que os imaginários que estavam sendo produzidos neste momento, antes de ocorrer um imprevisto em relação ao discurso-pauta, fazem parte de uma formação discursiva do acontecimento jornalístico em questão – discurso jornalístico permeado pela ideologia de prestação de serviço público e de comprometimento com a verdade e a

transparência. A sequência discursiva "Como aqui, telespectador, passageiro tem vez" reforça que os sujeitos são interpelados pela ideologia e pelo inconsciente de que a mídia é um veículo de comunicação que dá voz ao cidadão comum, que serve ao público e deve representar suas preocupações.

Nessa mesma **SD1**, podemos perceber a presença do interdiscurso na referência que o apresentador faz às ações passadas de reportagens que atendem a pedidos de telespectadores. "Como aqui, telespectador, passageiro tem vez" pode ser interpretado como essa responsabilidade social da mídia. Isso recorre a uma memória discursiva, a uma lembrança de outras situações em que a mídia interveio para resolver problemas públicos, criando um contexto de expectativa de ação e resposta rápida.

Além disso, podemos observar uma definição de posições discursivas: enquanto o apresentador ocupa uma posição discursiva de mediador e porta-voz dos interesses do público, ele se coloca como uma figura de autoridade que atua em nome dos telespectadores.

Vale ressaltar também que a forma como o apresentador elabora os enunciados para chamar a repórter "ao vivo" também reflete, de certa forma, a coloquialidade que busca aproximar os discursos construídos pela mídia do seu público. Mencionar "Cláudia Mourão já 'tá lá' e mostra ao vivo" e ressaltar que a equipe estava ali a pedido de um passageiro cria um discurso mais próximo e engajador. Em vez de dizer apenas "a repórter" ou "a equipe de reportagem", o apresentador repete o nome da repórter, o que nos faz interpretar que, nesta **SD1**, há, também, um processo de individuação no discurso, dando-lhe um toque de pessoalidade e de proximidade.

Apenas na **SD1**, percebemos o desregramento que está presente na maneira como a reportagem ao vivo quebra as normas e as expectativas tradicionais de uma transmissão organizada, trazendo espontaneidade e urgência ao discurso. A espontaneidade da cobertura ao vivo e a improvisação implícita na interação do apresentador com a repórter sugerem um desregramento das normas rígidas do Jornalismo. Além disso, a decisão de cobrir a situação "ao vivo" na Estação Venda Nova também se insere na Política do Acontecimento, em que a mídia transforma um evento cotidiano em uma notícia de interesse público imediato.

Figura 6 – Leila surge em cena 0’40 a 0’45



Fonte: BOM DIA MINAS, 24 mar. 2022.

Figura 7 – Leila “rouba” a cena 0’42 a 0’49



Fonte: BOM DIA MINAS, 24 mar. 2022.

Seguindo nos gestos de descrição-interpretação, na Figura 4, podemos observar que a passageira, antes mesmo de ser entrevistada, já faz gestos, ainda longe da câmera, querendo chamar a atenção da equipe de reportagem para o que ela gostaria de falar. Tal intenção é facilmente compreendida, também, pelo fato de a passageira já ter retirado a máscara da boca, posicionando-a no queixo, com o intuito de deixar bem claro que, naquele momento, ela tinha o que falar e estava demonstrando tal interesse apenas com gestos.

Como estava de costas para Leila, na posição de repórter, falando em direção à câmera, não vi o que estava acontecendo na fila de passageiros a caminho da porta do ônibus. No

entanto, o repórter cinematográfico, atento a tudo o que acontecia ao redor da equipe, captou o que estava acontecendo, e na Figura 5, no intervalo compreendido no vídeo de 00'43 a 00'49, em que a passageira é foco do acontecimento jornalístico – somente a passageira aparece na imagem feita pelo repórter cinematográfico. Dessa forma, podemos interpretar como um gesto de ruptura de discurso, pois é o repórter cinematográfico quem se movimenta para que ocorra o imprevisto da cena. Com apenas um movimento de câmera – ele retirou o foco da repórter e se direcionou para a passageira – ou seja, foi o repórter cinematográfico quem alterou a ordem do discurso que, até então, estava sendo construído apenas com o relato da repórter sobre a situação do transporte coletivo.

Em meu gesto de análise, não como repórter e sim como analista, ao observar a cena diante do vídeo, como um telespectador, pude realizar uma outra leitura do discurso que foi criado diante de um imprevisto em relação ao discurso-pauta. Ao interpretar o acontecimento discursivo sob outro ponto de vista, pude fazer uma outra leitura, descobrindo significados até então ocultos diante da minha posição-sujeito de repórter e sujeito no discurso.

Por essa sequência de cenas – Figuras 4 e 5 – que compreendem o trecho 00'44 a 00'51 – podemos interpretar que aqui foi o início do rompimento do discurso-pauta com a passageira “roubando” a cena – ocupando o lugar que antes era apenas da repórter na tela – sem precisar dizer uma palavra sequer.

Neste momento do acontecimento discursivo, imagem e som não se correspondiam – na tela da televisão, os telespectadores estavam vendo apenas uma passageira revoltada, já que o microfone captava, naquele exato momento, a fala da repórter sobre o que ela tinha reparado sobre a movimentação no local. Mas a repórter toma a decisão de entrevistar a passageira, que já tinha passado por ela. Na SD2, ela diz:

SD2: Cláudia Mourão: Sim, Cadu! “Tá” complicado, mas a gente sabe, né? O Luiz Alberto mandou a gente vir pra cá e a gente veio ‘pra’ mostrar essa situação porque o que que acontece... Aqui tá... Sss... Pe... Como é que é?

Figura 8: Repórter vai atrás da passageira 0'49 e 1'13



Fonte: BOM DIA MINAS, 24 mar. 2022.

Na análise da **SD2** e sua respectiva cena no trecho do vídeo compreendido entre a Figura 8, podemos interpretar um segundo gesto de ruptura do discurso jornalístico em relação ao previsto no discurso-pauta – a repórter estar ali, diante da câmera, para relatar como estava a situação na estação de ônibus. Ela poderia, apenas, ter ignorado a passageira que passava atrás dela. Entretanto, a mulher estava dizendo algo em um tom mais alto que os demais passageiros. Poderia, também, ter continuado o fluxo do discurso que estava programado para transmitir a informação. No entanto, podemos ressaltar que a repórter, interrompida e acabar se perdendo no que falava para compreender o que estava ouvindo de uma passageira, também toma a decisão de direcionar o microfone para ela. Gesto que, simbolicamente, é bastante relevante para esta análise: ela direcionou o microfone a quem impunha sua voz naquele momento.

Nesse sentido, podemos recorrer à noção de lugar enunciativo de Zoppi-Fontana (2012) como um o ponto de articulação entre o sujeito e o discurso, determinando as condições de produção de sentido e as possibilidades de enunciação. "O sujeito se constitui no interior de um lugar enunciativo que é determinado pelas formações discursivas em que ele está inserido, configurando sua identidade discursiva e as possibilidades de tomada de palavra" (Zoppi-Fontana, 2012, p. 29). O que podemos interpretar sobre a "tomada da palavra" por parte da passageira ser um gesto de posicionamento no discurso. Como se fosse óbvia a resposta para a pergunta: "Quem tem mais conhecimento sobre os problemas no serviço de transporte público?" Um repórter ou um passageiro que se desloca todos os dias nos ônibus?

Permitir que o discurso da passageira fosse valorizado naquele momento é identificar a mudança da posição-sujeito em um discurso jornalístico – em que apenas o repórter é o detentor do conhecimento e deve transmitir as informações sobre um determinado assunto. É uma maneira, de certa forma, de tentar alterar a ordem do discurso e posicionar a passageira como um sujeito ativo e autêntico dentro do discurso midiático. A passageira deixa de ser uma espectadora comum, que apenas recebe as informações por parte da mídia, para se tornar uma protagonista que expressa críticas e demandas legítimas.

Pela ótica da AD e diante das condições de produção apresentadas, podemos interpretar que a decisão da equipe de reportagem de entrevistar a passageira, como uma prática discursiva que envolve uma série de fatores históricos, sociais, ideológicos e situacionais, expõe e desafia silenciamentos, reconfigura posições discursivas e promove uma irrupção que potencializa, ainda mais, a criação de efeitos de sentidos no discurso.

Dito isso, retomando um dos nossos objetivos de pesquisa, neste momento podemos compreender a produção de novos imaginários em relação ao que estava previsto. Assim, os imaginários que naturalizam a relação entre mídia e público foram modificados neste momento do acontecimento discursivo. Mudou-se a ordem de quem dita o que deve ou não ser dito. O que se espera é que a equipe de reportagem transmita as informações sobre determinado assunto. E, após a mudança na ordem do discurso, quem assumiu essa função foi a passageira, que concedeu a entrevista. Podemos inferir que Leila, ao assumir, mesmo que momentaneamente, uma posição não dada a ela, ou seja, na ordem “prevista” do discurso, a passageira foi além de uma simples resposta durante uma entrevista. Naquele discurso criado, Leila se protagoniza, assume uma posição no discurso. E, ainda, podemos interpretar que Leila se impõe no discurso na disputa com o poder já pré-estabelecido e, também, faz um questionamento do papel social da mídia, que deveria ser o canal de denúncia da população, isto é, ela denuncia o próprio Jornalismo.

Aqui, podemos perceber como os imaginários naturalizam as relações de poder e legitimam as normas sociais, ao mesmo tempo em que refletem a complexidade e a pluralidade dos discursos que circulam em uma sociedade.

Figura 9 – Entrevista da Leila 0’50 a 1’12



Fonte: BOM DIA MINAS, 24 mar. 2022.

SD 3: No dia que ‘cês’ for fazer entrevista ‘ocês’ não avisa não que eles ‘coloca’ mais ônibus viu?

Nesse gesto de análise para a **SD3** e seu respectivo fragmento do vídeo, Figura 9, podemos identificar a presença do interdiscurso ou da memória discursiva quando a passageira Leila mobiliza uma fala recorrente de muitos usuários de ônibus que estão insatisfeitos com os serviços prestados. Assim, compreender um discurso é interpretar o interdiscurso existente ou a memória discursiva, segundo Orlandi (2009, p.31), “é o saber discursivo que torna possível todo o dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra”. Dessa forma, podemos interpretar que essa queixa de Leila é uma repetição de uma crítica interdiscursiva que inúmeros passageiros do transporte público compartilham, pois é uma reivindicação recorrente na mídia¹⁴. Sabemos que, nessa memória discursiva sobre o transporte público de Belo Horizonte, alguns sentidos são colocados à tona e trazem para o presente. É por esse processo que denominamos o interdiscurso, ou seja, é esse saber do pré-construído, já dito, acrescido pelas novas significações, tal como foi possível mobilizar também nesse acontecimento que viralizou.

¹⁴ Enfatizamos que essa seja uma crítica corriqueira, pois em pesquisas recentes aos noticiários, podemos encontrar inúmeras denúncias sobre os problemas do transporte coletivo de Belo Horizonte-MG. A saber: *O tempo*, disponível em: <https://www.otempo.com.br/cidades/apos-suspensao-de-aumento-passageiros-reclamam-de-tarifas-caras-e-onibus-ruins-1.3304782>; *G1*. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2023/07/28/em-20-dias-mais-de-600-irregularidades-sao-registradas-nos-onibus-de-bh.ghtml>, dentre outros.

Ainda no enunciado: “No dia que ‘cês’ for fazer entrevista”, podemos interpretar que, do lugar enunciativo pelo qual Leila de Oliveira se insere, o de usuária do transporte público, ela faz uma denúncia sobre o serviço mal prestado pelas empresas e, ainda, critica o papel falho da mídia – representado por “ocês”. Pelo discurso da passageira, é possível interpretar que a equipe de reportagem, representando a mídia, parece desconhecer a manipulação que existe para disfarçar a realidade do serviço mal prestado pelas empresas de ônibus. É como se houvesse uma previsão de elaborar respostas “falsas”, que não condizem com a realidade, para situações problemáticas, como disponibilizar mais ônibus em um determinado horário quando a imprensa estiver no local. Isso nos permite interpretar que os passageiros já conhecessem essa “estratégia maldosa” das empresas de ônibus que só querem “aparecer” bem na mídia, escondendo os reais problemas.

Também na **SD3**, o discurso se constitui a partir de uma memória discursiva, pois remete a outros episódios de manipulação de serviços para fins midiáticos. Conforme afirma Orlandi (2009, p.31), “é o saber discursivo que torna possível todo o dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra”. O discurso de Leila se inscreve em uma memória do dizer que constitui imaginários de frustração. É como se ela evidenciasse que a população já está acostumada a ser “enganada” pelo poder público, por governantes e por prestadores de serviços públicos em geral. Ao reforçar em seu enunciado – “não” avisa não “que” eles “coloca” mais ônibus – podemos interpretar que, por parte dos passageiros, existe um imaginário de desconfiança em relação à mídia e às autoridades. Esse imaginário é marcado pela percepção de que a visibilidade dos problemas não necessariamente leva à solução.

Por sua vez, também podemos relacionar esse imaginário a uma metáfora explícita existente nesse enunciado, uma vez que há uma implicação de que os serviços de transporte público são manipulados para “parecerem” melhores do que realmente são, e funciona, metaforicamente, como uma crítica à administração do transporte público.

Ainda sobre a SD3, também podemos observar um deslizamento no discurso, ou seja, a criação de outros sentidos em relação às ações da administração pública. Quando a passageira sugere que a melhoria temporária dos serviços é uma tentativa de enganar a mídia, ela demonstra a sua desconfiança nos responsáveis pela gerência do serviço. O que podemos compreender é que existe um deslizamento, uma falta de unidade entre o que se mostra e o que se faz na prática – ou seja, o que as empresas mostram na mídia é bem diferente do serviço que elas prestam à população. Dessa forma, percebe-se um imaginário também sobre a mídia em

que os usuários compartilham, ou seja, existe um saber de que a mídia pode ser mecanismo de denúncia.

Ainda na **SD3**, observamos que existe polissemia, uma vez que a fala da Leila pode ser interpretada de várias maneiras: como uma crítica direta à administração do transporte público ou como uma expressão de frustração dos usuários do transporte público ou, ainda, como uma acusação de manipulação das empresas em relação à cobertura midiática – ou mesmo tudo isso em apenas um discurso.

Ademais, também é possível reconhecer a heterogeneidade de sentidos, ou seja, as múltiplas vozes e perspectivas compreendidas dentro de um discurso, refletindo a diversidade de interpretações possíveis nessa sequência dita por Leila. Ela representa a voz dos cidadãos insatisfeitos com os serviços prestados, simboliza o papel da mídia, que tenta manter uma narrativa de porta-voz da sociedade, mas que, no discurso em análise, não dá conta desse papel. A passageira se posiciona como a responsável por fazer uma “denúncia” de que as empresas manipulam a realidade para enganar a mídia e, conseqüentemente, a população que não utiliza o serviço de transporte público.

Ainda sobre a **SD3**, podemos analisar a posição discursiva ocupada pela Leila de Oliveira, que vai além de uma passageira e se posiciona como uma representante autêntica dos usuários do transporte público de Belo Horizonte, diferenciando-se da repórter e da administração pública. É como se a fala da Leila tivesse o “peso” de uma entrevista com uma autoridade no assunto, já que ela demonstra total domínio do tema, por conviver com os problemas no transporte público diariamente.

Um ponto relevante a ser analisado, na busca por atingir um dos objetivos da nossa pesquisa – o de compreender quais são as discursividades capazes de promover maior identificação com o público, que passa a viralizar os discursos no meio digital – é o de interpretar que algumas sequências discursivas possuem certas regularidades enunciativas. O enunciado da passageira é marcado pela coloquialidade, com a substituição do pronome “vocês” por “ocês”, “para vocês” por “procês”, desordem por “zona”. E até na forma de se dirigir à repórter, orientando-a, no imperativo: “Não avisa não que eles ‘coloca’ mais ônibus” e “cês tinha que ter vindo era ontem”.

Podemos interpretar que a espontaneidade e a autenticidade presentes no discurso da passageira são características que individualizam a posição da Leila no discurso e provocam uma certa identificação com o público. O campo semântico utilizado por Leila é composto por inúmeras variedades linguísticas que provocam identificação com os telespectadores do *Bom Dia Minas*. A utilização da linguagem coloquial e corriqueira é algo que capta, imediatamente,

a atenção do telespectador, principalmente diante de um discurso de revolta em um contexto jornalístico.

Diante do que foi exposto, podemos interpretar, também, que a fala de Leila de Oliveira, ao ser marcada pela coloquialidade e pela espontaneidade, expõe uma contradição discursiva dentro do contexto jornalístico. Essa contradição reside na tensão entre a autenticidade da linguagem popular e as normas formais do discurso jornalístico, que tradicionalmente busca manter uma aparência de neutralidade e controle. Ao incorporar a voz de Leila, o Jornalismo revela a complexidade de conciliar a espontaneidade popular com as expectativas de formalidade e objetividade que caracterizam sua prática discursiva. Essa tensão, longe de ser negativa, enriquece a compreensão das dinâmicas discursivas em jogo na produção e circulação de sentidos na mídia.

Voltamos à perspectiva sobre a noção de sujeito na AD, enfatizando que não há sujeito sem ideologia, pois ele é um “efeito ideológico” e o trabalho da ideologia consiste, portanto, em “produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência.” (Orlandi, 2005, p. 46). Aqui, na SD3, podemos compreender que a passageira se coloca no discurso interpelada por uma formação ideológica de que a demanda por qualidade e transparência nos serviços públicos que são prestados à população não é atendida. Por isso, podemos interpretar o discurso dela como uma forma crítica ao transporte público. Também podemos perceber que Leila produz sentidos de urgência e autenticidade durante o seu enunciado.

Veremos, nas análises das próximas sequências discursivas, que ela reforça esses sentidos, como também observamos o silenciamento de um discurso que não precisa ser dito para a construção de sentidos. É esse o silenciamento das manipulações diárias das informações que não são visíveis ao público, trazendo à tona práticas ocultas da administração pública. Como dito anteriormente, Leila deixou claro, a partir de um imaginário compartilhado sobre a mídia, de que já conhece a forma como as empresas agem para simular a realidade para a imprensa e, conseqüentemente, enganar a população que não tem costume de utilizar o transporte público e, por isso, desconhece a realidade. Ela desmascara os silenciamentos de problemas sociais crônicos que são frequentemente escondidos em discursos oficiais.

É importante ressaltar que, já neste primeiro enunciado de Leila, percebemos a mudança da ordem de sentidos em relação ao discurso-pauta, as condições de produção que, em geral, são apresentadas em coberturas jornalísticas “ao vivo” no *Bom Dia Minas*. Por ser um telejornal que busca abordar a questão da mobilidade na região metropolitana de Belo Horizonte, entrevistas com passageiros são comuns. Durante essas coberturas, as estações estão sempre

lotadas e os passageiros, ao serem entrevistados, reclamam sempre dos mesmos problemas. É por isso que, já nesse primeiro enunciado de Leila, diante das condições de produção apresentadas, ela provoca algo inesperado em relação ao discurso-pauta, disruptivo – “roubando” a cena, desestabilizando a narrativa cotidiana, tanto para a repórter quanto para os telespectadores desse telejornal. Trazendo um discurso repleto de crítica, denúncia e ao analisarmos as diferentes materialidades apresentadas, podemos interpretar que o enunciado de Leila se destaca entre tantas entrevistas concedidas por usuários do transporte público em telejornais.

SD4: ‘Cês’ tinha que ter vindo era ontem e antes de ontem ‘procês’ ‘vê’ a zona que ‘tava’ isso aqui!

Analisando a SD4 pelas marcas linguístico-discursivas, percebemos a estrutura repetitiva e enfática “Cês” tinha que ter vindo era ontem e antes de ontem”, que funciona como paráfrase, uma vez que reforça a crítica de que os problemas são constantes e não incidentais. Além disso, Leila remete a um interdiscurso de contínua insatisfação e frustração com a qualidade dos serviços públicos, além de mobilizar a memória de recorrentes fracassos do sistema de transporte, experiência compartilhada por muitos usuários do transporte público.

Há também a autoridade pela qual ressoa no imaginário sobre a mídia, isto é, a posição de que detém um saber e chama essa mídia a cumprir de um modo, e não de outro, seu papel. Nesse sentido, também percebemos esse discurso de autoridade, funcionando pelo imperativo verbal: “Cês tinha que ter vindo era ontem”; e na SD 3: “No dia que ‘cês’ for fazer entrevista ‘ocês’ não avisa”, denotando a regularidade em AD.

Dessa forma, analisando, mais uma vez, a materialidade discursiva na fala de Leila, podemos interpretar que ela revela como as marcas linguístico-discursivas não apenas constroem um sentido imediato, mas também refletem e reforçam um saber popular que está enraizado em formações ideológicas específicas. Segundo Orlandi (2015), “O discurso popular, marcado por suas especificidades linguísticas, muitas vezes atua como uma forma de resistência, legitimando saberes que são silenciados ou marginalizados pelas formações discursivas dominantes” (Orlandi, 2001, p. 63). Assim, essas marcas linguísticas são a expressão material de um saber coletivo, que se confronta com outras formações discursivas e desafia a hegemonia dos discursos mais formalizados.

Um exemplo disso, na **SD4**, é a utilização da palavra “zona”, usada, metaforicamente, para descrever a desordem e a confusão no transporte público. Ao ser compreendida, também, como uma polissemia no discurso, já que a palavra “zona” pode ser entendida de várias maneiras, aumentando a riqueza interpretativa da crítica da passageira – da confusão provocada

por uma estação muito cheia, com passageiros que não seguem regras, não respeitam filas, lugares destinados a idosos, etc. Além disso, a palavra “zona”, nessas condições de produção, também pode ser interpretada como um sistema sem gerência, sem uma administração adequada para dar conta da demanda dos passageiros.

Nela, também podemos observar que há um deslizamento de sentido, ao transformar a crítica específica de um dia em uma crítica generalizada e contínua de um problema antigo e que os responsáveis pelo serviço de transporte público não resolvem. Ainda nesse discurso da Leila, também observamos a heterogeneidade, uma vez que ele incorpora múltiplas perspectivas, incluindo a voz crítica do cidadão comum e a percepção de caos na administração do sistema de transporte público.

Analisando a **SD4**, podemos interpretar que a Leila reforça a sua posição discursiva como sujeito, como uma autoridade no assunto, demonstrando ser testemunha direta e confiável da realidade dos usuários do transporte público. Além disso, sua fala diferenciada e assertiva a destaca como uma voz única e autêntica do discurso. Uma passageira que reivindica seus direitos com um discurso de protesto.

SD5: Passageira: “E outra coisa: Os ônibus ‘tava tudo demorano’. Hoje parece eles ‘sabia’ que ‘cês ia fazê’ entrevista”.

Na **SD5**, podemos perceber a recorrência de elementos de paráfrases, ao reforçar a crítica ao transporte público. Ao dizer “Os ônibus ‘tava tudo demorano’”, Leila reitera um problema recorrente de atrasos, reformulado para dar ênfase ao contraste com a situação atual, como se ela quisesse dizer que os “ônibus estão sempre atrasados”. Acrescenta-se a isso o fato de ter usado a marca linguístico-discursiva hoje. Dessa forma, não quer dizer apenas dos atrasos, da insatisfação, mas há um antes e um depois da entrevista, de uma situação marcada pela contradição, pois ao mesmo tempo que tem a mídia no movimento de ser “porta-voz”, é uma condição que não se efetiva uma mudança. Todos os dias, não é só um ontem e um hoje que esses passageiros enfrentam essa situação.

Nessa sequência, Leila também mobiliza um interdiscurso de queixas comuns entre os usuários de transporte público. A frase “Os ônibus ‘tava tudo demorano’” ecoa a insatisfação cotidiana e partilha um discurso por muitos usuários. Ou seja, a crítica que ela se conecta a um discurso preexistente sobre a ineficiência do transporte público, que é reforçado por múltiplas vozes de usuários insatisfeitos.

Ainda na **SD5**, podemos compreender, também, um certo deslizamento de sentido, quando a Leila transforma uma observação específica de um dia tumultuado na estação de

ônibus em uma crítica generalizada sobre a operação dos serviços de transporte. É como dizer que a observação dela, como passageira que utiliza os ônibus todos os dias e conhece bem os problemas, é de que a realidade foi alterada, “maquiada” apenas para o registro da imprensa, e não é a realidade vivida por passageiros. Na crítica, ela tenta dizer que as empresas de ônibus estão tentando enganar os telespectadores do telejornal, mas ela, além de reconhecer essa tentativa de manipulação da realidade para a mídia e para o público do telejornal, ainda faz questão de denunciar, ao vivo, no telejornal. Nesse sentido, o deslizamento de sentido pode ser entendido nesta perspectiva: mais ônibus circulando justamente no dia em que a imprensa está na estação não é uma coincidência, não quer dizer que o sistema está melhor, e sim traz o sentido da crítica, da desconfiança sobre a transparência e a honestidade da administração das empresas de ônibus.

Nesta **SD5**, podemos perceber que a fala da Leila é polissêmica, pois permite múltiplas interpretações na construção do discurso. Um exemplo é a expressão "parece que eles ‘sabia’", e pode ser vista como uma crítica direta à atitude da administração de tentar manipular a mídia e os telespectadores, simulando uma realidade que não acontece, com mais ônibus para atender aos passageiros. Seria uma crítica, uma observação irônica da passageira, que convive com os problemas no transporte público há muito tempo e se sente frustrada, não confia na vontade real das empresas de investirem no sistema para melhorar o transporte público, que sempre foi e vai continuar sendo de má qualidade para os passageiros.

Por outro lado, ainda na **SD5**, podemos interpretar que a Leila se coloca em uma posição superior em relação aos demais passageiros, por ter tido coragem de, não só falar sobre os problemas enfrentados pelos usuários de ônibus, como também “desmascarar” uma realidade que os empresários tentam “manipular” quando ficam sabendo da presença da imprensa.

Figura 10 – Passageiros reforçam o discurso da Leila 1’04 a 1’06



Fonte: BOM DIA MINAS, 24 mar. 2022.

A Figura 10 é um exemplo do que estamos abordando, pois nela é possível ver alguns passageiros passando por Leila na fila, dizendo algo, que não é compreensível pela captação do microfone. No trecho entre 1’04 e 1’06 aparece um homem de blusa cinza, que participa do acontecimento discursivo, à direita do vídeo, que diz: “Todo dia é isso!”. Mas ele fala tão rápido, sem olhar para a câmera, que quase passa despercebido. Como se quisesse denunciar a situação, mas não teve a coragem de Leila, de parar ali para conceder uma entrevista.

SD6: *Passageira: “Leila de Oliveira!”*

Figura 11 – “Leila de Oliveira”: a assinatura 1’01 a 1’02



Fonte: BOM DIA MINAS, 24 mar. 2022.

A **SD6** e sua respectiva imagem, Figura 10, é a assinatura da Leila, que chancela a sua entrevista ao vivo em algo que vai além da cobertura sobre o transporte público em um telejornal. Quando Leila menciona seu nome completo durante a entrevista, ela o faz de uma maneira que pode ser interpretada como uma forma de “assinar”, de marcar presença, personalizar e dar uma autenticidade ao discurso que ela construiu. E o fato ganhou um destaque ainda maior pela entonação de voz que ela utilizou. Ao dizer o nome completo, em tom mais alto e firme, ela conseguiu transmitir toda a revolta da sua reivindicação. E, como o microfone estava apenas direcionado para a passageira, não foi possível ouvir a repórter perguntando o nome dela, apenas a resposta em alto e bom som: “Leila de Oliveira”, o que deixou a participação da passageira ainda mais autêntica.

Analisando essa fala sob os conceitos da AD, podemos explorar várias dimensões do significado e do impacto dessa ação. A apresentação do nome completo pode ser vista como uma paráfrase de uma assinatura formal, em que o sujeito se identifica oficialmente em um contexto de grande visibilidade. Mas, nesse gesto da passageira, também existe um interdiscurso de testemunho e autoridade. Ao mencionar seu nome completo, Leila se alinha com discursos de formalidade e autenticidade, comuns em contextos oficiais e depoimentos. Dessa forma, Leila se coloca em uma posição de autoridade e credibilidade, similar a um depoimento formal ou uma declaração oficial.

Aqui, podemos interpretar que existe um interdiscurso, uma memória discursiva, ao lembrar situações em que a apresentação do nome completo é usada para validar e autenticar uma declaração ou presença. Assim, ela evoca memórias de contextos formais em que a identidade é confirmada para dar peso à declaração.

Vale ressaltar que a declaração do nome completo funciona, também, como uma assinatura, simbolizando a afirmação da identidade e a presença ativa no discurso. A frase “Leila de Oliveira” como a assinatura de um documento confere autenticidade e responsabilidade ao seu discurso. Isso nos ajuda a compreender um dos objetivos da pesquisa, sobre as discursividades capazes de promover maior identificação com o público, que passa a viralizar os discursos no meio digital. Conforme Lagazzi afirma,

Não temos materialidades que se complementam, mas que se relacionam pela contradição, cada uma fazendo trabalhar a incompletude na outra. Ou seja, a imbricação material se dá pela incompletude constitutiva da linguagem, em suas diferentes formas materiais. Na remissão de uma materialidade a outra, a não-saturação funcionando na interpretação permite que novos sentidos sejam reclamados, num movimento de constante demanda. (Lagazzi, 2009, p. 3).

Analisando a relação entre as diferentes materialidades discursivas desse trecho do vídeo, podemos interpretar que a “assinatura”, da forma como ocorreu, com o tom de voz de revolta, com as expressões faciais e os gestos empregados promoveram a construção de sentidos que geram identificação com a sociedade de uma maneira geral – uma pessoa que é autêntica, espontânea e que não tem medo de expôr o que acredita ser uma verdade, aquela que, no popular, dissemos: “assina embaixo”.

Ainda na **SD6**, também é possível perceber que há um deslizamento quando a simples declaração de identidade se transforma em uma reivindicação de espaço e de voz no discurso público. É o deslizamento de uma simples apresentação para uma afirmação de sua presença e importância na narrativa.

Pelas teorias da AD, podemos compreender que a ação na **SD6** cria novos sentidos de autoridade e de responsabilidade, sugerindo que Leila está assumindo um papel ativo e consciente na construção do discurso. A apresentação formal, com nome e sobrenome, gera um sentido de responsabilidade, indicando que a Leila está ciente do impacto de suas palavras e da importância de sua presença naquele contexto de denúncia das irregularidades.

Sobre a posição discursiva de sujeito ocupada por Leila na **SD6**, podemos afirmar que ela muda o sentido, se posiciona como uma figura autêntica e responsável, uma autoridade para falar sobre o assunto, diferenciando-se das vozes anônimas e reafirmando o seu papel na sociedade, a sua atitude política de lutar pelos seus direitos, entre eles, o de ir e vir utilizando um transporte público de qualidade. A apresentação do nome completo individualiza Leila, destacando-a como uma figura única e autêntica dentro do discurso.

É interessante perceber que, na **SD6**, o simples fato de dizer nome e sobrenome ao final de uma entrevista é capaz de produzir vários sentidos para o mesmo discurso: de responsabilidade, de autenticidade, de superioridade e, também, de coragem de interromper uma repórter para denunciar o que está acontecendo no transporte público. Por outro lado, ao “deixar a sua assinatura” no telejornal, Leila nega a narrativa de anonimato e a passividade que é atribuída aos cidadãos comuns que, muitas vezes, não são ouvidos em debates públicos, entrevistas, não têm voz, nem mesmo quando estão inseridos em um determinado contexto. Um exemplo disso é o do transporte público. Os passageiros de uma determinada linha de ônibus são procurados pelas empresas para dar suas opiniões sobre o serviço? Sobre o que está ruim e o que pode melhorar?

Dessa forma, a ação de Leila pode ser vista como uma resposta aos silenciamentos das vozes anônimas e não reconhecidas no discurso midiático. Ao se identificar, ela rompe com o

anonimato imposto, com o silêncio imposto ao cidadão comum, que muitas vezes não é reconhecido individualmente no discurso público.

Caminhando para finalizar essa primeira etapa da análise linguístico-discursiva, focaremos alguns pontos da materialidade audiovisual do *corpus*, que julgamos relevantes para a construção de efeitos de sentidos durante os 30 segundos em que Leila de Oliveira esteve, ao vivo, no *Bom Dia Minas*. Diante da sequência de figuras já apresentadas e das que vamos apresentar a seguir, buscaremos interpretar os sentidos que se relacionam pela contradição, conforme aborda Lagazzi (2009). Para compreendermos a dimensão que buscamos nesta análise, levaremos em consideração a imbricação material das diferentes materialidades significantes para a construção dos sentidos no discurso criado pela Leila de Oliveira.

Figura 12: Leila aponta o dedo para a câmera 0'46 a 0'48



Fonte: BOM DIA MINAS, 24 mar. 2022.

Figura 13: Leila em posição de confronto 1'01 a 1'02



Fonte: BOM DIA MINAS, 24 mar. 2022.

Figura 14: Leila encara a câmera 1'01 a 1'02



Fonte: BOM DIA MINAS, 24 nov. 2022.

Figura 15: Leila sai de cena



Fonte: BOM DIA MINAS, 24 nov. 2022.

Seguindo o gesto de descrição pelo aporte teórico-metodológico da AD materialista, ao interpretar as cenas que constroem os efeitos de sentidos compreendidos durante a participação ao vivo da passageira Leila ganham ainda mais relevância na análise, quando compreendemos as condições de produção.

Era o período da pandemia de Covid-19 e o uso de máscara era obrigatório dentro dos coletivos. Entretanto, a máscara da Leila estava posicionada no queixo, conforme já analisado anteriormente. Esse pode ter sido um gesto intencional, pois ela deixou a boca à mostra, como se quisesse falar naquele momento.

Outro ponto que chama a atenção durante a entrevista da passageira é a linguagem corporal da Leila, que constrói vários efeitos de sentidos ao discurso. Os gestos que ela faz com as mãos, que sugerem que ela está em uma briga, em uma discussão: ela aponta o dedo, como quem está discutindo, revoltada (Figura 10). Ao se virar para a câmera, Leila aponta a outra mão, em que segura um celular, e mantém, com os mesmos gestos, o tom de revolta da denúncia. Na sequência das imagens, é possível interpretar que o corpo de Leila fala e produz muitos sentidos. A figura 11 mostra a passageira inclinada para a frente, como quem está em um confronto, em uma briga.

O tom de voz que Leila de Oliveira emprega durante toda a entrevista não é de grito, mas ele emite suas palavras com firmeza e projeta sua voz de uma maneira que se sobrepõe aos ruídos inerentes a uma estação de ônibus e também imprime os sentidos que ela deseja: de revolta, de denúncia e de certeza do que está falando.

Mobilizamos Souza (2020), que aborda as enunciações corporais e argumenta que o tom de voz não apenas acompanha as palavras, mas participa da significação, modulando o sentido e influenciando como o discurso é interpretado pelo outro. "A voz do sujeito na enunciação vai além do conteúdo linguístico; ela carrega uma dimensão afetiva que modula o sentido e revela a relação do sujeito com o que é dito, bem como com o interlocutor".

A Figura 12 é emblemática por contemplar todos os efeitos de sentidos citados anteriormente e, mais uma vez, surpreende pela forma como se apresenta. Se observarmos a sequência compreendida pelas Figuras 11 e 12, podemos observar que Leila se inclina para a frente durante o seu discurso ao mesmo tempo que denuncia as empresas. Quando ela percebe que conseguiu falar tudo o que gostaria, inclusive assinando seu nome com sobrenome, a passageira volta a se inclinar para a posição vertical, mantém a postura ereta, com os ombros para trás e se vira para a câmera, como se a encarasse.

Seguindo no meu gesto de interpretação, a Figura 13 também é bastante significativa, no que diz respeito aos imaginários produzidos. O ato da Leila segurar o celular em direção à câmera do jornalismo também reflete um imaginário popular em que o poder de representar e ser representado está em disputa. Ao fazer isso, Leila desafia, implicitamente, a autoridade da mídia sobre a construção da realidade, sugerindo que a "verdade" pode ser registrada e interpretada por qualquer pessoa, e não apenas pelas instituições estabelecidas. Podemos interpretar que existe um certo confronto simbólico que se desenrola nesse acontecimento discursivo: o poder tradicional da mídia *versus* o emergente poder popular e digital, que reivindica o direito de representar e ser representado de maneira autônoma.

Por fim, podemos compreender que a Figura 15 também constrói sentidos para o acontecimento discursivo, já que Leila termina de falar com a repórter, diz tudo que quer dizer e sai de cena, sem sequer olhar para trás. A aparição da passageira durou apenas trinta segundos no telejornal, que tem alcance em todo o estado. Esse foi o tempo suficiente para fazer surgir mais uma “famosa” nas redes. Uma fama efêmera, mas impactante pelos sentidos criados e que foram multiplicados após a cena viralizar.

O caso da vendedora Leila de Oliveira ganhou tanta repercussão na Internet que a participação dela no telejornal foi compartilhada por milhares de internautas de várias partes do país, em redes sociais e em sites de notícias, imediatamente após a entrada “ao vivo”. A entrevista de Leila de Oliveira deu origem a outras pautas de reportagens sobre o caso e sobre a situação precária do serviço de transporte público durante a greve dos metroviários.

Em poucos minutos, surgiu na Internet o meme “Leila – A lenda”. Conforme já explicado, vamos apenas citar alguns comentários retirados de redes sociais e alguns títulos de

reportagens feitas após a viralização da cena nas redes. Separamos alguns exemplos¹⁵ para confirmar o resultado da participação da Leila de Oliveira: *“A revolução tem nome e sobrenome”, “Leila expondo que as empresas aumentam os ônibus quando descobrem que a Globo vai fazer reportagens nas estações”, “Nunca esteve sozinha em nenhum momento. E você nunca mais vai se sentir sozinha na sua vida. Isso quem tá dizendo não sou eu... São quase 24 milhões de passageiros sem ônibus para ir trabalhar. Leila você é um fenômeno! Na fila montada na Estação Venda Nova você perdeu o assento, mas nunca saiu do primeiro lugar”*.

Assim, de uma hora para outra, a passageira passou de 500 a mais de 15 mil seguidores. A “fama” de Leila de Oliveira foi reconhecida, também, pela TV Globo em Minas. A produção do site de notícias G1, logo após aparecer no telejornal, fez questão de localizar a passageira, que concedeu mais uma entrevista no mesmo dia da viralização¹⁶ para o site de notícias. Já no dia seguinte, Leila foi convidada pela produção do *Bom Dia Minas* para voltar à estação de ônibus para ser entrevistada “ao vivo” pela mesma equipe de reportagem.

Entretanto, sua entrevista teve um diferencial no que diz respeito à produção de imaginários. Desta vez, no lugar de mais uma entrevista com usuários do transporte coletivo, a grande expectativa era para mostrar a passageira que ficou “famosa” porque disse, na televisão, para todo o estado de Minas Gerais, o que muitas pessoas não têm coragem. A entrevista começou sobre a repercussão do discurso dela nas redes e, em um segundo momento, ela respondeu às perguntas sobre a necessidade de melhorias no sistema de transporte público.

15 GLOBO. Passageira Leila volta ao BDMG depois de viralizar na Internet. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10422771/>. Acesso em: 27 ago. 2024.

PORTAL UAI. “Passageira viraliza nas redes sociais ao reclamar de ônibus cheios em BH”. Disponível em: <https://www.uai.com.br/app/noticia/series-e-tv/2022/03/24/noticias-series-e-tv,284665/passageira-viraliza-nas-redes-sociais-ao-reclamar-de-onibus-cheios-em-bh.shtml>. Acesso em: 27 ago. 2024.

16 G1. “Passageira Leila viraliza ao reclamar de ônibus em BH. Disponível em <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2022/03/24/passageira-leila-viraliza-ao-reclamar-de-onibus-em-bh.ghtml>. Acesso em: 27 ago. 2024.

9 O BEIJO NA REPÓRTER

Partiremos, a partir deste capítulo, para a segunda etapa de análise do *corpus* da nossa pesquisa: o caso de um assédio a uma repórter enquanto trabalhava na Copa do Mundo de 2018. Assim como fizemos na análise anterior, iremos apresentar as condições de produção do fato, que incluem fatores históricos, sociais, ideológicos, culturais e situacionais que influenciaram a produção, a circulação e a interpretação dos discursos. Em seguida, transcrevemos o trecho que compreende o período em que os apresentadores introduzem o assunto para os telespectadores, direto do estúdio, até o fim do discurso da repórter.

A descrição linguística do trecho do vídeo compreende o período de 00'00 a 00'48'. Mas o período em que a passageira aparece dura apenas 15 segundos – de 00'27'' a 00'42. É importante ressaltar que, durante o processo de dessuperficialização do *corpus*, também faremos as descrições de algumas imagens que julgamos serem relevantes para a construção de efeitos de sentidos no discurso. Entretanto, reforçamos que, para a compreensão das análises, é preciso recorrer ao audiovisual¹⁷.

O acontecimento discursivo que vamos analisar, a partir de agora, foi durante a Copa do Mundo na Rússia, em 2018. Sabemos que a Copa é um acontecimento histórico especial, pois consegue unir as nações e as torcidas – muitas acostumadas com conflitos – por meio de um único sentimento: o de pertencimento. É durante a Copa que os olhos de todos os países se voltam para o futebol, o esporte mais popular do mundo em que os campos e as arquibancadas, historicamente, são dominados por vozes, passes e corpos masculinos.

Mas, nos últimos anos, os holofotes do esporte têm dado a luz, também, às transformações sociais, significativas de algumas conquistas femininas. Uma delas é a presença crescente de mulheres no Jornalismo Esportivo, desafiando normas e expectativas tradicionais, refletindo uma mudança social e cultural em direção à busca pela equidade de gênero em diversos setores da sociedade.

Nos anos que antecederam a Copa do Mundo de 2018, houve um aumento significativo na conscientização e na luta contra o assédio sexual, impulsionado por movimentos como

¹⁷ Reportagem *Fantástico*. Disponível em: < <https://globoplay.globo.com/v/6829665/>. Acesso em: 13 jan. 2023.

#MeToo¹⁸ e o #Deixaetrabalhar¹⁹. Nesse mesmo contexto, também presenciamos, ao longo dos anos, uma mudança na postura do torcedor, principalmente em eventos esportivos internacionais que, muitas vezes, envolve comportamentos exagerados e, em alguns casos, inadequados. É uma transformação que vem ocorrendo gradativamente. Na Copa do Mundo de 2018, podemos afirmar que vivenciamos um capítulo importante dessa mudança.

Figura 16 – Repórter Júlia Guimarães sofre assédio na Copa do Mundo de 2018²⁰



Fonte: FANTÁSTICO, 25 mar. 2018.

No dia 24 de junho de 2018, a repórter Júlia Guimarães, do Grupo Globo, com então 27 anos, estava em sua primeira cobertura de Copa do Mundo. Era a sua estreia, também, no *Esporte Espetacular*, o noticiário esportivo de maior relevância da emissora, transmitido nas manhãs de domingo.

18 *Me too*: é um movimento contra o assédio sexual e a agressão sexual. O movimento começou a se espalhar viralmente em outubro de 2017 como uma *hashtag* nas mídias sociais, na tentativa de demonstrar a prevalência generalizada de agressão sexual e assédio, especialmente no local de trabalho. Este movimento levou às acusações de abuso sexual contra Harvey Weinstein. Tarana Burke, uma ativista social estadunidense e organizadora comunitária, começou a usar a frase "Eu também" ("Me too") em 2006 e a frase foi mais tarde popularizada pela atriz estadunidense Alyssa Milano, no Twitter em 2017. Disponível em: <https://metoobrasil.org.br/>. Acesso: 19 de ago. 2024.

19 o manifesto foi criado em março de 2018 foi uma iniciativa é de 52 jornalistas brasileiras que trabalhavam com esporte, entre apresentadoras, repórteres, produtoras e assessoras de vários veículos e emissoras. O objetivo é lutar contra o assédio moral e sexual sofrido por elas nos estádios, nas ruas e nas redações. Disponível em: <https://ge.globo.com/sp/futebol/noticia/deixaetrabalhar-jornalistas-lancam-manifesto-em-defesa-do-trabalho-das-mulheres-no-esporte.ghtml>. Acesso em: 27 ago. 2024.

20 Reprodução TV Globo. Imagem de trecho da Reportagem exibida no Fantástico - 24 jun. 2018 – “Vídeos com brasileiros humilhando mulheres enquanto aproveitam a Copa têm dado o que falar” Disponível em: < <https://globoplay.globo.com/v/6829665/>. Acesso em: 13 jan. 2023.

A equipe de reportagem da Júlia foi escalada para fazer entradas ao vivo durante a programação²¹ para atualizar as informações sobre o jogo da seleção brasileira contra o Senegal. Aqui, também vamos abordar o conceito que usamos na análise anterior de discurso-pauta para nos referir ao roteiro previsto de cobertura jornalística da equipe de reportagem. Neste caso, a equipe ficaria na cidade de Ecaterimburgo, onde seria o jogo do Brasil contra o Senegal para fazer algumas entradas ao “vivo”, em diferentes programas da emissora, para atualizar as informações sobre a partida da seleção brasileira.

Aqui, também vamos recorrer ao conceito de acontecimento jornalístico de Lagazzi (2009) para nos referir ao momento em que vamos analisar como o “que resulta da articulação de discursos e práticas midiáticas, onde o que é noticiado é selecionado e configurado de maneira a produzir determinados efeitos de sentido” (Lagazzi, p.112, 2009). Especificamente nesse caso, houve uma intenção da emissora de fazer com que o ocorrido tivesse muita repercussão, e foi o que aconteceu.

A equipe de reportagem já estava com o sinal de transmissão “ao vivo”, conectada com a emissora, aguardando o momento de ser chamada pelos apresentadores, quando ocorreu um imprevisto em relação ao discurso-pauta: um homem que estava passando perto da equipe se aproximou da repórter e tentou beijá-la. A reação imediata de Júlia foi se esquivar e, imediatamente, repreender a atitude do homem em inglês. O discurso dela ganhou muita repercussão na Internet pela forma como aquela jovem repórter repreendeu um abuso, um assédio por parte daquele torcedor que “quis aparecer” diante das câmeras.

Assim como fizemos no caso anterior, vamos analisar as diferentes materialidades significantes do discurso criado no acontecimento discursivo que viralizou após o imprevisto acontecer. O nosso objetivo é buscar responder às questões levantadas nesta pesquisa com o aporte teórico-metodológico da AD, a fim compreender os efeitos de sentidos criados diante de cada enunciado, imagem e tons de fala empregados no acontecimento jornalístico.

Vamos transcrever os dizeres para fazermos as análises linguístico-discursivas e, simultaneamente, analisar as materialidades audiovisuais – imagens recortadas do trecho do vídeo e os sons, as entonações utilizadas na construção dos sentidos para reforçar a importância da análise das diferentes materialidades pois, assim como Lagazzi (2009), compreendemos que há uma certa incompletude constitutiva da linguagem. “Não temos materialidades que se

²¹ Nesse contexto, também é necessário utilizarmos a expressão “discurso-pauta” para designar o discurso que era esperado por parte da equipe e o que era previsto para aquela determinada cobertura jornalística.

complementam, mas que se relacionam pela contradição, cada uma fazendo trabalhar a incompletude na outra”.

Para esta análise, teremos como referência o link²² da reportagem realizada pelo Programa Fantástico, também da Rede Globo, que se aprofundou no tema sobre o assédio na Copa. Foi uma reportagem de nove minutos, motivada pelo abuso sofrido pela repórter. O trecho do vídeo a ser analisado será de 00’28” a 00’43, os exatos 15 segundos em que a repórter profere ao torcedor, em tom imperativo, a repreensão ao assédio cometido por ele. Ao mesmo tempo, a cena se transformou em um ato de repúdio e luta por mais respeito às mulheres. Dessa forma, podemos afirmar que a expressão “quinze segundos de fama” traz ainda mais sentido para o discurso de Júlia Guimarães, que soube utilizar o seu instrumento de trabalho – o microfone – como elemento simbólico de ampliação, fazendo ecoar a voz de milhares de mulheres assediadas em toda parte do mundo, o tempo inteiro. Com apenas oito frases, o discurso dela se alastrou por todo o mundo, rapidamente, com aparato do meio digital. Movimento que, segundo Dias (2018), ao ocorrer na Internet nos leva a reflexões sobre os processos de constituição dos sentidos, de modo amplo, determinados pelo digital.

Na AD, o discurso de resistência pode ser visto como algo que pode surgir em momentos de irrupção, desafiando as normas discursivas instituídas. Como nos dois casos que estamos analisando, o discurso é transposto da televisão para o meio digital, sua reprodutibilidade permite que ele seja amplificado e ressignificado, potencializando sua capacidade de resistência. Assim, o digital, com sua lógica de circulação e reprodutibilidade, não apenas dissemina o discurso, como também o transforma, permitindo que novas subjetividades e formações discursivas emergem a partir do confronto com as ideologias dominantes.

É importante ressaltar, também, que os gestos, as expressões faciais e o tom de voz que a repórter utilizou têm muita relevância na construção de efeitos de sentidos no acontecimento discursivo, diante de um imprevisto durante uma cobertura ao vivo. Prova disso é a grande repercussão que o trecho recortado do vídeo provocou nas redes sociais, nos *sites* de notícias e, também, na própria emissora, que fez questão de transformar o deslize, o imprevisto, em notícia. Houve a intenção de dar visibilidade ao fato, de transformar o efeito da viralização da cena em discussões, debates e reflexões sobre um tema social tão relevante: o assédio sofrido

²² *Fantástico*. Reportagem com duração de 9 minutos no programa Fantástico – “Vídeos com brasileiros humilhando mulheres enquanto aproveitam a Copa têm dado o que falar”. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6829665/>. Acesso em: 27 ago. 2024.

por mulheres, principalmente no ambiente de trabalho. O que Moreira (2024) compreende como gesto de edição.

Discursivamente, buscamos mostrar como a análise dos gestos de edição trabalha seus efeitos em sua deriva significativa. Ou seja, o modo como esse gesto de edição ‘corte’ é, em certas condições históricas de produção-circulação do discurso, materialmente significado, também pode corresponder, entre outras possibilidades, a um gesto censório (Moreira, p.13, 2024).

O assédio sofrido por Júlia Guimarães foi tão impactante e provocou tantas repercussões que, anos depois, ele ainda aparece como pauta de reportagens sobre o assunto¹⁵, o que comprova a atualidade e a necessidade de se debater o tema.

Para tentar alcançar um dos nossos objetivos de pesquisa – analisar as formas modo como os discursos são construídos, organizados e manifestados nas coberturas televisivas ao vivo, considerando as materialidades linguístico-discursivas e audiovisuais - faremos as transcrições das sequências discursivas dos apresentadores do *Fantástico* para chamar a reportagem sobre o assédio sofrido pela repórter até a parte em que a Júlia Guimarães finaliza a apreensão ao torcedor. O trecho analisado do vídeo vai de 00’ 00 a 00’47.

9.1 A REVOLTA CONTRA O DESRESPEITO – A ANÁLISE DO CASO DA JÚLIA GUIMARÃES

Figura 17 – Apresentadores do Fantástico chamam reportagem sobre o assédio²³



Fonte: FANTÁSTICO, 25 mar. 2018.

²³ Reportagem *Fantástico*. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6829665/>. Acesso em: 27 ago. 2024.

Poliana Abritta: *Copa do Mundo é sinônimo de festa, a maior festa do futebol, mas olha, deu vergonha de ver alguns torcedores brasileiros humilhando e assediando mulheres na Rússia em vários vídeos divulgados essa semana. Hoje mesmo aconteceu um novo episódio. Não é isso, Tadeu? Boa noite, “pra” você aí!*

Tadeu Schmidt: *Boa noite, Poliana! E boa noite, “pra” todo mundo do Brasil! Um homem tentou beijar a repórter da TV Globo, Júlia Guimarães, quando ela se preparava para entrar ao vivo antes do jogo Japão e Senegal em Ecaterimburgo.*

Gesto de descrição-interpretação da pesquisadora:

A repórter Júlia aparece, primeiramente, séria e concentrada para entrar “ao vivo”. De repente, aparece na imagem um homem que tenta beijá-la na bochecha. É possível ouvir o estalo do beijo, mas ele não chega a encostar na repórter porque ela se esquivava. A repórter aponta o microfone na direção do homem que já não aparece mais na imagem e, em seguida, repreende o agressor:

Júlia Guimarães: *“Don't do this! Never do this again, ok? Don't do this! I don't allow you to do that! Never! Ok? This is not polite! This is not right! Never do this!”²⁴*

A imagem volta para o estúdio:

Tadeu Schmidt: Foi a segunda vez que a Júlia sofreu assédio de torcedores na cobertura da Copa.

Iniciaremos, a partir desta parte da pesquisa, as análises discursivas do nosso corpus com a finalidade de alcançar outro objetivo da nossa pesquisa - identificar os conceitos da AD presentes em acontecimentos jornalísticos que viralizam, associando-os e inferindo um padrão de construção de discursos. Para isso, faremos as análises e, simultaneamente, citaremos os conceitos que forem identificados nas respectivas sequências discursivas.

As Figuras 17, 18 e 19, que antecedem o imprevisto provocado pelo torcedor que tentou beijar a repórter Júlia Guimarães são fundamentais para a compreensão do acontecimento discursivo. Os elementos visuais são bastante significativos diante das condições de produção do discurso. A postura ereta e firme da repórter, acompanhada por um semblante de segurança,

²⁴ Tradução nossa para:

Júlia Guimarães: “Não faça isso! Nunca mais faça isso novamente, tudo bem?”

Homem: “Me desculpe!”

Júlia Guimarães “Não faça isso! Eu não te autorizo a fazer isso! Nunca, tudo bem? Isso não é educado! Isso não é certo! Nunca mais faça isso!”

comprovam que ela, até então, estava certa de que o previsto no discurso-pauta seria seguido normalmente, sem alterações.

Na Figura 17, Júlia aparece posicionada, pronta para ser chamada, ao vivo, pela apresentadora do Esporte Espetacular. Na imagem seguinte, a repórter apenas olha para o homem que estava se aproximando dela e, na Figura 18, Júlia vê que ele, realmente, se aproxima. Ainda assim, mantém-se firme, em sua posição inicial, denotando que “não se sentia ameaçada” por aquela presença indesejada. Como em um jogo de forças, em uma luta de boxe, por exemplo, quando antes do combate os dois lutadores são colocados frente a frente e “se encaram” para as fotos e imagens feitas pela imprensa sobre a luta. É o efeito de sentido construído diante de uma postura que impõe respeito em relação ao adversário, com o intuito de amedrontá-lo.

E foi isso que Júlia Guimarães fez, mas o torcedor-agressor insistiu em invadir o espaço, o trabalho e a intimidade da repórter ao tentar beijá-la, sem o seu consentimento. É importante observar, também, a influência do efeito sonoro do beijo do homem na postura da repórter que, até então, estava firme e segura de que nada a atrapalhasse. Após ouvir o som de um beijo e de aproximação física – apesar de não ter encostado no rosto dela – a repórter reagiu, esquivando-se do torcedor, dessa forma, altera os sentidos previstos na cena.

Esse foi o fato que gerou toda a mudança de efeitos de sentidos da cena, escapando à ordem discursiva, à ordem do dizer, provocando o equívoco que, imediatamente, viralizou na Internet.

Figura 18 – Júlia Guimarães posicionada para entrar ao vivo²⁵



Fonte: FANTÁSTICO, 25 mar. 2018.

²⁵ Reportagem Fantástico. Disponível em: < <https://globoplay.globo.com/v/6829665/>. Acesso em: 27 ago. 2024.

Figura 19 – Júlia Guimarães observa homem se aproximando



Fonte: FANTÁSTICO, 25 mar. 2018.

Figura 20 – Homem se aproxima de Júlia Guimarães



Fonte: FANTÁSTICO, 25 mar. 2018.

Figura 21 – Júlia Guimarães se esquia do homem



Fonte: FANTÁSTICO, 25 mar. 2018.

Figura 22 – Júlia Guimarães se afasta do homem



Fonte: FANTÁSTICO, 25 mar. 2018.

SD7: Júlia Guimarães: *Não faça isso! Nunca mais faça isso novamente, tudo bem?*

SD8: Júlia Guimarães: *“Não faça isso! Eu não te autorizo a fazer isso!”*

Na **SD7**, podemos observar que houve uma mudança de posições discursivas dos sujeitos no discurso criado a partir do imprevisto. Assim como conceitua Pêcheux (2014), “sujeito é um efeito do discurso, ou seja, ele ocupa posições dentro de formações discursivas que são historicamente constituídas e ideologicamente determinadas” (Pêcheux, 2014, p. 145). Nesse momento do acontecimento discursivo, podemos interpretar que, antes do assédio do homem – imprevisto em relação ao discurso-pauta – Júlia Guimarães assumia a posição-sujeito de uma profissional, repórter, que estava ali, a trabalho, para transmitir as informações sobre o jogo do Brasil na Copa do Mundo.

Analisando as diferentes materialidades significantes, podemos interpretar que, após a interrupção do torcedor, Júlia passou a assumir, também, a posição discursiva da mulher com autoridade sobre o seu corpo. Ao dizer na **SD8**, “Eu não te autorizo a fazer isso!”, ela reforça essa ideia e vai além: se coloca como uma figura de autoridade e defensora dos direitos das mulheres, repreendendo um homem, enrustido de diversos privilégios sociais, e desafiando a posição de poder dele, como agressor. Pelo que foi dito, podemos compreender o efeito de sentido de repreensão ao ato do torcedor.

Figura 23 – Júlia Guimarães repreende o homem



Fonte: FANTÁSTICO, 25 mar. 2018.

Figura 24 – Júlia Guimarães reforça a ordem



Fonte: FANTÁSTICO, 25 mar. 2018.

É importante ressaltar, também, que as expressões corporais dela mudaram, tais como reiteram as Figuras 22 e 23, evidenciando a posição que a repórter assumiu para repreender a atitude do torcedor-agressor. A posição da mão dela ao segurar o microfone evidencia, ainda mais, o tom de autoridade da repórter em relação ao homem, como quem aponta o dedo durante uma discussão – no caso dela, o microfone, que assumiu a mesma função.

SD10: Júlia Guimarães: “Isso não é educado! Isso não é certo!”

Para esta parte da análise, vamos recorrer ao conceito de ideologia para a AD como sendo a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. Orlandi (2015) afirma que o indivíduo “é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer. (...) O trabalho da ideologia é produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência. (Orlandi, 2015, p.44). Dessa forma, podemos interpretar que neste acontecimento discursivo, a repórter Júlia, enquanto sujeito do discurso que produz sentidos, se insere em uma formação discursiva de combate ao assédio e de respeito às mulheres.

Sabemos que as formações discursivas estão profundamente conectadas com as formações ideológicas, que são as estruturas de ideias que permeiam uma sociedade e que orientam as práticas discursivas.

Pela **SD10**, podemos analisar, também, de que comportamentos inapropriados devem ser condenados e corrigidos, promovendo, assim, normas de igualdade.

Mobilizando o conceito de deslinearização da imagem de Laggazzi (2014; 2015), percebemos os elementos do interdiscurso (que torna possível o dizer) e do intradiscurso (que atualiza o discurso), fundamentais para entender como os discursos, neste caso, se conectam, se cruzam e se constroem em um campo discursivo. Ambos ajudam a analisar as relações entre diferentes enunciados e os sentidos produzidos em um contexto social, histórico e ideológico específicos.

Assim, temos no interdiscurso, os discursos sociais amplos que promovem o respeito e a igualdade de gênero - antissexismo. Esses discursos preexistentes informam e sustentam a mensagem de resistência e empoderamento expressos por Júlia Guimarães. O discurso da repórter ao repreender o agressor está embutido em um interdiscurso que ecoa os movimentos sociais - como o #MeToo e #Deixaelatrabalhar - e trazem à tona a importância do consentimento e o combate ao assédio. A memória discursiva coletiva de incidentes anteriores de assédio e resistência é lembrada associando a experiência de Júlia a uma série de eventos passados que contribuíram para um entendimento mais amplo do problema do assédio.

Vale ressaltar nesta análise, também, o interdiscurso existente no diálogo com o discurso jornalístico sobre responsabilidade e transparência, mostrando como a mídia deve ser um veículo que, *a priori*, busca promover a justiça social e a defesa dos direitos humanos.

Trazendo o conceito de intradiscurso para esta análise, podemos compreendê-lo como uma relação interna dentro de um único discurso ou enunciado - a coerência interna, a estrutura

e as nuances de significado dentro de um discurso específico. É como o discurso se organiza internamente, incluindo suas contradições, reafirmações e variações de sentido.

SD9: Júlia Guimarães: “Não faça isso!”

No discurso criado por Júlia Guimarães, podemos interpretar que existem vários pontos evidenciados, como as repetições e as ênfases em seu enunciado, que criam uma coerência interna e reforça sua posição de resistência e de autoridade, mostrando como a repetição pode fortalecer um discurso. Na **SD7**, por exemplo, a repetição “Não faça isso! Nunca mais faça isso!” é um exemplo de intradiscurso que reforça a mensagem de autoridade da repórter naquele contexto.

Analizando a **SD7** e a **SD9**, observamos algumas marcas linguístico-discursivas que são relevantes para os sentidos do discurso. A repórter fala duas vezes a expressão “Não faça isso” e diz as palavras “nunca” e “não” três vezes. Vale ressaltar que o discurso criado pela repórter é composto apenas por oito frases. Dessa forma, as repetições desempenham um papel crucial na construção de sentidos do discurso de resistência e rejeição ao comportamento do agressor. Elas não apenas reforçam e enfatizam a mensagem de proibição, mas também conectam o discurso de Júlia a uma rede mais ampla de resistência ao assédio.

Além da negação, Júlia também utiliza verbos no imperativo, que reforça a sua apreensão e repúdio ao ato do homem. Percebemos que utiliza determinados recursos da língua que provocam efeitos de sentido que transmitem clareza e reforça a sua autoridade perante o agressor e silenciar quaisquer tentativas de minimizar ou justificar o assédio. São, portanto, elementos discursivos que ajudam a construir efeitos de sentidos como um meio de defesa e empoderamento.

O tom assertivo e a linguagem corporal de Júlia também são elementos intradiscursivos que enfatizam sua resistência e rejeição ao comportamento do agressor, mostrando como o discurso vai além das palavras. As nuances de expressão e o tom de voz que Júlia utiliza são parte do intradiscurso, contribuindo para a clareza e a intensidade da mensagem que está transmitindo. Assim como, onde e por que certas utilizações lexicais reforçam determinados efeitos de sentidos, importando tanto quanto o que é dito.

Ainda na **SD7**, observamos a presença da polissemia na expressão “tudo bem?” – ou “OK?” no discurso original, em inglês – duas vezes. A expressão pode ser interpretada como uma busca por confirmação de entendimento ou, também, como uma estratégia retórica para reforçar a autoridade de Júlia - a imposição de que não há negociação possível em sua demanda. É como dizer, ao final de uma discussão, “está entendido?”, “que isso não se repita!”.

SD10: Júlia Guimarães: “Eu não te autorizo a fazer isso! Nunca, tudo bem?”

SD11: Júlia Guimarães: Isso não é educado! Isso não é certo! Nunca mais faça isso!”

Na fala de Júlia Guimarães, podemos compreender uma heterogeneidade dos discursos, já que há uma imbricação de outros já ditos, outros discursos, como o de proteção pessoal, o de empoderamento feminino e o de repúdio ao assédio, o que demonstra a complexidade das vozes e das perspectivas envolvidas. Além disso, na **SD10**, a utilização do pronome “eu” reforça a individuação e o direito de Júlia a estabelecer limites, destacando sua identidade e autonomia. Ao dizer “Eu não te autorizo a fazer isso”, Júlia individualiza sua autoridade sobre seu corpo e espaço pessoal, reafirmando sua autonomia.

A análise dos efeitos de sentidos ressaltados no discurso da repórter que é assediada na televisão evidencia, de certa forma, o silenciamento que está presente nesse contexto. Ao repreender o assédio, ao vivo, Júlia não só torna público como rompe com o silêncio muitas vezes imposto sobre incidentes de assédio vivido por milhares de mulheres em todo o mundo. Ela desafia o silêncio que geralmente cerca o assédio, trazendo à tona uma experiência que muitas vezes é ignorada, minimizada e que muitas mulheres têm medo de expor. E Júlia faz isso, intencionalmente, como uma forma de encorajar o rompimento deste silenciamento na sociedade.

Pela noção de Política do Acontecimento para a AD, o que ocorreu com a Júlia Guimarães, podemos interpretar que pode ser considerado um acontecimento jornalístico relevante, uma vez que destaca o repúdio ao assédio e a reafirmação do direito ao respeito no discurso ao vivo. Dela-Silva (2015), conceitua acontecimento jornalístico como as práticas jornalísticas são que trabalham com base em um acontecimento, inscrevendo um fato em um determinado contexto de atualidade e num espaço de memória que ele convoca. Prova disso, é a repercussão que o fato ganhou nas redes sociais, transformando o discurso de Júlia Guimarães em um acontecimento discursivo que simboliza resistência e empoderamento feminino. O fato deu origem a outras pautas de reportagens que foram além do fato do assédio, deram origem a discussões sobre questões como feminismo, por exemplo²⁶.

26 BOM DIA BRASIL. Reportagem da TV Globo após a cena, no dia 25/06/2018 – Telejornal Bom Dia Brasil “Repórter sofre assédio na Copa da Rússia”. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6830037/#:~:text=Um%20homem%20tentou%20beijar%20a,jogo%20entre%20Jap%C3%A3o%20e%20Senegal>. Acesso em: 26 ago. 2024.
ESPORTE ESPETACULAR. Entrada ao vivo no Esporte Espetacular - Logo após o assédio do torcedor, no dia 24/06/2018 - “Júlia Guimarães mostra o clima para o jogo entre Japão e Senegal. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6829446/?s=0s>. Acesso em: 26 ago. 2024.

SD8: Homem: “Me desculpa!”

Figura 25 – Homem pede desculpas



Fonte: FANTÁSTICO, 25 mar. 2018.

A **SD8** é bastante significativa para esta análise, pois houve um pedido de desculpas. Dessa forma, podemos interpretar que o torcedor, ao tentar “surpreender” a repórter, acabou se surpreendendo com a reação que ela teve e, rapidamente, afastou-se da mulher. Prova disso é que, quando ele pede desculpas, o homem nem aparece mais na imagem (Figura 24), enquanto a repórter expressa sua repreensão no discurso e na postura – apontando o microfone, como quem aponta o dedo para o outro em uma discussão.

A **SD8** evidencia a ideologia de que o arrependimento verbal é suficiente para remediar comportamentos inadequados por parte do agressor, mas falha em abordar mudanças comportamentais profundas. Assim, compreendemos, também, que o pedido de desculpas pode estar inserido em um interdiscurso de arrependimento e correção de erros, mas também pode refletir discursos de minimização de comportamentos inadequados. A memória discursiva do

YOUTUBE. Fã de Esportes – no dia 24/06/2018, com mais de 32 mil visualizações: “Torcedor russo tenta beijar repórter da Globo ao vivo e toma esporro!!”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AIy5EIKU3J8>. Acesso em: 26 ago. 2024.

VEJA. Reportagem da Revista Veja, no dia 30/06/2018: “‘Não sou feminista’, diz repórter que repreendeu assediador na Copa”. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/nao-sou-feminista-diz-reporter-que-repreendeu-assediador-na-copa>. Acesso em: 26 ago. 2024.

EXAME. Reportagem da Revista Exame no dia 24/06/2018: “Torcedor tenta beijar repórter da Globo em entrada ao vivo na Copa”. Disponível em: <https://exame.com/casual/torcedor-tenta-beijar-reporter-da-globo-em-entrada-ao-vivo-na-copa/>. Acesso em: 26 ago. 2024.

LANCE. Reportagem do site Lance, publicada o dia 30/11/2022, “Vítima de assédio na Copa de 2018, repórter da Globo recebe rosa no Qatar e se emociona na web”. Disponível em: <https://www.lance.com.br/fora-de-campo/vitima-de-assedio-na-copa-de-2018-reporter-da-globo-recebe-rosa-no-qatar-e-se-emociona-na-web.html>. Acesso em: 26 ago. 2024.

agressor pode estar atrelada a normas sociais que, historicamente, perdoam ou ignoram assédios, sugerindo uma desconexão entre a desculpa e um entendimento genuíno da transgressão. Além disso, escancara o privilégio de ser um homem-branco: ele se acha autorizado a performar uma masculinidade estereotipada.

Dessa forma, podemos afirmar que o pedido de desculpas do torcedor-agressor é polissêmico, podendo ser interpretado tanto como um reconhecimento genuíno do erro, quanto como um mecanismo de defesa para evitar consequências, punições a ele. Pelas noções da AD, podemos compreender que esse pedido de desculpas inclui vozes que buscam remediação, mas também vozes que, frequentemente, trivializam comportamentos inadequados na sociedade.

SD9: Júlia Guimarães: *“Eu não te autorizo a fazer isso!”*

SD10: Júlia Guimarães: *“Isso não é educado! Isso não é certo!”*

Figura 26 – Júlia se posiciona 0’34 a 0’36.



Fonte: FANTÁSTICO, 25 mar. 2018.

Figura 27 – Júlia reforça a repreensão 0'37 a 0'39.



Fonte: FANTÁSTICO, 25 mar. 2018.

Figura 28 – Júlia Guimarães dá lição de moral 0'37 a 0'39.



Fonte: FANTÁSTICO, 25 mar. 2018.

Figura 29 – Júlia Guimarães finaliza o sermão 0’39 a 0’41.



Fonte: FANTÁSTICO, 25 mar. 2018.

Diante do nosso objetivo que visa identificar os sentidos atribuídos a acontecimentos jornalísticos, veiculados em coberturas ao vivo, que viralizam na ordem do digital. Sobre a produção de imaginários no movimento discursivo a partir do imprevisto em relação ao discurso-pauta, ao analisarmos as **SD9** e **SD10** e a sequência de imagens – Figuras 25 a 28 -, podemos compreender uma mudança nos efeitos de sentido no discurso da repórter após ser assediada ao vivo. Após o susto provocado pelo imprevisto na cena enunciativa e a reação do torcedor-agressor de pedir desculpas, podemos interpretar que Júlia Guimarães retomou a segurança, o domínio da situação no discurso e da posição que ocupava naquele momento. Mas, mesmo sendo uma vítima de assédio, ela representou, ali, o papel de uma mulher empoderada, uma cidadã que tem consciência dos seus direitos.

Neste momento do discurso, a sequência de Júlia dialoga com um interdiscurso de empoderamento feminino e resistência, conectando-se com discursos que defendem o consentimento e o respeito como normas sociais fundamentais: a insistência em dizer “Isso não é educado! Isso não é certo!” e reflete a memória de discursos sobre civilidade e comportamento respeitoso, contrastando com a norma social de ignorar ou minimizar o assédio.

É importante ressaltar como a Júlia conseguiu modificar os efeitos de sentido do discurso que criou. Podemos interpretar que ela soube mudar a ordem do discurso em favor da luta das mulheres. Ela soube aproveitar o fato de estar ao vivo para fazer da tela da televisão o seu palco para divulgar um discurso de combate ao assédio e respeito às mulheres.

Nas figuras 26 e 27, podemos observar que algumas pessoas olham em direção à repórter. Nesse sentido, podemos interpretar que a repórter fez questão de aumentar o tom de

voz com o intuito de ser vista e ouvida naquele momento. Por isso, podemos interpretar que ela soube contornar a situação em favor da luta pelos direitos das mulheres e, ainda, conseguiu chamar a atenção de pessoas que passavam pelo local.

Figura 30 – Júlia Guimarães no ar após o assédio 0’26 a 1’23.



Fonte: FANTÁSTICO, 25 mar. 2018.

A Figura 30 é o registro do momento seguinte ao assédio. Para analisá-la, vamos recorrer a Pêcheux (2010):

A questão da imagem encontra assim a análise de discurso por um outro viés: não mais a imagem legível na transparência, porque um discurso a atravessa e a constitui, mas a imagem opaca e muda, quer dizer, aquela da qual a memória “perdeu” o trajeto de leitura (ela perdeu assim um trajeto que jamais deteve em suas inscrições). (Pêcheux, 2010, p. 55).

Quando analisamos a materialidade significativa em questão, compreendemos a importância da AD, as filiações de sentido de unidade, de completude na criação de efeitos de sentidos nesse discurso. Quem tem acesso apenas à Figura 29, sem saber do contexto em que ela está inserida, pode acreditar que o sorriso estampado no semblante da repórter é a consequência de uma cobertura jornalística de um assunto positivo, isso sem saber tudo o que aconteceu minutos antes da entrada de Júlia Guimarães ao vivo, na sua estreia no programa *Esporte Espetacular*. Analisando apenas esse frame da imagem, é impossível interpretar os sentidos possíveis neste acontecimento jornalístico sem entender as condições de produção.

Analisando a imagem em seu contexto original, podemos interpretar que Júlia Guimarães retornou à posição discursiva de repórter, portanto, ela retomou a linha prevista pelo discurso-pauta. Pela imagem, podemos compreender que Júlia assume a posição discursiva de uma profissional que mantém a compostura e continua com o seu trabalho, mesmo após um

imprevisto, e os sentidos nesta imagem vão além. O sorriso da repórter pode ser interpretado como uma demonstração de resiliência, como uma tentativa de demonstrar que ela não será definida pelo incidente negativo, mas sim pela sua capacidade de superar adversidades. Mais um exemplo de atitude que a jovem repórter consegue passar para mulheres que são vítimas de assédio.

Voltando às questões sobre interdiscurso, podemos interpretar a reação de Júlia como um diálogo entre discursos mais amplos de resistência e superação, mostrando que apesar das adversidades, a determinação de seguir em frente é um ato de resistência. A escolha de prosseguir com o seu trabalho, mesmo após ter sofrido um assédio, conecta-se a discursos de empoderamento que incentivam as mulheres a não permitirem que experiências negativas as definam ou impeçam de seguir em frente.

Assim, a atitude de Júlia Guimarães pode ser interpretada como um exemplo a ser seguido de uma porta-voz de inúmeras mulheres. O microfone, nesse contexto, foi um elemento simbólico utilizado por ela para ampliar e ecoar a voz de milhares de mulheres que são assediadas a cada segundo em todo o mundo. Nesse sentido, podemos interpretar que o microfone assume várias significações. Primeiramente, porque quem está segurando com propriedade o aparelho é uma jornalista mulher brasileira, o que foge de todo um imaginário social da mulher dita brasileira no exterior e incorpora um outro lugar: aquela mulher que domina uma língua estrangeira e fala por outras mulheres, de outras nacionalidades, mesmo em um contexto de Copa do Mundo, muitas vezes tendo apenas apresentadores homens na posição de autoridade com o microfone.

Por fim, podemos afirmar que, tal como proferiu o apresentador Tadeu Schmidt, ao chamar a reportagem sobre o caso da Júlia Guimarães - “Foi a segunda vez que a Júlia sofreu assédio de torcedores na cobertura da Copa” - nos auxilia a compreender novos efeitos de sentidos no discurso da repórter. Por não ter sido a primeira vez que ela passava por uma situação de assédio no trabalho, ela poderia estar um pouco mais “preparada” – “armada” - para agir e reagir diante de uma violência como a que sofreu.

Na próxima etapa deste trabalho, vamos fazer as relações entre as duas análises, ressaltando as comparações e os padrões observados, de acordo com os conceitos da AD materialista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, faremos algumas reflexões que sabemos não serem conclusivas, pois elas não se esgotam aqui. Ao longo deste trabalho de pesquisa, percebemos que outras questões sobre o tema que propusemos podem ser levantadas e respondidas de várias maneiras, pois estão sujeitas a interpretações outras, a outros olhares e análises.

Ao nos basearmos na Análise de Discurso materialista para tentar compreender um fenômeno discursivo tão atual – imprevistos ocorridos na televisão que viralizaram nas redes, já sabíamos que este trabalho nos ampliaria o olhar, trazendo análises importantes para construção de novos efeitos de sentidos sobre o tema.

Diante de uma pesquisa que teve como objetivo inicial conhecer os sentidos atribuídos a acontecimentos jornalísticos veiculados em coberturas “ao vivo”, que viralizam na ordem do digital. Ao analisar a produção de imaginários no movimento discursivo a partir do imprevisto em relação ao discurso-pauta, podemos afirmar que essas construções de sentidos são centrais, também, para entender a dinâmica pela qual a sociedade se engendra atualmente. Na configuração dos sentidos e na constituição de suas subjetividades, percebe-se que essas práticas discursivas sustentam o quanto estamos imersos a um movimento efêmero e viral.

Ratifica-se, portanto, a viralização como uma prática social e discursiva agenciadora de sentidos diversos, que vão além do sentido previsto na pauta ou uma mera replicação de mensagens na Internet. Esse foi o fio condutor do nosso trabalho de pesquisa: buscar compreender os efeitos de sentidos que são construídos em discursos veiculados na televisão que viralizam nas redes após um imprevisto “ao vivo”. E fomos além: percebemos que esses discursos construídos durante uma cobertura de televisão “ao vivo” ao passarem pelo gesto de edição, ou seja, ao serem “recortados” do vídeo original e apenas os trechos com os imprevistos serem transportados para o meio digital provocaram grande repercussão e construíram novos efeitos de sentidos.

No caso da passageira Leila de Oliveira, após a viralização do vídeo em que ela foi entrevistada, as repercussões nas redes apresentaram duas formas possíveis de interpretação: muitas pessoas compartilharam o trecho do vídeo, valorizando e evidenciando a forma autêntica da passageira de denunciar a situação na estação de ônibus em que estava. Já outras pessoas compartilharam o mesmo trecho do vídeo reforçando que Leila de Oliveira fez ali o papel de porta-voz de milhares de usuários que enfrentam os mesmos problemas, diariamente, em vários pontos da cidade. Comentários em postagens como *“Leila nunca esteve sozinha... Isso quem tá dizendo não sou eu, são os quase 24 milhões de passageiros sem ônibus pra ir trabalhar!”*.

E, como consequência, comprovam essa mudança de efeitos de sentido, tanto que, no dia seguinte, Leila foi entrevistada, novamente, para falar sobre a “fama efêmera” após a participação no telejornal e, também, para discutir o problema enfrentado por passageiros de uma maneira geral e cobrar por soluções. Percebemos, portanto, que a construção de novos efeitos de sentido no discurso provocou, também, uma mudança dos lugares de enunciação, como compreende Zoppi-Fontana (1999). No processo de constituição do sujeito do discurso, podemos interpretar que Leila de Oliveira deixa a posição de passageira e assume um lugar como porta-voz dos usuários insatisfeitos com a qualidade do serviço prestado pelo transporte público – deixou de ser referida pela mídia apenas como uma passageira e passou a ser entrevistada como uma fonte jornalística com legitimidade para se discutir o problema.

No caso da Júlia Guimarães, a repórter que foi assediada “ao vivo”, percebemos o mesmo movimento discursivo. O trecho do vídeo que viralizou nas redes provocou repercussões que evidenciaram duas questões: a satisfação de pessoas ao verem um assediador sendo repreendido de uma forma bastante autêntica por parte de uma jovem repórter; e, por outro lado, os compartilhamentos motivados por defensores que apoiam a importância de se combater o assédio. O que podemos observar em comentários como *“Muito bem a repórter, tem que respeitar as mulheres, antigamente os abusadores faziam o que queriam com as mulheres e não dava nada, hoje em dia as mulheres não estão aceitando isso mais não”* [sic]. Além disso, após a viralização, o caso do assédio se transformou em pauta para outras reportagens sobre outros assuntos relacionados ao tema e também percebemos a mudança da posição-sujeito ocupada por Júlia Guimarães – de repórter e mulher assediada, passou a dar entrevistas como uma porta-voz de outras mulheres que sofrem violências, com legitimidade para discutir outros assuntos relacionados como feminismo, por exemplo. Percebemos, portanto, que, nesse caso, a mudança de efeitos de sentidos no discurso também provocou a mudança de lugar na enunciação.

Por meio de um quadro teórico-metodológico que perpassou os estudos do Discurso, sobretudo a Análise de Discurso de cunho materialista, com postulações advindas de Pêcheux (2015), Orlandi (2015), Moreira (2009), Dias (2018) e diante de um *corpus* interdisciplinar, também recorremos a conceitos-chave do Jornalismo que sustentam a necessidade de se continuar investigando essas temáticas ainda latentes na sociedade, principalmente na esfera midiática.

Ademais, trouxemos também, de forma específica, como objetivos, analisar as formas como os discursos são construídos, organizados e manifestados nas coberturas televisivas “ao vivo”, considerando as materialidades linguístico-discursivas e audiovisuais; e compreender

como esses enunciados são regularizados na língua. Em quais condições de produção esses enunciados foram produzidos? Como os efeitos de sentidos foram produzidos?

Dessa forma, para responder a essas demandas, nos debruçamos nas análises da discursividade do nosso *corpus* diante das diferentes materialidades significantes: materialidade linguístico-discursiva e a audiovisual. Em relação às formas como os discursos são construídos, organizados e manifestados nas coberturas televisivas “ao vivo” que viralizam, observamos que o imprevisto em relação ao discurso-pauta – o efeito surpresa do acontecimento discursivo – apresenta uma estrutura discursiva que, rapidamente, se reorganiza em torno do acontecimento inesperado e constrói novos sentidos para os discursos.

Dessa maneira, podemos interpretar que, diante das materialidades significantes analisadas e das condições de produção de cada caso, o imprevisto foi o responsável por alterar a ordem do discurso esperado, criando novos efeitos de sentido. Assim, o que não estava previsto no discurso-pauta da cobertura jornalística, ao romper com a linearidade do discurso previsto, provocou a (re)produção de outros sentidos no acontecimento discursivo, inferindo, a nosso ver, uma forte conexão emocional com o público, que passou a interagir e a compartilhar os trechos de vídeos na Internet. É o processo de transformação da própria audiência em promotores de postagens.

Portanto, é nesse trajeto da ressignificação que está a relevância do nosso trabalho de pesquisa, que buscou compreender os motivos pelos quais alguns vídeos de coberturas televisivas “ao vivo” viralizam e outros não. Diante disso, o que podemos interpretar nos discursos que são replicados como vírus na Internet, sob a ótica da AD? Sabemos que, para a AD, a viralização de um discurso no meio digital pode ser compreendida como o resultado de uma complexa interação entre diferentes fatores discursivos, ideológicos, subjetivos e tecnológicos. Ademais, envolve também a mobilização de sentidos, a ativação de memórias discursivas e a ressonância com formações ideológicas que encontram eco no público.

Ao analisarmos a materialidade linguístico-discursiva e audiovisual dos dois casos presentes no *corpus*, podemos concluir que as materialidades discursivas – imagens, gestos, expressões e os enunciados – são elementos que contribuem para a construção de efeitos de sentidos nos discursos com forte apelo emocional e identificação popular, ao contribuírem, significativamente, para a construção dos sentidos que levam à viralização.

No caso da Leila de Oliveira, a identificação com o público foi construída por meio de um discurso que rompeu com as expectativas da cobertura jornalística, gerando um efeito de proximidade e de autenticidade. Já no caso de Júlia Guimarães, o discurso de resistência frente ao assédio durante a cobertura ao vivo resultou em um impacto emocional significativo,

reverberando amplamente nas redes sociais. Essas reações, ao se afastarem do discurso-pauta previsto, criaram novos significados que foram amplificados na esfera digital. Duas mulheres, em diferentes posições sociais e laborais, mas que assumiram, em comum, o encorajamento frente às câmeras, para construir discursos sobre temas sociais relevantes, transformando, assim, o deslize, o imprevisto, em um ato político.

Ao trazer os operadores linguístico-discursivos para nos auxiliar nas análises discursivas, conseguimos elucidar alguns fenômenos presentes nos enunciados. Por meio de movimentos intertextuais (das análises linguístico-discursivas das diferentes materialidades significantes), demonstramos a abrangência de sentidos interpretados em cada sequência discursiva analisada. Nesse trabalho analítico, percebemos algumas marcas, tanto linguístico-discursivas quanto audiovisuais, que convergem para construir um discurso que rompe com a linearidade tradicional esperada em coberturas jornalísticas. Elas materializam sentidos de resistência, autenticidade e reivindicação, que, por sua vez, favorecem a viralização desses discursos no meio digital. A identificação do público com essas marcas é fundamental para entender por que tais discursos se espalham rapidamente nas redes sociais, criando novos significados e reconfigurando a relação entre a mídia e o público.

Uma marca linguístico-discursiva observada nos dois casos analisados está relacionada à coloquialidade e à espontaneidade dos sujeitos do discurso. No caso da passageira, ao substituir "vocês" por "ocês" ela faz uso de uma linguagem simples e espontânea que reforça um sentido de autenticidade e proximidade com o público composto por usuários de transporte público e moradores da cidade, cidadãos que, por mais que não utilizem os ônibus, sentem-se revoltados com a situação. Dessa forma, tem a sensação de serem representados pelo discurso de Leila.

Ainda no caso da passageira, pelas marcas audiovisuais podemos destacar o momento em que ela segura o celular de forma a confrontar a câmera jornalística. Esse gesto pode ser interpretado como um confronto simbólico com a mídia, em que o sujeito se coloca ativamente na cena, reivindicando o controle da narrativa. E o movimento do olhar de Leila também produz sentidos. Em vez de olhar apenas para a repórter, Leila olha diretamente para a câmera enquanto fala. O que podemos interpretar como pode ser uma tentativa de estabelecer uma conexão mais íntima e direta com o público.

No caso da repórter Júlia Guimarães, também identificamos algumas marcas linguístico-discursivas e audiovisuais que constroem sentidos de resistência, ética profissional e condenação ao comportamento impróprio de um assediado. Essas marcas, por meio da repetição, da postura corporal firme e da manutenção da câmera, trabalham juntas para

materializar um discurso de defesa dos direitos da mulher e dos limites sociais. Júlia repete imperativamente: *"Não faça isso! Nunca mais faça isso novamente, tudo bem?"* e *"Eu não te autorizo a fazer isso!"*. A repetição, aliada ao tom imperativo, materializa um posicionamento de resistência e enfrentamento. Ao dizer *"Isso não é educado! Isso não é certo!"*, podemos interpretar que Júlia constrói um discurso que questiona normas sociais e comportamentos inadequados. A linguagem formal, em contraste com a situação de assédio, reforça a postura profissional e ética da repórter em um espaço público, materializando um discurso de repreensão e de condenação do comportamento assediador.

Como marcas audiovisuais, podemos destacar que Júlia mantém um olhar direto para o assediador e se posiciona firmemente, sem recuar, mantendo a compostura e postura ereta. Podemos compreender o sentido de que a sua postura não apenas confronta o assediador, mas também estabelece sua presença no espaço, reafirmando seu controle da situação, apesar da agressão sofrida. O tom de voz de Júlia é firme e controlado, sem hesitação, reforçando a mensagem de que o comportamento do assediador é inaceitável. A materialidade da voz da repórter transmite segurança e decisão, o que dá força à mensagem discursiva de Júlia.

Por fim, tivemos como objetivo compreender quais são as discursividades capazes de promover maior identificação com o público, que passa a viralizar os discursos no meio digital. Dessa forma, compreendemos que o processo de viralização não tem o sentido apenas de transmitir algo corriqueiro, engraçado ou que chama a atenção de alguma forma, como acontece com os memes, por exemplo. Diante da nossa pesquisa, pudemos perceber que o ato de replicar um trecho de vídeo pode, também, ter um significado de pertencimento, uma possível sensação de se sentirem representados, como se fosse possível fazer alguma justiça com as próprias mãos.

De fato, a viralização é um fenômeno que escancara os imaginários que orbitam a sociedade, seja no fato de aceitação ou de recusa. Nos casos exemplificados, há um movimento de identificação e de pertencimento com as questões do imaginário compartilhadas.

No caso da Leila de Oliveira, uma mera entrevista com uma usuária de ônibus deu origem a uma replicação de um discurso de revolta, de denúncia e de lutas por direitos dos cidadãos. Além disso, Leila, ao se expor “ao vivo” durante uma entrevista na televisão, além de demonstrar coragem, de dizer o que pensa, sem medo de retaliação, ela escancara os problemas enfrentados por passageiros de uma forma popular e autêntica, o que promove muita identificação com as pessoas. Mesmo quem não é usuário do transporte público sentiu-se representado por ela. Foi o que transformou uma entrevista em uma atitude política, em que uma passageira “rouba” não só a palavra, mas toda a cena, aumenta o tom de voz e se impõe como um instrumento de defesa dentro da sociedade.

Após a análise discursiva do caso da repórter Júlia Guimarães, também podemos concluir que a reação da repórter diante de um imprevisto foi o que provocou uma identificação – ou uma conexão emocional – entre muitas pessoas que passaram a replicar o discurso dela nas redes. Uma jovem repórter, ao ser assediada enquanto trabalhava, em vez de se calar, usou seu instrumento de trabalho, o microfone, como armamento de luta contra o desrespeito às mulheres. A forma como ela construiu novos efeitos de sentidos durante o seu discurso provocou uma identificação, principalmente, entre as mulheres. Ao analisarmos as condições de produção e as diferentes materialidades significantes do acontecimento discursivo, podemos concluir que a viralização desse acontecimento jornalístico, especificamente, tornou-se uma lição de cidadania, ética e moral que merecia ser reverberada em todo o mundo.

Diante da questão que propomos discutir, de compreender quais foram as discursividades capazes de promover maior identificação com o público, que passa a viralizar os discursos no meio digital, esta pesquisa evidenciou que as discursividades capazes de promover maior identificação com o público são aquelas que rompem com as expectativas e apresentam uma autenticidade que ressoa com experiências cotidianas e emoções coletivas.

No caso de Leila de Oliveira, a identificação foi gerada pela representação das frustrações cotidianas dos usuários de transporte público; no caso de Júlia Guimarães, a identificação veio da defesa de valores éticos e morais em um contexto de violência de gênero. Ambos os discursos capturaram a atenção do público e foram amplamente compartilhados, mostrando como a conexão emocional e a autenticidade são fundamentais para a viralização.

Por fim, ao refletirmos sobre o objetivo principal do nosso trabalho – identificar os sentidos que são atribuídos a acontecimentos jornalísticos, veiculados em coberturas ao vivo, que viralizam na ordem do digital, ancoradas, sobretudo, por Orlandi (2015), reiteramos que essas viralizações são, portanto, produtos das práticas discursivas e estarão sempre em movimento, influenciando e sendo influenciados pelas condições de produção e pelas formações ideológicas.

Dessa forma, podemos interpretar que a configuração dos sentidos dos discursos analisados é produto de práticas discursivas que alteraram, não somente as ordens dos discursos que estavam previstos na pauta, como modificaram, também, as posições-sujeito para construir novos efeitos de sentidos aos discursos – comprovando que as práticas discursivas estão sempre em movimento diante das condições de produção de cada acontecimento. Portanto, é possível concluir que os sentidos atribuídos a esses acontecimentos são construídos a partir de uma tensão entre o planejado e o inesperado, onde o imprevisto ganha centralidade na produção discursiva.

Compreendemos que esta pesquisa, ao contribuir para o entendimento do fenômeno da viralização sob a perspectiva da Análise de Discurso materialista, a partir de agora, abre novas possibilidades de reflexões para investigações futuras sobre a relação entre mídia e discurso no meio digital.

REFERÊNCIAS

ARBEX JÚNIOR, José. **Showrnlismo**: a notícia como espetáculo. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

CAETANO, V.B.L, VINHAS, Luciana. Lugares de enunciação: uma análise de relatos de sujeitos autorreferenciados gordos. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v.14, n.29, p.355-365. 2020

COURTINE, Jean-Jacques. Definição de orientações teóricas e construção de procedimentos em Análise do Discurso. Tradução: Flávia Clemente de Souza e Márcio Lázaro Almeida da Silva. **Revista Policromia**, junho, 2016. Disponível em Acesso em 20 de janeiro.

DELA-SILVA, S.C. **A realidade-ficção do discurso televisivo**. 2004. 144f. Dissertação (Mestrado) Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista. São José do Rio Preto.

DELA-SILVA, Silmara Cristina. Televisão como Objeto Discursivo: o Discurso Televisivo no Brasil. **Intercom**, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Santos, 2007.

DELA-SILVA, Silmara Cristina. **Construindo o acontecimento jornalístico: por uma análise discursiva dos dizeres sobre o sujeito na mídia**. Análise de discurso em rede: cultura e mídia. Campinas-SP: Pontes Editores, 2015. Vol 1, p. 213-232.

DIAS, Cristiane. **Análise do discurso digital**: Sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

DIAS, Cristiane. **Análise do discurso digital**: sobre o arquivo e a constituição do corpus. ESTUDOS LINGUÍSTICOS, São Paulo, 44 (3): p. 972-980, set.-dez. 2015

DOROW Clóris Freire. **“Bombou”!** Uma análise sobre o funcionamento discursivo e a produção de efeitos de sentido dos memes no ambiente digital. Revista Thema, volume 2, número 1, p.58 a 78, 2023.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. **Para entender o texto**: leitura e redação. São Paulo: Editora Ática, 2018.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002. GUIMARÃES, E. O acontecimento para a grande mídia e a divulgação científica. In: GUIMARÃES, E. (Org.). **Produção e circulação do acontecimento**. Estado, mídia e sociedade. V.1 Campinas: Pontes Editores, 2001. p. 13-20

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LAGAZZI, S. M. O recorte significativo na memória. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L.; MITTMANN, S. (orgs.). **O discurso na contemporaneidade**. Materialidades e fronteiras. São Carlos (SP): Claraluz, 2009. p. 67-78.

LAGAZZI, S. M. A materialidade significativa em análise. In: TFOUNI, L. V.; MONTE-SERRAT, D. M.; CHIARETTI, P. (org.). **A análise do discurso e suas interfaces**. São Carlos (SP): Pedro & João, 2011a. p. 311-324.

LAGAZZI, S. M. Paráfrases da imagem e cenas prototípicas: em torno da memória e do equívoco. In: FLORES, G.; NECKEL, N.; GALLO, S. (org.). **Discurso em rede: cultura e mídia**. Campinas (SP): Pontes. p. 177-189, 2015.

MARIANI, B.S.C. **O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)**. Rio de Janeiro: Revan, 1998.

MOREIRA, Carla B. **Gestos de edição na divulgação do conhecimento: censura e resistência**. Gragoatá, Niterói, v. 29, n. 64, 2024.

MOREIRA, Carla. **Produção, circulação e funcionamento da censura na ditadura militar brasileira e no fascismo italiano: a censura na ordem do discurso**. 2009. 187p. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, 2009.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: Michel Pêcheux – Textos selecionados**. Campinas: 4 ed. Pontes, 2015.

_____. **Discurso em Análise: sujeito, sentido e ideologia**. 3º Edição. Pontes Editores, Campinas, SP, 2017.

_____. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. 12º Edição. Pontes Editores, Campinas, SP, 2015.

_____. **Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos**. 4º Edição. Pontes Editores, Campinas, SP, 2012.

_____. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6º Edição. Editora da Unicamp, Campinas, SP, 2007. 54

_____. **Discurso Fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional**. Pontes Editores, Campinas, 2003.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Língua e conhecimento linguístico: para uma história das ideias no Brasil**. São Paulo, Cortez, 2002.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 1996

PÊCHEUX, Michel. “Foi propaganda mesmo que você disse?”. In: **Análise de Discurso: Michel Pêcheux. Textos selecionados: Eni P. Orlandi**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2011 [1979].

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 3 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PEDREIRA, Patrick. **O que faz um conteúdo viralizar vai te surpreender**. Publicação no LinkedIn, 10 fev. 2016. Disponível em: <https://pt.linkedin.com/pulse/o-que-faz-um-conte%C3%BAdo-viralizar-vai-te-surpreender-patrick-pedreira>. Acesso em: 30 jun. 2024.

SILVA, André Luiz. **“ESTAMOS AO VIVO”**: estratégias discursivas em uma transmissão direta na televisão. Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET/MG, 2019.

SILVA, Jaqueline Araújo da. **Imaginários no discurso governamental “nazismo é de esquerda”**: silenciamentos e evidenciamentos. Dissertação (Mestrado) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Belo Horizonte, 2021.

SOUZA, Pedro de. **Videoverbete “A voz como anunciação”**. Youtube, 14 jun. 2020. Disponível em: https://www.google.com/search?q=pedro+de+souza+-+analise+de+discurso+-+tom+de+voz&oeq=pedro+de+souza+-+analise+de+discurso+-+tom+de+voz&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUyBggAEEUYOTIHCAEQIRigAdIBCjExODY1ajBqMTWoAgiwAgE&sourceid=chrome&ie=UTF-8#fpstate=ive&vld=cid:a9fdbcb90,vid:iglBkq5w290,st:0. Acesso em: 20 ago. 2024.

TEIXEIRA, Vivian Cristiane. **Divulgação do conhecimento e imaginário**: uma abordagem discursiva da exposição Demasiado Humano, do Espaço do Conhecimento UFMG Dissertação (Mestrado) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Belo Horizonte, 2020.

TRAJANO, Rafael de Moraes. Sujeito e sentido na musicalidade do Hip Hop. **Anais**. VI SAPPIL – Estudos de Linguagem, UFF, no 1, 2015.

ZOPPI-FONTANA, M. Lugares de enunciação e discurso. **LEITURA - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística**, Maceió, v. 23, p. 15-24, jan./jun, 1999.

ZOPPI-FONTANA, M. “Lugar de fala”: Enunciação, Subjetivação, Resistência. **Conexão Letras** - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, v. 12, n. 18, p. 68-71, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/conexaoletras/article/view/79457/46458>. Acesso em: 28 maio 2018.